

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

MIRIAM FLÁVIA MEDEIROS DE ARAÚJO

DALCY DA SILVA CRUZ: ITINERÁRIO INTELECTUAL E RESISTÊNCIA

**NATAL/RN
2017**

MIRIAM FLÁVIA MEDEIROS DE ARAÚJO

DALCY DA SILVA CRUZ: ITINERÁRIO INTELECTUAL E RESISTÊNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Dr.^a Ana Laudelina Ferreira Gomes.

NATAL/RN

2017

Catálogo na publicação na fonte/Biblioteca setoral do CCHLLA
Divisão de serviços técnicos

Araújo, Miriam Flavia Medeiros de.

Dalcy da Silva Cruz: itinerário intelectual e resistência / Miriam Flavia Medeiros
de Araújo. - 2017.

149f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro
de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Laudelina Ferreira Gomes.

1. Trajetória de vida. 2. Intelectual. 3. Reorganizações. 4. Cruz, Dalcy da Silva. I.
Gomes, Ana Laudelina Ferreira. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 316:37

MIRIAM FLÁVIA MEDEIROS DE ARAÚJO**DALCY DA SILVA CRUZ: ITINERÁRIO INTELECTUAL E RESISTÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Laudelina Ferreira Gomes

(Orientadora - Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN)

Prof.^o Dr.^o Thiago Isaías Nóbrega de Lucena

(Examinador Interno - Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN)

Prof.^a Dr.^a Tania Elias Magno

(Examinador Externo – Universidade Federal do Sergipe – UFS)

AGRADECIMENTOS

A nossa vida é feita de momentos diversificados, repletos de alegrias, tristezas, batalhas, conquistas e esperança. Em nenhum desses momentos estamos sozinhos, pois pessoas importantes sempre estão ao nosso lado e, no entanto, não podemos de forma alguma deixar de agradecê-las. Após dois anos de uma jornada constituída de muito aprendizado, aqui estou eu, diante de uma folha em branco, para agradecer a todos que me ajudaram a concluir mais uma fase importante de minha vida.

Inicialmente agradeço a Deus, que nunca me abandona, se fazendo presente em todos os dias de minha vida. Foi por meio do fortalecimento da minha fé Nele, que concluí este trabalho.

À minha família, de quem herdei coragem para buscar algo de melhor na minha vida, pautada na verdade e humildade das minhas raízes rurais! Obrigada pai e mãe por tudo! Ao senhor, meu pai, Pedro Dantas, que tanto se alegra com minhas conquistas acadêmicas, esse mestrado também é seu.

Ao meu marido Nuno Filipe que foi incansável no sentido de me ajudar durante todo o processo. Paciência e dedicação são dádivas dele. Obrigada, meu amor!

À minha equipe do Curso de Gestão Ambiental EaD do IFRN, que tanto contribuiu para essa conquista. Emanuel, Judicleide e, em especial a você Augusto, pelo incentivo e por aquela aula sobre Weber! Ela foi muito importante.

Aos meus queridos amigos que fiz no mestrado: Genilson, por me mostrar o lindo universo do estudo sobre mulheres; Rodrigo, por me ouvir e me mostrar caminhos para entender Dalcy; Ozaias, que compartilhou sempre comigo as minhas angústias e me ensinou a importância do perdão; e Karla, que foi uma grande companheira de jornada e me ensinou que quando temos um objetivo, temos buscar forças para resolvê-lo.

A Thiago Lucena, que desde o momento que me convidou a sair do interior para a capital me ajuda e acredita nas minhas vitórias. Foi o maior idealizador do projeto que se transformou neste texto final e percorreu comigo todas as etapas da

travessia. Um amigo, um irmão, um cúmplice para a vida toda. É, Thiago, dedico a você esse trabalho, a primeira etapa concretizada de um projeto, que busca publicar a obra de Dalcy. Obrigado por ter me apresentado Dalcy! Obrigado por acreditar em mim e estar sempre por perto.

A todos os interlocutores que se disponibilizaram a me conceder entrevistas sobre Dalcy. Foram encontros de grande aprendizado.

A Cristina, técnica de enfermagem e cuidadora de Dalcy, por mediar todo esse processo durante os dois anos de pesquisa. Você foi muito importante para a concretização dessa dissertação.

A família de Dalcy por me permitir a realização das visitas semanais para a construção da pesquisa.

A todos os professores que compartilharam seu conhecimento comigo nas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN.

A Jeferson e Otânio, secretários acadêmicos da Pós de Ciências Sociais da UFRN, que sempre me ajudaram na caminhada.

A minha profunda gratidão à minha orientadora, a professora Ana Laudelina Ferreira Gomes, que apostou nesse projeto e me acompanhou durante todo o mestrado com muito cuidado e carinho. Obrigada Ana por tudo que me ensinaste!

E por fim, à professora Dalcy da Silva Cruz que esteve ao meu lado durante todo esse tempo. Desde o dia que cheguei com a primeira versão do projeto de pesquisa em mãos, até hoje. Dalcy disponibilizou-me conhecer não só a sua vasta produção, mas a sua vida. Ensinou-me que a vida é feita de caminhos e descaminhos, e que lutar e resistir diante das dificuldades da vida é uma questão de escolha. Essa dissertação, agora concretizada, além de ser uma homenagem de muitos que te admiram, é a possibilidade de outras pessoas conhecerem a história de uma mulher, que busca diariamente alimentar sua sede de conhecimento, e que faz disso sua frente de atuação para mudar, não somente sua realidade pessoal, mas daqueles que se permitiram e se permitem tê-la como amiga, professora, colega de trabalho, mãe, dentre outras tantas possibilidades de ser Dalcy.

Obrigada, Dalcy! Contar a sua história foi uma mistura de sentimentos e descobertas que levarei para o resto da vida. Até o próximo café!

RESUMO

A presente dissertação faz um recorrido pela trajetória de vida de Dalcy da Silva Cruz, uma educadora, intelectual e militante do pensamento, cuja história de vida está atrelada a pertencimentos e acontecimentos diversos, dentre eles, a construção do ensino das Ciências Sociais no Rio Grande do Norte. Dividida em três etapas, que chamamos de “reorganizações”, expressão cunhada por Edgar Morin, em uma de suas autobiografias chamada *Meus demônios* (2000), percorremos o objetivo de revelar a complexa vida de Dalcy, marcada por descontinuidades, rupturas e pela conquista de diversos espaços dentro e fora da academia. Metodologicamente, optou-se por apresentar fragmentos da trajetória da vida de Dalcy, baseados em escritos autobiográficos de seu memorial, intercalando com outros autores lidos, dos quais destacamos: Morin (2000; 2013), Estés (2014), Almeida (2006; 2012) e Rago (2013). Foram realizadas num primeiro momento, entrevistas abertas e em profundidade, por meio de registros escritos e gravações em áudio com Dalcy e alguns interlocutores, que revelaram as múltiplas faces dessa intelectual. Posteriormente, foram feitas as transcrições dos áudios e consequente estruturação da parte escrita, a partir dos relatos da própria Dalcy, e da seleção de alguns textos representativos em sua produção, composta por artigos, falas, participações em congressos e eventos diversos. A pesquisa proporciona à sociedade, o acesso à trajetória de vida de uma intelectual, que contribuiu de múltiplas formas no campo da Sociologia e da Educação, com uma produção acadêmica que não se prende a áreas disciplinares e superespecializadas do conhecimento.

Palavras Chave: Trajetória de vida. Intelectual. Reorganizações.

ABSTRACT

The present dissertation makes a retrospective of the life trajectory of Dalcy da Silva Cruz, an educator, intellectual and thinking militant, whose history of life is connected to several belongings and events, between them, the construction of Social Sciences teaching in Rio Grande do Norte. Divided in three stages, which we call “reorganizations”, expression designated by Edgar Morin in one of your autobiographies named *My Demons* (2000), we pursue the objective to reveal the complex life of Dalcy marked by discontinuities, ruptures and conquest of various spaces in and out of academy. Methodologically, it was chosen to present fragments of the life trajectory of Dalcy, based In autobiographical writings of her memorial, intercalating with other authors read, which we highlight: Morin (2000; 2013), Estés (2014), Almeida (2006; 2012) and Rago (2013). It were made in a first moment, open interviews and in depth by means of written records and audio recordings with Dalcy, and some partners that revealed the multiple faces of that intellectual. Posteriorly, it were made the transcriptions of audios and consequent structuring of the written part, from the reports of the own Dalcy and the selection of some representative texts of her production, composed by articles, speeches, participation in various congresses and events. The research provides to society, the access to life trajectory of an intellectual that contributed in multiple forms in the field of Sociology and Education, with an academic production that is not attached to disciplinary areas and super specialized knowledge.

Keywords: Life Trajectory. Intellectual. Reorganizations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 Foto: O Retorno de Dalcy a Assú em 1960.....	40
Figura 02 Foto: Dalcy e suas colegas de curso na Escola Hunderood em João pessoa/PB.....	44
Figura 03 Diploma de Graduação em Bacharelado em Geografia de Dalcy pela UFPB.....	45
Figura 04 Foto: Dalcy em seu primeiro Congresso Internacional na Argentina.....	48
Figura 05 Foto: Dalcy e suas amigas em um momento de brincadeiras na Argentina.....	49
Figura 06 Foto: Dalcy e suas amigas em um momento de descontração na Argentina.....	49
Figura 07 Foto: Dalcy na Praça André de Albuquerque em Natal/RN.....	50
Figura 08 Foto: Dalcy produzindo relatórios técnicos da ANCAR em São Tomé...	55
Figura 09 Foto: Dalcy trabalhando na colônia de São Tomé.....	60
Figura 10 Foto: Dalcy ministrando um curso de formação para técnicos da ANCAR.....	61
Figura 11 Certificado de Dalcy de Bacharel em Sociologia e Política pela Fundação José Augusto/RN.....	63
Figura 12 Declaração de Aprovação de Dalcy como Professora na Fundação José Augusto/RN.....	65
Figura 13 Foto: Dalcy na Formatura da Turma de Sociologia e Política em 1970.....	66
Figura 14 Trabalho Apresentado por Dalcy como Requisito de Aprovação de Concurso Público da UFRN.....	68

Figura 15 Atestado de Aprovação de Dalcy no Concurso Público para Professora da UFRN.....	69
Figura 16 Foto: Atuação de Dalcy no Movimento Folcolares com Esposas de Líderes Comunitários e Mães.....	71
Figura 17 Foto: Reunião de Trabalhadores Rurais na busca dos seus Direitos..... Grande/PB.....	73
Figura 18 Foto: Dissertação de mestrado apresentada por Dalcy na UFPB de Campina Grande.....	76
Figura 19 Livro Publicado por Dalcy resultante do seu Projeto de Pesquisa.....	77
Figura 20 Tese de Doutorado defendida por Dalcy em 2001 na UFRN.....	80
Figura 21 Entrevista de Dalcy concedida ao Jornal Tribuna do Norte sobre Caio Prado Júnior.....	82
Figura 22 Entrevista de Dalcy à Revista Inter-Legere.....	95
Figura 23 Ailton Siqueira, Dalcy, Willington Germano, Ozaias e Ana Laudelina após defesa de Mestrado em Ciências Sociais de Ozaias (2015).....	115
Figura 24 Thiago, Boris Cyrulnik e Dalcy no II Ciclo Internacional Resiliência e Cultura (2009).....	125
Figura 25 Foto: Dalcy em um Recital na Escola de Música da UFRN.....	130
Figura 26 Fotografia Oficial do Primeiro Encontro da Pesquisa.....	135
Figura 27 Fotos: Exposição de Fotografias que homenageou Dalcy na UFRN.....	137
Figura 28 Fotos: Exposição de Fotografias que homenageou Dalcy naUFRN.....	137
Figura 29 Tour pelas praias urbanas de Natal com Dalcy.....	138

SÚMARIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	PRIMEIRA REORGANIZAÇÃO: O CAMPO, A INFÂNCIA E A DESCOBERTA DO CONHECIMENTO	29
2.1	ROSÁRIO SEM CONTAS: PRIMEIRAS HISTÓRIAS	32
2.2	JUVENTUDE E CIÊNCIA: VÁRIOS CAMINHOS DE UMA SÓ MULHER ...	44
2.3	DALCY PELOS OUTROS – PARTE 1	52
3	SEGUNDA REORGANIZAÇÃO: EMPUNHANDO A ENXADA, “VAMOS TRABALHAR?”	54
3.1	ESCOLHAS DECISIVAS: A UNIVERSIDADE, A VIDA INTELLECTUAL E A MILITÂNCIA.....	66
3.2	VÁRIAS FACES DA MESMA MULHER	67
3.3	CAIO PRADO JUNIOR: UMA DURADOURA PAIXÃO INTELLECTUAL	78
3.4	DALCY PELOS OUTROS – PARTE 2	82
4	TERCEIRA REORGANIZAÇÃO: TRAÇOS DE UMA INTELLECTUAL QUE RELIGA SABERES	90
4.1	PRODUÇÃO DE UMA INTELLECTUAL QUE RELIGA SABERES.....	95
4.2	DALCY PELOS OUTROS – PARTE 3	106
4.3	FILHOS INTELLECTUAIS: AMIZADE, CUMPLICIDADE E PARCERIA	111
5	OS DIAS ATUAIS E MAIS UMA IMPROVÁVEL REORGANIZAÇÃO	139
	APÊNDICE.....	148

1 INTRODUÇÃO

BREVE MEMORIAL ACADÊMICO

No curso de minha recente trajetória acadêmica, nunca direcionei meu interesse por trabalhar com biografias, embora, revendo todos os meus trabalhos produzidos nas graduações em Geografia e Pedagogia, e nas especializações em Educação Ambiental, Geografia do Semiárido e Literatura e Ensino, sempre busquei ouvir relatos de sujeitos envolvidos em minhas pesquisas. Em um primeiro momento, quando fiz um trabalho monográfico intitulado *As territorialidades da Praça Gentil Ferreira: diferentes usos e apropriações do espaço público* (2010), extrapolando as observações georreferenciais, o que mais me motivava no momento daquela pesquisa, era a possibilidade de ir a campo e ouvir relatos de tantas pessoas diferentes, que ocupavam diariamente um só espaço: “a praça”.

Posteriormente, ao produzir um trabalho de conclusão de curso em formato de artigo científico, de uma especialização intitulado *As margens da sociedade e do Rio: relatos de uma proposta interventiva em educação ambiental no Rio Potengi*, em 2012, lá estava eu inserida em um espaço que constituía um cenário cheio de saberes e possibilidades, e com tantos aprendizados para uma estudante de educação ambiental. Novamente, busco como recurso metodológico, entrevistar famílias, crianças, adolescentes, professores e pescadores que moravam às margens do Rio Potengi, no bairro Passo da Pátria, localizado na Zona Oeste de Natal. Os relatos dessas pessoas proporcionaram um diferencial ao meu trabalho.

Interiormente, sempre tive anseio por estudar a vida de uma pessoa que tivesse contribuído para a história da minha cidade, do meu estado, ou seja, alguém que houvesse, por meio de sua história pessoal, mobilizado outras histórias.

Dentre as minhas múltiplas atividades de trabalho e estudo, não costumava reservar tempo para me debruçar em leituras biográficas ou autobiográficas, mas sempre me chamaram atenção fotografias antigas ou recentes, de mulheres que fizeram o diferencial na história; que deixaram marcas indeléveis na vida, no comportamento e na atitude de tantas outras. O que me faltou, foi traduzir essa vontade em ações. Mas, o fato de demonstrar interesse por essas personagens da vida real, não eram necessariamente um fator preponderante para a escrita de um

trabalho formal sobre elas. Mantive esse desejo de escrita guardado por algum tempo no meu pensamento, e a admiração por esse *arquétipo*¹ de mulher forte e independente, florescia ao longo dos dias, potencializado por um desejo pessoal de me tornar uma. Ao retomar rapidamente um pouco de minha história até aqui, posso racionalizar que deixar a zona rural, no sertão do interior do estado do Rio Grande do Norte, onde nasci, escolher estudar e trabalhar, ao invés de engravidar e casar na adolescência, como a maioria de minhas amigas, migrar para a capital para começar do zero, ser a primeira de minha casa a possuir diploma de curso superior, são todas essas atitudes espelhadas nesse arquétipo.

Uma questão que aguça a minha pretensão de fazer uma pesquisa dessa natureza, seria a possibilidade de dar visibilidade a uma mulher que construiu uma trajetória intelectual e que, por muitas vezes, foi silenciada, mas que intempestivamente resistia. Desde já, ressalto a importância da realização de pesquisas, não só sobre intelectuais, mas outras categorias de mulheres: pobres, indígenas, escravas, operárias que não se destacaram e merecem ser estudadas.

ENCONTRO COM DALCY E A PROPOSIÇÃO DA PESQUISA

Ao término de minha graduação em Geografia, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRN), o destino me faz encontrar uma mulher que tinha uma postura, a meu ver, muito interessante e que se aproximava bastante do que eu tanto admirava. Ela vestia com naturalidade essa personagem que eu inconscientemente construía. Conhecer lentamente sua história, fez a minha curiosidade ficar cada vez mais aguçada. A partir de então, começam a surgir de forma despreziosa, os primeiros passos para uma longa caminhada que resultou na concretização deste trabalho. O nome dela? Dalcy da Silva Cruz, a princípio, professora Dalcy, doutora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, uma militante do pensamento, cuja trajetória de vida

¹ Segundo Carl Gustav Jung (2000), os arquétipos são conjuntos de “imagens primordiais” originadas de uma repetição progressiva de uma mesma experiência durante muitas gerações, armazenadas no inconsciente coletivo. Os arquétipos da Morte, do Herói e do Fora de Lei são exemplos de algumas figuras que todos nós temos no imaginário desde criança. Estão presentes nos mitos, lendas e contos de fadas passadas de geração em geração, mas também nos filmes e na publicidade.

está atrelada à história do ensino das Ciências Sociais no Estado do Rio Grande do Norte.

A reflexão a respeito da construção desta pesquisa iniciou-se no ano de 2010, quando me aproximei da professora Dalcy, num exercício de orientação de um trabalho acadêmico, mais precisamente um artigo científico, cujo título era *O significado da capoeira para a comunidade do bairro Bom Pastor*. Confesso que, em um primeiro momento, fiquei sem saber por quais caminhos teóricos e metodológicos aquela mulher iria me conduzir, uma vez que, para mim, era novidade o fato de uma professora formada em uma determinada área, poder contribuir com um artigo que percorria outras vertentes da ciência. Hoje entendo, que aquele receio se deu devido a minha iniciação na vida acadêmica, agregada a limitações de entendimento, referentes à complexidade no fazer da ciência. Aconteceria ali, a minha primeira experiência repleta de surpresas e aprendizados com aquela mulher. Hoje compreendo que um conhecimento só se efetiva vivamente, se somos capazes de reinseri-lo em seu contexto e quando não nos conformamos com apenas uma via explicativa.

Esse contato de proximidade se deu por meio de um grande amigo, Thiago Lucena, cientista social e professor da Escola de Ciência e Tecnologia da UFRN, que há algum tempo já vinha construindo uma relação de amizade e parceria intelectual com Dalcy, desde quando ela o orientava em alguns trabalhos acadêmicos. Por meio dessa relação, percebi que Dalcy adotava como prática de trabalho, manter seus alunos mais próximos de si e, por muitas vezes, se doava formando parcerias com eles, contribuindo intelectualmente nas produções acadêmicas e dando apoio para outros aspectos que formavam para a vida.

A forma severa e afetuosa com a qual ela se dirigia aos seus alunos, em diversos momentos, me chamava atenção, uma vez que, aquelas relações se solidificavam cada vez mais porque havia um comprometimento, uma cumplicidade entre ela e aqueles que no decorrer desta dissertação, chamaremos de “filhos intelectuais”, cuja expressão foi cunhada pela própria Dalcy, no sentido de estabelecer essa relação pautada na afetividade e no compromisso com a ciência.

Ao perceber essa postura de Dalcy, enquanto educadora e não apenas como professora, lembramos dos escritos de Clarissa Pinkola Estés² (2007, p. 15) na sua obra *Ciranda das mulheres sábias*:

O trabalho de amor se desdobra num nível terreno... Ou seja, o imperativo de ter grande prazer, de ter grande diversão, no bom sentido de examinar... O que significa abençoar; ensinar... O que significa mostrar como se faz; abrigar... O que significa falar do espírito e da alma e nunca simplesmente da mente e do corpo por si sós... E assim cuidar das outras almas de todas as idades que possam passar, mesmo que só por um momento ao nosso alcance.

A cada dia, a partilha generosa das experiências de trabalho e vida de Dalcy, levavam-me a realimentar o meu desejo de tornar real os estudos sobre uma mulher. Esse desejo ganha maior intensidade, quando em um encontro com Thiago Lucena, uma fala sua me chama a atenção. Thiago me falava, que em uma de suas idas cotidianas à casa da Professora Dalcy, ele, com a permissão da mesma, havia começado a fazer uma organização em sua biblioteca e, com isso, passa a estruturar uma catalogação de suas produções. Naquele momento, no ano de 2014, o objetivo dos dois passou a ser a publicação em formato de livros, daqueles múltiplos e muitos textos de Dalcy. Esse projeto caminhou, mas encontra-se pausado no momento atual.

Diante do que ouvia e via, fui aos poucos fazendo anotações de como poderia me afinar ao projeto. Em poucas semanas, tinha em mãos o esboço de um projeto de pesquisa e foi aí que resolvi lapidá-lo, para inscrevê-lo na seleção de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN. Percebi que havia uma linha de pesquisa chamada *Cultura, complexidade e pensamento sociale*, dentro dela alguns professores trabalhavam com trajetórias de vida, mulheres, intelectuais, linha essa que se aproximava do que eu poderia traçar em meu projeto. Fui aprovada na seleção e, sob orientação da professora Dra. Ana Laudelina Ferreira Gomes, pude começar a dar concretude às minhas inquietações, que agora se encontram neste texto. Mesmo ciente de suas tantas outras possibilidades, olhando para trás, percebo que esta dissertação de mestrado responde a uma demanda de reconhecimento, de uma mulher cuja história pessoal é indissociada da história das Ciências Sociais no

² Clarissa Pinkola Estés é uma psicoterapeuta junguiana que trabalha com estórias, contos, narrativas populares para refletir suas possibilidades para uma terapêutica de base junguiana.

Rio Grande do Norte, entre tantas outras entradas na política, no ativismo social e na docência.

Cabe destacar, que na UFRN existem espaços e grupos que desenvolvem estudos dentro da perspectiva biográfica, dentre eles destacamos: o Grupo Mythos-Logos: Religião, mito e espiritualidade, cuja linha de pesquisa Estudos, Trajetórias, Narrativas e Poéticas de Mulheres Artistas e Intelectuais, me incluo. Essa linha de pesquisa foi criada em 2016 e é coordenada pela professora Ana Laudelina Ferreira Gomes, que há muito tempo vem discutindo e produzindo trabalhos direcionados a estudar trajetórias de mulheres, que tiveram e têm um papel importante para a academia e para a vida. E o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia e Representações (GRIFAR), coordenado pela professora Maria da Conceição Passegi, que tem sido uma grande referência ao trabalhar com métodos biográficos.

Dessa forma, fui tomada por muitos questionamentos: como tornar público a história de uma pessoa, que tanto contribuiu para o cenário educacional do Rio Grande do Norte, e principalmente, as Ciências Sociais, não apresentando somente uma biografia cronológica? Como uma mulher que vivia em um contexto rural, e conseqüentemente, tinha um cenário de vida já desenhado pelas próprias circunstâncias, conseguiu quebrar contingências aparentemente usuais, em uma época tomada pelo machismo e preconceito? De que maneira, essa mulher foi durante a sua trajetória, assumindo posturas diferenciadas e migrando em diversos espaços na sociedade e na ciência? Quem são as gerações formadas por Dalcy e que relação essas pessoas têm com ela atualmente?

Com o passar dos dias, a consolidação de uma amizade com Dalcy, proporcionou a problematização deste trabalho, que propõe a emersão da sua trajetória, por meio das experiências que ela viveu na academia, nas amizades, nas ideias, na vida. Buscamos verificar, como essa mulher conseguiu sobrepor-se às determinações culturais de uma época, pautadas pela intolerância, o machismo, o preconceito, e de que forma ela foi percorrendo os caminhos, que a tornaram uma intelectual.

Há um processo de identificação da pesquisadora com a personagem central da pesquisa. Assim como ela, optei por não me contentar com a vida rural na qual nasci, e percebi que era preciso ousadia para galgar outros espaços. Assim como Dalcy, cursei Geografia, e percebo nesta ciência a complexidade da vida e do universo. Outra questão que traça nossa afinidade, é a busca incessante pelo conhecimento, que levou Dalcy a conquistar seu espaço, tanto como profissional, como mulher, para além de todas as dificuldades enfrentadas na vida.

Assumir essa condição de sujeito implicado no conhecimento que produz, ainda é uma atitude que não é de todo vista com bons olhos, por um estilo de ciência pautada na vigilância e na impessoalidade. Expressar em texto os traços de aproximação, entre o pesquisador e o fenômeno que estuda, não significa nivelar por baixo, nem diminuir o grau de rigor dedicado à pesquisa. Ao contrário, faz crescer ainda mais a responsabilidade com o conhecimento que se produz e, dado todo esse cuidado, é possível que venha à tona uma pesquisa pautada na inteireza, entre sujeito cognoscente e conhecimento produzido, conforme defende Maria da Conceição de Almeida (2006, p. 01). Nas palavras da antropóloga brasileira,

tudo que é descrito é fruto da experiência de um sujeito imerso numa dada realidade. É sempre da sua experiência que falam o autor, o escritor, o cientista. Longe, entretanto, de caracterizar um fenômeno de nosso tempo, pensadores marcados pela consciência da indissociação entre vida e escritura expressaram, com vigor, a relação do sujeito com o fenômeno do qual tratam.

Vida e ideias não se separam, assim como mente e corpo também não. Esse discurso binário originado no século XVII, e potencializado pela voz dos positivistas no século XIX, já não assusta neste início de século XXI, no qual toda a comunidade global vê-se obrigada a perceber a conexão entre tantas micro-crisis, que na verdade configuram uma grave crise de humanidade. Degradação do ecossistema, desregulação da economia, desmandos da política, entre outras situações chave, são vértices de um mesmo “nó górdio”, conforme expressão de Bruno Latour (1994). É preciso reconhecer a globalidade dos problemas, para, quem sabe, propor soluções também globais.

Uma pesquisa desta natureza faz-se importante por motivos acadêmico-científicos, mas também políticos. A história de Dalcy da Silva Cruz, atualmente com 86 anos de vida, confunde-se com a história das Ciências Sociais no estado do Rio Grande do Norte, com a federalização do ensino superior, com a história da Fundação José Augusto, com a estruturação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com a discussão ampliada da Reforma Agrária Brasileira, com a popularização de Caio Prado Júnior, que ela chama de “interpretador da cultura brasileira”, tão caro às Ciências Sociais brasileiras.

Além disso, que por si só já toca em situações sócio-históricas e geopolíticas importantes para o Rio Grande do Norte e para as Ciências Sociais, Dalcy é mulher, militante, professora, intelectual, leitora voraz de clássicos da literatura, apreciadora de pintura e de música; uma curiosa por opção, que não se contentou com a vida rural e de baixa escolaridade, fatalmente apontada para ela.

Como objetivo geral, buscamos perceber nas etapas da trajetória de Dalcy, as descontinuidades, rupturas e os paradigmas rompidos na sua vida, até chegar à conquista de diversos espaços, e principalmente, o que a constitui uma intelectual. A essas etapas chamaremos “reorganizações”, expressão utilizada por Edgar Morin, em uma de suas autobiografias chamada *Meus demônios* (2000).

Quanto aos objetivos específicos, tratamos de identificar os avanços que Dalcy teve, enquanto mulher para a época em que ela vivia; problematizar a importância de contar a própria história de sua vida, para inseri-la num contexto global; situar a importância de Dalcy em diversas áreas da ciência, principalmente das Ciências Sociais no Rio Grande do Norte. Por fim, identificar as contribuições dessa intelectual na formação de novos professores e intelectuais.

INTERLOCUTORES TEÓRICOS: SOBRE HISTÓRIA E MEMÓRIA

Quem conta uma história faz, necessariamente, apelo à memória, de forma a dar inteligibilidade à experiência. Uma vez recrutada e verbalizada, ou escrita, é possível que a história ressignifique o vivido, conferindo-lhe uma logicidade que constrói, organiza e justifica pontos de vista. A memória está mediada pela imagem

que fazemos de nós mesmos. Para transmitir a mensagem por meio da história, mais do que a palavra falada ou escrita, outros elementos entram em jogo: o corpo, o gestual, a sonoridade e entonação das palavras e expressões, ajudam a compor o cenário de compartilhamento de uma história.

Ao relatar sua história, o narrador apresenta parte dos fatos e eventos que o constituíram, de acordo com a situação e com as relações que ocorrem durante a própria narrativa.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 47).

No entanto, ainda para Bosi, nem sempre tal processo é consciente. Nele estão contidas continuamente, dimensões que escapam ao próprio narrador. A memória é processual e situada, ela vai construindo-se e desenhando sentidos (sempre parcelares), na relação que estabelece entre experiência passada, presente e projeção de futuro (desejo), e, igualmente, com a subjetividade daquele que escuta, num processo dialético entre a subjetividade do ouvinte e a do narrador. De acordo com Laurence Bardin (1997, p. 170), na elaboração do discurso:

é feito um trabalho, é elaborado um sentido e são operadas transformações. O discurso não é transposição transparente de opiniões, de atitudes e de representações que existam de modo cabal antes da passagem à forma linguageira. O discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições.

Gabriel Garcia Márquez (2003) nos convida à reflexão, na epígrafe do seu livro autobiográfico *Viver para contar*, no qual escreve que a vida não é o que a gente viveu, e sim o que a gente se recorda, e como se recorda para contá-la. Para tornar a realidade inteligível, portanto, as pessoas necessitam organizá-la por meio de narrativas, que estão em permanente movimento de intercâmbio, e em conexão com outras histórias.

Em Clarice Pinkola Estés (1998), percebemos a importância que há na socialização de histórias, como formas de curar feridas e corrigir erros do passado. Para a autora, o relato de uma história é considerado uma prática espiritual básica. A história pode ensinar, corrigir erros, aliviar o coração e a escuridão, proporcionar abrigo psíquico, auxiliar a transformação e curar ferimentos psíquicos. Logo, ao recordar o passado, temos a possibilidade de reviver experiências múltiplas e repensar nossa condição de existência, enquanto sujeitos históricos e também trans-históricos. Segundo Denice Bárbara Catani *et al* (2005, p. 27) :

Quando os sujeitos se voltam ao passado, eles não só sofrem a influência do distanciamento temporal que atua em todo processo de reminiscência e “dos sentimentos e emoções que conformam as lembranças”, apagando determinadas experiências e intensificando outras, mas também operam uma seleção, ao escolher os fatos considerados dignos de serem divulgados e ao privilegiar determinados aspectos em detrimento de outros, em busca de dar sentido ao relato da própria vivência.

Quase sempre, a trajetória de vida de um indivíduo sofre metamorfose com o passar do tempo, por diversos motivos: mudanças políticas, sociais, econômicas, emocionais, dentre outras. O que um mesmo sujeito pensava e acreditava, em uma determinada época de seu itinerário de vida, pode até manter-se em alguns aspectos, mas também pode mudar com o passar dos anos. Pode ainda, acoplar-se a novos pensamentos, ou negar vivamente ideias anteriores. Isto tem a ver como o que Giorgio Agamben defende em *O que é o contemporâneo e outros ensaios* (2009), quando fala da necessidade de “suspender o passo”, como uma imagem de uma permanente autoavaliação do percurso. Aquele que suspende o passo é capaz de reorganizar sua narrativa de vida.

A poesia é esse movimento do olhar para trás operado no poema e, portanto, um olhar para o não-vivido no que é vivido, tal como a vida do contemporâneo. O voltar-se para trás, suspender o passo, ver o escuro na luz, entrever um limiar inapreensível entre um *ainda não* e um *não mais* e compreender a modernidade como imemorial e pré-histórica são algumas das fraturas, das cisões no tempo com as quais o sujeito, o poeta, tem que lidar (AGAMBEN, 2009, p. 20).

A esse respeito, é ilustrativo fazer memória ao que os teóricos classificam nas leituras de Karl Marx, como sendo escritos pelo “jovem Marx” ou “velho Marx”. Tal classificação, se dá justamente pelo fato desse grande pensador das humanidades, ter se permitido rever temáticas, reproblematicizá-las, aprofundar algumas delas, rechaçar outras. Assim, a partir de um determinado contexto social, o indivíduo é levado a vivenciar mudanças, traçando muitos percursos, com idas e vindas, percorrendo diversos caminhos, mas que vão dando subsídios para que o sujeito se reconheça, faça escolhas, e vá construindo sua trajetória de vida.

A pesquisa com narrativas autobiográficas³, ajuda-nos a perceber que a vida do sujeito é singular, contudo a forma como é contada não é linear ou *a-histórica*. Cada um de nós, ao longo de nossa existência, esteve ou está imerso em papéis e lugares sociais carregados de significados. Catani (2003, p. 153) reflete sobre esse aspecto, afirmando que:

Ao construir uma narrativa autobiográfica, os sujeitos criam uma imagem de si próprios que constitui uma instanciada realidade relativa à sua maneira de representar a própria existência, sobretudo no tocante às escolhas efetuadas no decorrer da vida e aos valores que cultuaram em sua prática docente.

O exercício de retomada de trajetórias de vida opera numa relação, que por um lado, faz com que pensadores de referência tornem-se sujeitos de carne e osso, por meio da revelação dos motivos de suas escolhas teóricas fundamentais, seus demônios e obsessões pessoais. Por outro lado, nos revelam outras ideias de grande relevância, mas que não chegaram ao registro geral da ciência e da vida.

Podemos citar como exemplo, o reconhecido físico alemão Albert Einstein (BRIAN, 1999), cujas preocupações humanistas com os desmandos da civilização, só

³ A pesquisa autobiográfica utiliza diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. Esta é o componente essencial na característica do (a) narrador (a) com que o pesquisador trabalha para poder (re) construir elementos de análise que possam auxiliá-la na compreensão de determinado objeto de estudo. As narrativas permitem, dependendo do modo como são relatadas, universalizar as experiências vividas nas trajetórias de indivíduos (ABRAHÃO,2013).

chegaram ao conhecimento das pessoas, por meio da publicação de suas biografias e cartas, endereçadas a familiares e intelectuais de sua época.

Alguns poucos intelectuais de grande abrangência, dentro e fora do âmbito da ciência, exercitam a escrita e publicação de sua própria trajetória, como forma de lembrar histórias e rever decisões e escolhas teóricas do passado. Nessa esteira, é possível destacar Edgar Morin, um incansável construtor de um método que, ao invés de separar, reúne vida e ideias. Morin já permitiu a publicação de alguns diários e livros autobiográficos, tais como *Diário da Califórnia* (2012), escrito em 1969, *Meus demônios* (2000), editado em 1994, *Meu Caminho* (2010) e, *Meus filósofos* (2013). Neste último, Morin fala do entrelaçamento de sujeitos que construíram e estruturaram suas principais ideias e rumos de vida. (MORIN, 2013).⁴

Metodologicamente, foi feita uma revisão bibliográfica, trazendo a literatura de autores relevantes para sustentar teoricamente o trabalho, a saber: Edgar Morin (2010, 2013), Clarissa Pinkola Estés (2014), Ernesto Sábató (2008), Margareth Rago (2013) e Maria da Conceição de Almeida (2006, 2012). Tendo em vista a adesão da própria Dalcy à pesquisa, contamos com a mais privilegiada interlocutora no processo de lembrança dos aspectos que, para ela, são os mais relevantes em sua existência. Foi realizada uma composição de sua trajetória, a partir de seus relatos pessoais, aliados à compilação de documentos obtidos em pesquisas de campo, relativos ao seu exercício docente, militante, além de considerar posições de personagens, que fizeram e fazem parte, desse itinerário construído ao longo de sua vida.

REORGANIZAÇÕES GENÉTICAS UTILIZADAS COMO MÉTODO

No caminho de estruturação do formato do texto escrito, muitas foram as contribuições, advindas dos vários espaços por onde passamos e apresentamos as notas da pesquisa. Por ocasião do III ECHTEC (Encontro das Ciências Humanas e Tecnológicas para a Interação no Cone Sul), realizado na cidade de Goiânia, em maio

⁴ Atualmente é comum na carreira docente universitária a produção de memoriais intelectuais como forma de promoção na carreira.

de 2015, após apresentação de uma parte da pesquisa no Simpósio “Por uma tecnociência do diálogo: natureza e cultura”, pela primeira vez foi sugerido pelo professor Alex Galeno (UFRN), que buscássemos as obras autobiográficas de Edgar Morin, para nelas encontrar uma espécie de “fio da meada” para estruturar a dissertação. Em orientação coletiva, realizada no Grupo de Pesquisa Mythos-Logos, a ideia foi bem acolhida e incentivada pelos membros, por meio do esboço de um desenho do texto, começando pela trajetória, passando pela obra, até chegar aos interlocutores de Dalcy. Quando da Qualificação, o professor Thiago Lucena (UFRN) sugeriu que estruturássemos a dissertação por meio das reorganizações genéticas, propostas por Morin no livro *Meus Demônios* (2000).

Na obra em questão, o pensador planetário Morin, por meio de escritos autobiográficos, expôs sua história individual aparentemente numa dimensão micro. Mas, quando nos deparamos com essa história vamos percebendo os traços de universalidade que acabam por torná-la uma macro-narrativa. Em outras palavras, ao falar de si, do local, dos eventos pontuais de sua trajetória, acaba por acessar o universal. Nesse livro, Morin assume mais radicalmente que vida e ideias não se separam, mas estão articuladas. Nessa perspectiva, trás uma singular capacidade de transformar o vivido em conhecimento, e de transportar esse conhecimento para a vida, em um diálogo permanente.

Em *Meus Demônios*, Morin conta sua história, deixando vazar o contexto histórico, geográfico, geopolítico, cultural e intelectual dos lugares por onde passou, dos grupos aos quais pertenceu, das experiências que viveu. E ele faz isso por meio de uma estratégia de escrita, que me forneceu subsídios para estruturar essa dissertação.

Trata-se daquilo que ele chama de três “reorganizações genéticas”, nas quais apresenta três momentos cruciais de reviravolta, ou retomada de percursos em sua existência. Nas reorganizações genéticas, Morin vem nos falar de três meta-temas: epistemologia, política e ética. Na primeira reorganização, ele remete à influência do pensamento de Karl Marx e de Hegel, que contribuíram imensamente com a sua formação intelectual. Ressalta também, a sua busca por integrar verdades que se colocavam isoladas, para experimentar a contradição e a dúvida, não como perda ou entrave, mas numa perspectiva de complementaridade. Na segunda reorganização,

faz uma espécie de revisão revolucionária, revelando que mesmo pertencente ao Partido Comunista francês, não era afeito à dogmatização. Nessa dimensão política, sua resistência maior foi e é contra a crueldade do mundo. É, portanto, um intelectual militante. Na terceira reorganização, ele vai consolidar a escolha por aquilo que alguns chamam de teoria dos sistemas complexos ou pensamento complexo, a qual se baseia no tetragrama ordem-desordem-interações- reorganização.

As reorganizações genéticas escritas por Morin, tornam-se para nós, uma referência de método de organização desta pesquisa. A trajetória de vida de Dalcy está, nas páginas que se seguem, alinhada às organizações genéticas propostas por Morin. Elas revelam a necessária, e muitas vezes a urgente atitude de todo sujeito se reorganizar sempre, para sobreviver às contingências e armadilhas pregadas pela vida. Dalcy durante sua trajetória precisou fazer isso, uma vez que em seu percurso foram experimentados momentos de crise, incerteza, ambiguidade, mudança de trajeto. Suspende o passo, pensa bem, milita contra um pensamento que a segrega, desterra, polariza.

O estilo das reorganizações de que trata Morin, ganharam ainda mais sofisticação teórica quando, a partir de 2009, ele abre espaço maior em seus escritos e falas, para a ideia de crise. Ele tem nos ensinado que é preciso experimentá-la e dizer: “seja bem vinda crise!”, por que são esses momentos cruciais que “agravam as incertezas, favorecem os questionamentos, podem estimular a busca de soluções e também provocar reações patológicas, como a escolha de um bode expiatório” (MORIN, 2010, p. 09).

Ao relatar os instantes entre ordens, desordens e reorganizações como críscos, Morin não nos traz qualquer proposta de conduta ou receitas de como lidar com isso. É da sensibilidade para lidar com aquilo que escapa às certezas e equilíbrios que ele nos fala. “O caos pode ser destruidor, pode ser genésico, trata-se, talvez, da última oportunidade no último risco” (MORIN, 2011, p.188). Revelando a necessária ambiguidade e ambivalência necessárias, para viver em tempos de crise, Morin consegue soar trágico e esperançoso ao mesmo tempo, ao delinear dois caminhos distintos e opostos, sendo a escolha de um, a negação do outro, e das possibilidades que o mesmo traz.

Uma vez reunido, todo o vasto material que conta a história de vida de Dalcy (gravações, depoimentos, revisão de textos acadêmicos, literários, e autobiográficos), emerge a ideia de organizá-lo, a partir da percepção de instantes de reviravolta em sua vida. Cobia muito bem perceber a árida infância sertaneja, a militância no meio rural e a necessidade de religar saberes dispersos, como três importantes reorganizações na vida de Dalcy. Os fatos de sua trajetória estão elencados por vezes de maneira linear, por vezes de maneira diacrônica, mas, em comum, cada descrição das reorganizações de Dalcy, possui a seguinte estrutura: trajetória e subjetividades, produção intelectual e depoimentos de interlocutores que mais têm a ver com cada momento.

ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

No sentido de organizar uma estrutura para o trabalho, num primeiro momento, foram realizadas entrevistas abertas e em profundidade com Dalcy, registrando tudo por escrito, e auxiliado por gravações em áudio. Posteriormente, foram feitas as transcrições dos áudios, e conseqüente estruturação da parte escrita da dissertação, a partir dos relatos da própria Dalcy, e da seleção de alguns textos representativos em sua produção, composta por artigos, falas, participações em congressos e eventos diversos. Foram entrevistados estudantes, professores, pesquisadores e amigos de Dalcy, que revelaram múltiplas faces dessa mulher. No que diz respeito à memória, uma das categorias trabalhadas neste estudo, torna-se importante enfatizar, que essa não pode ser pensada como um recurso que se apresenta de forma linearizada, com a presença de datas e acontecimentos sequenciais. Compreendemos a memória como um operador lacunar, movido pela intensidade das circunstâncias e não cronológica.

A própria Dalcy, generosamente dispôs todo o seu acervo pessoal impresso e virtual, bem como seus livros e recortes de jornal, para que tivéssemos livre acesso ao longo de toda a pesquisa e escrita do texto final. Isso conota a confiança que se estabeleceu, desde o início entre pesquisador e sujeito da pesquisa.

Antes de apresentar de forma resumida, como se distribuem no corpo do texto as chamadas reorganizações de Dalcy, de maneira mais panorâmica, dizemos que

cada uma delas estrutura-se na seguinte lógica organizativa: fluxos da história de vida de Dalcy propriamente dita, relatados por ela própria nas entrevistas que nos concedeu e pelos textos biográficos e autobiográficos a seu respeito. Intercalado a isso, levantamos referências históricas, para demonstrar o contexto local e nacional, de quando os fatos se desenrolaram propriamente. Num segundo momento, em cada reorganização, trazemos à tona fragmentos de alguns textos importantes de autoria de Dalcy, para com eles reforçar as convicções de pensamento da própria, sobre os temas que vão se apresentando e fazer nossos comentários analíticos, a partir da leitura integral de cada um deles. Finalizamos cada reorganização com o que chamamos “Dalcy pelos outros”, para então alterar o foco da representação, de maneira que pessoas que conviveram com ela, em cada etapa de sua vida, possam revelar nuances projetivas que, muitas vezes a modéstia, ou a seletividade normal da memória do personagem principal, poderia ocultar. Devido à abrangência da produção bibliográfica de Dalcy, selecionamos alguns textos, levando em conta questões históricas que foram desenhando sua trajetória, sua discordância de uma ciência enquadrada e, principalmente, a construção de seu grande objeto de pesquisa, que foi o movimento de lutas no campo.

As três reorganizações se apresentam da seguinte forma: a primeira chamada **O CAMPO, A INFÂNCIA E A DESCOBERTA DO CONHECIMENTO**, traz a narrativa inicial da trajetória de Dalcy, relatos sobre sua infância e vivência inicial no campo, o contato com a natureza e as descobertas realizadas, resultantes de sua curiosidade e autodidatismo. Fala também de sua chegada à universidade e os caminhos que ela foi percorrendo, até sua atuação enquanto pesquisadora e militante da terra. Apresentamos também fragmentos de seu texto *Rosário sem Contas* (2014) e o depoimento de sua irmã.

Na segunda reorganização, **EMPUNHANDO A ENXADA: VAMOS TRABALHAR?**, apresentamos uma fase de Dalcy, na qual ela volta sua energia para a militância no campo, na década de 1960, quando desenvolveu atividades como extensionista da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (ANCAR). Foi um momento de grande importância, uma vez que Dalcy teve contato direto com a Sociologia, embora discordasse em grande parte da prática adotada por aquela instituição, considerada por ela positivista. Dalcy vive momentos de crise e de redirecionamento da sua trajetória, optando decisivamente por se

dedicar à docência, à militância e à produção intelectual. Buscamos depoimentos de interlocutores que conviveram, compartilharam sonhos e trabalho com ela, e procuramos destacar alguns textos que vão desenhando a caminhada e o pensamento de Dalcy ao longo desse percurso.

Na terceira e última reorganização intitulada **TRAÇOS DE UMA INTELLECTUAL QUE RELIGA SABERES**, buscamos entender esse novo momento vivido por Dalcy, no qual ela passa a frequentar outros espaços de conhecimento, na busca incessante por aprender. Apresentamos depoimentos e trazemos alguns interlocutores, que vivenciaram momentos diversos com Dalcy, dentro e fora da academia. Esses interlocutores, fazem parte de uma geração que hoje ocupa papéis importantes em diversos espaços sociais, como: educação, universidade, política, Igreja e tantos outros de relevância social. Grande parte desses interlocutores formaram-se, ou compartilharam experiências de grande aprendizado com a própria Dalcy. Por fim, estruturamos um levantamento de alguns textos que fazem parte da produção acadêmica de Dalcy, construída durante esse trajeto intelectual, em que ela incorpora nas leituras e escritos intelectuais, as chamadas ciências da complexidade.

Cada uma das reorganizações abre importante espaço para um tópico que chamamos “Dalcy pelos outros” por meio das partes 1, 2, 3 e 4. Nele elencamos o conjunto de entrevistas que versam sobre a relação dos entrevistados (colegas, amigos, parentes, alunos) com Dalcy. Feitas todas as concatenações das falas as publicamos na íntegra. Todas as entrevistas basearam-se num pequeno roteiro que pode ser visualizado nos anexos.

O texto que apresentamos na sequência não pretende dar conta da totalidade. Ao contrário, assume desde as primeiras linhas a parcialidade, as lacunas, os silêncios que toda narrativa de vida comporta. Tem em sua personagem central a admiração, plasmada no desejo de organizar fatos e instantes importantes, que reorganizaram não apenas a vida da própria Dalcy, mas de parte do cenário social, político e educacional no qual interferiu ao longo de sua vida.



“Eu sempre tive o interesse de conhecer um mundo diferente daquele no qual nasci” (Dalcy da Silva Cruz)

2 PRIMEIRA REORGANIZAÇÃO: O CAMPO, A INFÂNCIA E A DESCOBERTA DO CONHECIMENTO

Dalcy da Silva Cruz, principal personagem real que dá vida a toda esta pesquisa, apresentada agora em forma de dissertação de mestrado, é uma educadora brasileira que dedicou a maior parte de sua vida à construção de uma ciência democrática, acessível à maioria das pessoas; uma ciência que dialoga com os grandes clássicos universais, mas também mergulha as mãos no chão das realidades locais. É assim que Dalcy compreende uma ciência mais inteira e, para compreender o que solidifica essa percepção, é preciso retomar partes que consideramos significativas de sua trajetória intelectual, e de sua militância, nas mais diversas causas. Apresentar Dalcy se põe para nós, como um problema de fundo complexo, como na raiz latina da palavra *complexus*, que significa “aquilo que é tecido em conjunto” (MORIN, 2013). São várias as faces de uma mesma Dalcy, que fomos encontrando a cada encontro com a mesma, a cada leitura de textos de sua autoria, a cada depoimento fornecido por pessoas que com ela conviveram, em momentos distintos de sua vida.

Dentre as múltiplas formas, de enxergar e tentar revelar em texto essa Dalcy plural, um elemento se fazia presente, como que para constelar uma imagem da marca original de Dalcy. Esse elemento é a terra. A terra surge primeiro e vai redesenhando uma trajetória, que se reorganiza, à medida que se torna necessária na formação dessa intelectual. Em uma síntese inicial, ela passa sua infância e adolescência no campo; quando elege o campo de estudo das Ciências Sociais para trabalhar, volta-se para a Sociologia Rural; quando liberta seu espírito militante, veste a camisa da luta pela reforma agrária e, na maturidade, dedica sua maior preocupação aos desmandos da civilização do planeta. É de terra que se faz sua vida. Cada uma dessas possibilidades, será retratada ao longo de todo o texto, acompanhado de fatos e imagens.

Nesta primeira reorganização, percebemos que a relação de Dalcy com a componente terra, já se marca fortemente no início de sua trajetória, quando ela faz inicialmente o êxodo contrário, migrando do urbano para o rural, na sua infância, e com isso faz descobertas que vão se estruturando nas outras reorganizações: a

militância pela reforma agrária, a necessidade da sobrevivência na sociedade enquanto mulher, o encantamento pela cultura.

As primeiras incursões na vida e obra de Dalcy, nos permitiram chegar ao objeto desta pesquisa, que é o de perceber as mudanças significativas, pelas quais a intelectual Dalcy permitiu-se viver em sua trajetória de vida. A principal referência escrita, utilizada quanto à biografia de Dalcy, é o seu memorial acadêmico intitulado *Quem sou eu*, texto de caráter autobiográfico, escrito em 2014, a pedido da Associação Francófona Internacional de Pesquisa Científica em Educação (AFIRSE), da qual ela é membro desde 2001. Incursionamos também em leituras no seu *Rosário sem contas*, outro texto autobiográfico concluído em 2014, mas ainda não publicado. Além destas referências, contamos com os relatos orais da própria Dalcy, nos quais ela apresenta subjetividades (RAGO, 2013) em relação a diversos momentos vivenciados na sua trajetória.

Um trabalho que se pauta na emergência de uma trajetória de vida, requer uma pesquisa aguçada, especialmente no que diz respeito a possíveis imprecisões históricas dos fatos abordados. Nesse sentido, todas as etapas da trajetória de vida de Dalcy serão mergulhadas no contexto sócio-histórico e geopolítico do Rio Grande do Norte e, por extensão, do Brasil.

O contexto inicial é a década de 30 do século XX. Dalcy, como uma pessoa do sexo feminino, nascida em família pobre e de matriz rural, tinha um *script* pronto para sua vida: aprender os ofícios domésticos e os trabalhos rurais, encontrar um bom marido, casar-se, ser mãe e constituir uma família, de preferência, numerosa. Nesta mesma década de 1930, temos no cenário brasileiro e mundial, mulheres conquistando timidamente lugares de destaque na sociedade, até mesmo as de baixo poder aquisitivo já começavam a ocupar o espaço público, trabalhando. Não podemos deixar de citar, a conquista das mulheres no seu direito de votar. A manifestação do movimento feminista no Brasil, se deu através da luta pelo direito do voto das mulheres, o qual foi expresso a partir das eleições de 1932, em Mossoró, no Rio Grande do Norte. Nesse período, chamado de primeira onda do feminismo, as mulheres também estavam nas lutas operárias (ALVES, 2013).

O acesso das mulheres de posições sociais destacadas à educação, estava ganhando espaço mais amplo, o que ainda garantia a elas o aprendizado de uma profissão, ainda que num fosso de distância de homens da mesma faixa etária.

Segundo Gomes (2013, p. 22):

Não era fácil vencer as barreiras de uma educação voltada meramente ao lustro da mulher visando adequá-la às exigências do convívio social da vida burguesa e para o cumprimento a contento de seus papéis de esposa e de mães cristãs.

É importante ressaltar, que mesmo com o avanço da mulher em diversos espaços sociais, o cenário acima citado perdura no contexto atual, pois nem todas as mulheres conseguem ser protagonistas de sua própria história e, por questão de escolha ou forçadas por determinadas circunstâncias, acabam optando a condição de ser apenas esposa, mãe e cuidadora de um lar.

A partir do século XX, com o fortalecimento das mobilizações, movimentos, estudos e efetiva participação da mulher nos sindicatos, escolas, universidades e associações, a luta das mulheres contra a discriminação, violência e preconceito de gênero, se torna cada vez mais visível. Sobre isso, Denise Rodrigues (2003, p. 15) coloca que:

Os desejos, as angústias, enfim, a história de vida das mulheres se torna pública. Mesmo assim, o modelo econômico neoliberal em que vivemos, com todas as transformações ocorridas na condição feminina, leva à exclusão social de muitas mulheres que não são capazes de decidir sobre suas próprias vidas.

Na década de 1930, o Brasil passava por um momento de transição, devido ao processo de industrialização, que reorganizava tempo e espaço na sociedade. Sobre isso, Leni Trentim Gaspari (2003, p. 72) diz que “a sociedade industrializada necessitava de mão de obra para os diferentes campos de trabalho que se abrem e percebem o significado da inserção da mulher nos meios profissionais e da escolarização, como elemento preponderante a essas mudanças”.

Com as lutas sociais e o fortalecimento do movimento feminista no Brasil, a mulher começava lentamente a ganhar um novo espaço no mundo do trabalho das fábricas, mas em um contexto de exploração extrema e ausência de direitos.

Ainda para Rodrigues (2003, p. 21):

A condição feminina, o trabalho fora do lar, o casamento, a família e a educação deveriam ser repensados e praticados de uma maneira renovada. As relações entre homens e mulheres deveriam ser radicalmente transformadas. As mulheres só teriam novas oportunidades de trabalho e de participação na vida social, se desfrutassem de condições de igualdade com os homens.

Principalmente a partir da década de 50 do século XX, aumentou a participação feminina no setor de consumo coletivo em escritórios, no comércio ou em serviços públicos, surgindo mais oportunidades de emprego para as mulheres atuarem como enfermeiras, professoras, funcionárias burocráticas, médicas, assistentes sociais, vendedoras, entre outras. Tal demanda exigiu uma maior escolaridade feminina e provocou mudanças no *status* social das mulheres.

2.1 ROSÁRIO SEM CONTAS: PRIMEIRAS HISTÓRIAS

O percurso da pesquisa vai sendo apresentado com um retorno à década de 1930, para retrocedermos à infância e juventude de Dalcy. Época em que ela viveu tempos de grandes descobertas, aprendizagens e rupturas com questões que não a faziam enxergar o mundo de uma forma mais completa, como ela desejava. Suas vivências foram muitas: a experiência ligada ao campo e a militância pela reforma agrária; a descoberta da Sociologia em contexto rural, e por fim, a sua história na academia, onde percorreu diversos caminhos e descaminhos, a lhe proporcionarem grandes experiências com a ciência e com a vida.

Dalcy nasce em 15 de Agosto de 1930, na cidade do Natal, mais precisamente na Rua Borborema, no bairro do Alecrim, onde viveu um pouco da sua infância. Posteriormente, acompanhada de sua família, foi morar na região oeste do estado, na

cidade de Angicos e, logo após, no pequeno povoado denominado de Rosário, hoje conhecido como Ipangaçu.

Durante esse período, vivendo em um contexto simples e envolvida pela natureza, Dalcy já começava seus primeiros contatos com o conhecimento formal, uma vez que sua mãe, Vicência da Silva Cruz, preocupada com seu futuro, já lhe apresentara uma cartilha do ABC e uma tabuada, que foram bases essenciais para o desenvolvimento e relação com o mundo das letras e números, e também com saberes locais, como a contação de histórias, as cantigas de roda, a dança e diversos elementos que faziam parte do contexto cultural daquele lugar.

Visualizamos em Dalcy, num primeiro momento, traços de uma pessoa que agregaria na sua formação aspectos do autodidatismo, uma vez que sempre buscou alternativas de conhecer, além do que lhe era apresentado. Tal característica fazia parte da personalidade de muitas mulheres que viveram em séculos passados. A exemplo, pode-se citar algumas monjas que estudavam autodidaticamente em mosteiros, como a primeira feminista latino americana Sórora Juana Inés de La Cruz, e algumas escritoras oitocentistas, a exemplo de Auta de Souza (1876-1901), que foi muito além dos três anos de estudo formal que teve em colégio interno de freiras no Recife (GOMES, 2013).

Essas mulheres mesmo diante de um contexto de opressão existente em cada época, já traziam posturas de autodidatas quando liam romances de madrugada, escreviam cartas e poesias (MORAIS, 2002)⁵.

No cenário nacional, por volta de 1932, o Brasil enfrentava uma epidemia de febre amarela. O pai de Dalcy, o senhor Manoel Lídio, que trabalhava na área de saúde, foi promovido ao cargo de Guarda da Febre Amarela e teve que se mudar com a família para o município de Assú/RN, para trabalhar no combate à epidemia.

⁵ Escritoras oitocentistas tiveram problemas para se firmar como intelectuais no campo da literatura e da imprensa, pois seus escritos eram considerados subversivos para a época. Nesse contexto havia um duplo preconceito com as escritoras negras, como aprofunda Genilson Farias no artigo *Auta de Souza no espaço público da imprensa e da literatura brasileira oitocentista* (2015), onde aborda essa questão de raça e gênero a partir da escritora Auta de Souza.

Dava-se início a um momento de descobertas, encantamentos e também de dificuldades para Dalcy. Segundo ela nos conta:

No início, quando papai chegou em casa nos dizendo que teríamos que mudar para o interior, ficamos todos um pouco assustados, mesmo sem entender muita coisa que estava acontecendo. Ali, eu não tinha ideia que viveria minhas primeiras experiências com o campo e criaria autonomia para resolver situações importantes, mesmo sendo uma criança (CRUZ, 2015).

Em um de seus textos ainda não publicado, denominado *Rosário sem contas*, Dalcy faz um relato poético desse momento tão importante, que foi sua infância. Não considera o referido texto uma produção autobiográfica, nem um desabafo, e sim o relato de uma mulher, que aos oitenta e três anos, sentiu o desejo de compartilhar o início de um caminho caracterizado pelo seu contato com a natureza, com elementos culturais daquele lugar, com situações que exigiram, mesmo na infância, posturas de uma pessoa adulta e que foram fundamentais para a principal escolha que ela fez em sua vida: a busca incessante pelo conhecimento (CRUZ, 2015).

Ela faz uma relação dos seus primeiros anos de vida com os escritos de João Cabral de Melo Neto, em *Morte e vida Severina* (1955), quando ressalta a infância simples, em meio à mais crua realidade de fome e seca no sertão nordestino. Foi no município de Assú, localizado na microrregião do Vale do Açu, região oeste do estado do Rio Grande do Norte, mais especificamente em um pequeno povoado denominado Rosário, localizado na várzea do Assú, hoje conhecido como Ipanguaçu, que aquela menina simples e sonhadora, vivenciou momentos marcantes de sua infância.

Muitas foram as experiências vividas em Rosário, desde seu contato integral com a natureza, com a cultura popular até passar por momentos, ditos por ela, “engraçados”, mas que naquela época eram um verdadeiro terror.

Me lembro bem da primeira casa que morei, era de taipa, sem reboco, isto é, o barro socado entre as madeiras, uma porta e uma janela, modelo comum no interior do Brasil. Um vasto quintal, local para onde acorriam muitos passarinhos a beliscar restos de comida jogadas pela minha mãe e outros elementos que lhes servissem de alimentos. Eram pássaros lindos, brancos de cabeças vermelhas que me encantavam e eu chorava porque queria pegá-los. Eram galos de campina. Quando

corria atrás deles, os bichinhos voavam tão rapidamente que eu ficava chorando. Havia também muitas cobras, grandes, pequenas, pretas, vermelhas que me aterrorizavam. Aliás, em uma noite, estávamos sozinhas, mamãe, minha irmã e eu, quando algo apareceu brilhando, em um dos caibros da casa de um pretume relusente. Era uma enorme cobra preta. E nós, ficamos olhando para onde ela iria se mexer. Se avançou sobre nós, se saiu dali, não tenho muito claro na mente o que ocorreu. Só sei que tive muito medo de ser abocanhada por aquele monstro. Também, quando ia com minha irmã mais velha buscar leite pelos cercados, eu sempre encontrava cobras e saía correndo com medo.

Foi ali que também aprendi a ouvir o som do vento soprando, principalmente à tarde, quando os ventos alísios, aqui chamados de vento nordeste, começavam seu movimento. Apreciava a beleza das macambiras, das aroeiras, o cheiro da jurema. As flores silvestres que encantam o sertão, como também os funis de areia provocados pelos ventos que sopravam à tarde formando grandes redemoinhos. Era assim que vivia (CRUZ, 2015, p 03).

Ainda nesse mesmo texto, Dalcy descreve uma cena real que muito lhe marcou a infância no semiárido. Enquanto brincava com seu casal de bonecos prediletos, os quais ela batizou de “Getúlio e Darcy”, visualizou pela primeira vez um cortejo de pessoas que levavam dentro de uma rede corpos de sertanejos que haviam morrido vítimas da fome, da seca, ou por disputas de terras. Ficou chocada com o tratamento bruto que aquelas pessoas recebiam no momento do sepultamento, quando eram literalmente despejados em valas comuns.

Tal cena tem semelhança direta com o poema de João Cabral de Melo Neto, em *Morte e Vida Severina* (1955, p. 03):

Encontro dois homens carregando um defunto numa rede, aos gritos de: “ó irmãos das almas! Irmãos das almas! Não fui eu que matei não!”

A quem estais carregando,
Irmãos das almas,
Embrulhado nessa rede?
Direi que eu saiba,
A um defunto de nada,
Irmão das almas, Que há
muitas horas viaja
À sua morada.
E sabeis quem era ele,
Irmãos das almas,

Sabeis como ele se chama Ou
se chamava?
Severino Lavrador,
Irmão das almas,
Severino Lavrador,
Mas já não lavra

Para Dalcy, essa foi uma das cenas mais fortes que marcaram sua infância no campo. O entendimento de tal situação se deu quando a mesma, já na academia, começa a fazer leituras sobre o movimento das *Ligas Camponesas*, considerado o movimento mais importante pela reforma agrária no Brasil de então, o qual surgiu na década de 50 do século XX, na região Nordeste do Brasil, aproximadamente no período de governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956/1961), e se estendeu até a queda do presidente João Goulart, em 1964.

Apesar do grande avanço econômico na era JK, as questões agrárias não sofreram grandes mudanças, como apontou a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina), através dos seus analistas, que tinham uma visão mais progressista, na qual defendiam que haveria uma oferta reprimida de alimentos, diante da crescente demanda dos centros urbanos, pelo fato das terras agricultáveis permanecerem com um número reduzido de latifundiários. É nesse contexto que as Ligas Camponesas lutam por conquistas sociais para os trabalhadores rurais, em especial pela Reforma Agrária (ALVES, 2014).

Sobre os bonecos aqui citados, destacamos a grande admiração que seu pai tinha por Getúlio Vargas, presidente da república da época (1930-1945), tanto que quis homenagear a primeira dama, batizando sua filha com seu nome Darcy, mas pelo alto descuido das letras e do tabelião, houve uma troca de letra, resultando assim em seu nome real: Dalcy. Percebemos aqui que, mesmo na inocência de uma criança, Dalcy vai construindo suas primeiras aproximações com influências políticas e movimentos sociais.

Outro momento importante ainda em Rosário, foi o seu contato com elementos culturais daquele lugar, dentre eles movimentos que envolviam folgado, boi de reis e o pastoril realizado na época natalina. Nesse contexto, ela se envolve com a dança e se destaca em apresentações culturais. No Pastoril, numa apresentação de dança

encenada no período natalino, e composta por diversas personagens femininas que representam pastoras do presépio do menino Jesus, Dalcy atuava como a personagem Diana. Aquela que, na coreografia aglutina as duas cores presentes na dança: azul e vermelho. “Eu me envolvia e chegava até a criar um método próprio para dançar. Fazia movimentos circulares com um pé só. Me sentia uma bailarina” (CRUZ, 2015). E continua

Também em Rosário, conheci folguedos que nunca havia visto, como a dança do Boi dos Reis e suas cantigas e fantasias. Como nossa casa era grande e de esquina, sempre aparecia alguém e pedia a meu pai para se apresentar. Era uma festa. Também conheci o pastoril, dança muito comum no Nordeste, principalmente em época de festas natalinas, herança portuguesa, segundo a história. Dancei como Diana e minha irmã como mestra do cordão encarnado. Era um palco muito alto armado em frente a minha casa com dois cordões: o azul e o encarnado. Com palhaços fazendo a plateia rir, anjinhos e outros personagens que já não lembro mais dos nomes (CRUZ, 2015).

A participação no Pastoril como Diana foi lembrada na entrevista que Dalcy concedeu ao *Programa Memória Viva*, da TV *Universitária da UFRN*, no ano de 2013. O formato do programa presta homenagem a personalidades marcantes da história do Rio Grande do Norte e do Brasil, o apresentador divide a responsabilidade de entrevistar o homenageado com outros dois convidados que, de alguma forma, participaram de momentos importantes na vida do homenageado. Naquela ocasião, os professores, Maria da Conceição de Almeida e José Willington Germano, compartilharam a condução das perguntas dedicadas a Dalcy.

Num comentário, Conceição Almeida diz que Dalcy atua na vida como a própria Diana, aquela que religa, não só as duas cores da coreografia, mas as múltiplas estratégias de conhecimento.

Dalcy quando você nos conta que trabalhava dando um suporte e reflexão ao sindicato e ao mesmo tempo convivia com pessoas emblemáticas do movimento radical das Ligas Camponesas, você se mostra nessa posição de Diana, ou seja, bifásica. Eu acho que você é uma mulher contemporânea por isso, você nunca foi disciplinar.

Ainda em Rosário, Dalcy se depara com outras situações inusitadas para a época e que lhe despertaram espanto e admiração.

Vi concretamente e bem de perto, uma criança que nasceu com dois sexos, uma hermafrodita e que toda a vizinhança foi olhar. Não me surpreendi, porque minha idade e visão de mundo e consciência, ainda não me permitiam. Era de uma ingenuidade sem limites. Era um modo de vida, onde os velhos corcundas, perto dos cem anos, mastigando o resto de vida que lhes havia sobrado, somente andavam e/ou se balançavam em redes caducando, como se dizia na época, isto é, sem mais razão e raciocínio.

Aí tive oportunidade de conhecer, muito de pertinho, um Bispo de carne e osso, que havia ido fazer a visita pastoral e a casa onde ele se hospedou por algumas horas, pelo menos para lavar as mãos, foi a minha. O Bispo era Dom Jaime Câmara⁶, que fora ao lugar em missão episcopal. Como a casa onde morávamos era a maior do lugarejo, ele ficou lá. Aí trocou de roupa, lavou as mãos e recebeu suas ovelhas (CRUZ, 2015).

Tanto o fato da criança hermafrodita, quanto a visita de um bispo diocesano, eram verdadeiros acontecimentos em lugarejos tão distantes e precários, por isso o registro.

No contexto educacional, Dalcy foi matriculada em um grupo escolar⁷, no qual experimentou momentos difíceis com a aprendizagem da matemática, que era voltada à memorização e ao uso da palmatória, situações essas que a levaram, por muitos anos de sua vida, a ter uma espécie de trauma com essa ciência exata.

Com a mudança para a cidade, a família passa a residir em um casarão que recebia o nome de “Sobrado de Zé Beleza”. Esse espaço era conhecido pelos moradores como “Casa dos sem teto”, por estar abandonada e ter uma estrutura física

⁶ Dom Jaime de Barros Câmara foi uma importante personalidade da Igreja Católica. Deixou seu marco quando Bispo em Mossoró/ RN e posteriormente tornou-se presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) de 1958-1964. Disponível em <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jaime-de-barros-camara/Acesso> em 27/01/2017.

⁷ O grupo escolar foi criado primeiramente no estado de São Paulo, em 1893, visando reunir escolas isoladas de uma região comum. Essa instituição deu-se enquanto estratégia política da recém proclamada república. Seus idealizadores visavam criar espaços de educação continuada simultaneamente ao de formação de professores, oferecendo outra concepção de ensino e, portanto, outra organização da instituição escolar (SILVA, 2010).

muito fragilizada e insalubre. “Mas era ali onde tínhamos que ficar, não tínhamos dinheiro para pagar o aluguel de uma casa melhor” (CRUZ, 2015).

Naquele cenário, Dalcy vive momentos de alegria, através de brincadeiras e em muita fantasia, mas também de tristezas, que iam de dificuldades financeiras à perda de sua irmã Haydeé da Silva Cruz, vítima de uma infecção causada pelas precárias condições nas quais viviam. A ausência de seu pai, pelo fato de estar ocupado com a erradicação da febre amarela, propiciou a Dalcy enfrentar oficialmente seu primeiro desafio, quando teve, aos nove anos de idade, que se articular para a realização do sepultamento de sua irmã. Ela foi até o senhor Bustaman, chefe de seu pai, e pediu um recurso financeiro para arcar com as despesas do velório de sua irmã. Em outro momento, outro desafio: a busca por uma parteira e organização dos materiais para proporcionar o nascimento de outra irmã, Maria do Socorro Cruz da Silva. Para ela, esses momentos são de grande importância, pois lhe deram força para enfrentar outros problemas durante sua vida.

Assú, também foi uma revelação para mim no que diz respeito à minha inclinação artística. Comecei a dançar em bailes muito cedo, que ocorriam a tarde, não me recordo se aos sábados ou aos domingos, que eram chamados “as valsas”. Lá ia eu com pouco mais de sete anos dançar em meio aos adultos, e o hábito foi tão bem desempenhado que, por toda a minha vida fui uma excelente bailarina, chamada pé de ouro desde aquelas remotas tardes em Assú. (CRUZ, 2015).

Muitas foram as emoções vividas nesse período de infância: nascimento e morte de crianças, até mesmo na própria família, a descoberta de sua veia artística com a dança e o teatro e apreciação de fenômenos climáticos, que lhe causaram inspiração para futuras produções intelectuais. Dalcy nos diz:

A Assú voltei várias vezes (ver Figura 01) quando já trabalhava na ANCAR, mas desta feita estava a serviço da Federação dos Trabalhadores Rurais do Rio Grande do Norte – FETARN, quando voltei a ver o Sobrado de Zé de Beleza, agora bonito, bem cuidado, pois havia sido restaurado e servia à comunidade, abrigando reuniões de interesse público, político e social, festas, etc. Fiquei muito feliz com a nova visão do horroroso sobrado cheio de morcegos que tanto me amedrontaram no passado, mas ele havia nos abrigado em momentos tão difíceis.

Foi em Assú também, que tive oportunidade de assistir a uma manifestação do cosmo, que em 2006, registrei com uma palestra em um Seminário que participei no CEFET⁸, sobre Educação e Complexidade, quando apresentei um trabalho numa mesa que discutia aspectos físicos da natureza. O trabalho recebeu um sugestivo nome que gosto muito, bem como do seu conteúdo: *Imagens Planetárias*, nele registro como era minha visão do céu quando era criança e falei do que vi em 1940, no dia primeiro de outubro, quando estava na escola. Um belíssimo eclipse do sol que fez escurecer tudo como se fosse noite, cuja duração foi bastante longa. Como era um eclipse total, o dia virou noite e o meu entusiasmo crescia à medida que as pessoas iam fazendo suas interpretações. Esse fenômeno enriqueceu meu texto porque contei um fato do qual fui testemunha ocular (CRUZ, 2015).

Figura 01: O retorno de Dalcy a Assú em 1960



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Em *Imagens planetárias* (2006), Dalcy divide o texto em três momentos: em primeiro lugar, apresenta uma narrativa pessoal sobre o cosmos, à qual ela chama de “minhas primeiras impressões” sobre o Universo na infância, onde foram de admiração e deslumbramento, diante do céu azul e do brilho das estrelas que a

⁸ Centro Federal de Educação Ciência Tecnológica. Atualmente denomina-se Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

fascinavam. Em segundo lugar, faz um relato do seu desencantamento ao manter um contato mais sistemático com a ciência formal, quando ingressou na Universidade Federal da Paraíba, para cursar o Bacharelado em Geografia. Em terceiro lugar, fala a respeito do diálogo que tentou estabelecer com filósofos e físicos sobre os mistérios do Universo, resultantes de sua vivência, e aliada a leituras feitas em diversos espaços de pesquisa por ela frequentados.

Em 1945, com o fim das missões da febre amarela, é chegada a hora de retornar à capital Natal, momento que reservava outras emoções, diante de um cenário modificado pelo contexto de guerra que cercava o mundo.

Entre 1941 e 1945, com o acordo firmado entre os presidentes Franklin Roosevelt e Getúlio Vargas, os americanos vêm para Natal, pelo fato da cidade proporcionar um ponto estratégico para a aviação daquele país, no sentido de evitar o avanço das tropas alemãs no norte da África. Com isso, a cidade acabou sendo beneficiada com uma série de melhorias na sua infraestrutura, para dar suporte à presença de todo aquele efetivo militar (OLIVEIRA, 2008).

Uma atmosfera diferenciada tomou conta da cidade, uma mistura de tensão e de mudanças que chegavam e a reconfiguravam não só arquitetonicamente, mas principalmente no quesito cultural da cidade. Com todo esse clima de transformação espacial, o bairro do Alecrim começou a vivenciar mudanças na sua infraestrutura, e foi com a construção da Base Militar da Marinha, realizada em conjunto pelo Governo Federal do Brasil e o Governo dos Estados Unidos da América, que o bairro inicia um novo processo significativo de urbanização, para adequar-se ao veloz ritmo de transformação vivenciado na época. Foram construídas vilas residenciais, lojas, bares, restaurantes, delegacias, repartições públicas, praças, residências, clubes entre outros, promovendo uma transição em sua identidade, antes rural e, a partir de então, comercial. Fator este que propiciou um forte aumento populacional para o bairro, tornando-o à época, um dos mais populosos da cidade. Por esse motivo, o poder público providenciou a extensão da linha do bonde até o Alecrim, antes limitada aos bairros de Cidade Alta e Ribeira. Esta ação facilitou o deslocamento dos trabalhadores que trafegavam por esses bairros. (MARINHO, 2003).

Residindo no bairro do Alecrim, Dalcy passa a frequentar o Grupo Escolar João Tibúrcio, localizado na Avenida Quatro, onde conclui o curso primário, com um conceito de “sofrível⁹” dentre suas avaliações. Durante esse período, Dalcy apresenta em seus relatos lembranças agradáveis, pois a escola lhe oferecia diversas possibilidades além da leitura e escrita, tais como canto orfeônico, pintura, desenho, trabalhos manuais e recitais de poesia (CRUZ, 2014).

Segundo Dalcy, aquela escola, mesmo sob o controle dos militares, já proporcionava reflexão intelectual a seus alunos. Mas o que de mais importante ficou durante aquele período, foi a solidificação de uma relação de apreço e amizade que Dalcy construía com sua professora Orione de Carvalho, a quem admirava, tanto pelo seu vasto conhecimento, mas principalmente pela afetividade com que ela tratava seus alunos.

Dona Orione era uma professora muito simpática e muito preparada com o domínio da língua francesa e dessa forma contribuía com a expansão da arte e da reflexão. Dispensava muita atenção aos alunos. Eu a admirava tanto que cheguei a imitar sua caligrafia que me encantava. Me tornei muito sua amiga visitando a sua casa sempre que podia. Tive também a oportunidade de encontrá-la outras vezes quando passava férias na cidade na casa da minha tia em Goianinha, sua cidade natal. Nossa relação se estreitava cada vez mais pelo contato de nossas famílias, por serem consideradas tradicionais, mantinham uma com a outra (CRUZ, 2015).

Percebemos certa influência dessa relação e dessa professora na vida da Dalcy educadora, uma vez que durante toda a sua prática profissional e, até mesmo após sua aposentadoria da academia, levava alguns de seus alunos, e até mesmo a própria autora deste trabalho para sua casa, onde acolhia e buscava sempre orientar academicamente e também para a vida. Esse tipo de relação, que Dalcy sempre procurou manter com alguns de seus alunos e orientandos, será melhor descrita ao longo da dissertação, prática pautada na parceria intelectual, além das fronteiras da academia, e que fez muitos de nós buscar aprofundar a reflexão sobre a relação educador-educando.

Se a educação não se limita ao âmbito da relação educador-educando, pai-filho, a relação que se torna educativa, é uma relação cujo sentido ultrapassa as

fronteiras da escola e do lar. Educador tornou-se hoje uma palavra, cujo sentido está ligado a uma classe de pessoas que trabalham como profissionais. Aqui, o mestre não é necessariamente um profissional da educação. É verdade que a relação mestre-discípulo realiza-se numa certa paisagem, onde podem existir normas e instituições, mas, quando estas normas e instituições forem predominantes, ficar-se-á apenas na área do ensino, quando muito, não se operando a relação de maestria, propriamente educadora.

mestre não é, necessariamente, um superior hierárquico. Muitas vezes o inferior pode tornar-se mestre de seu superior, enquanto é exemplo de êxito em sua afirmação. Um Gandhi, um Sócrates, atestam esta verdade fundamental: existe, na verdade, uma hierarquia em nada semelhante à hierarquia baseada no sangue ou na riqueza, no poder, na tradição ou na competência (GADOTTI, 1975, p. 59).

Em 1949, após o término do então curso primário, aos dezenove anos de idade, Dalcy se percebe em cenário marcado pelas dificuldades financeiras, as quais não permitiam a continuidade de seus estudos. Por isso, sua família migra para João Pessoa, na Paraíba, em busca de outras oportunidades. Dava-se início a um momento de incertezas, pois nada havia que pudesse oficialmente sustentar financeiramente Dalcy e sua família. Ao mesmo tempo, ela estava a um passo de viver novos desafios que a ensinariam a romper muitos entraves.

Para arcar com seu próprio sustento, em um primeiro momento, Dalcy faz um trabalho voluntário para a Igreja e se dedica a fazer trabalhos manuais de costura. Com o passar dos dias, ela frequenta um curso preparatório e ingressa no curso ginásial na Escola Hunderood, cursando o Técnico em Contabilidade, no que não atuou profissionalmente (Ver Figura 02).

Essa época do Hunderood me traz algumas lembranças boas e ruins ao mesmo tempo. Lembro de algumas amigas e de um bom Professor chamado “seu” Assis, Quando Terminei o ginásial, ingressei na Academia de Comércio, cursando o Técnico em Contabilidade, no qual me formei em 1955. No ano seguinte, fiz vestibular, mas não fui aprovada. Fiquei reprovada em História. Lembro como hoje que fiquei muito triste, mas eu ainda não sabia que estava apenas passando mais um caminho: o tortuoso (CRUZ, 2015).

Figura 02: Dalcy e suas colegas de curso na Escola Hunderood em João Pessoa/PB.



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Em 1956 Dalcy tenta vestibular, mas não é aprovada. No ano seguinte ela tem sua aprovação na Faculdade de Filosofia da Paraíba, no curso de História e Geografia. Após essa etapa, continua a percorrer o seu caminho e passa a traçar uma nova estratégia para sua vida: a academia, a militância e a Sociologia.

2.2 JUVENTUDE E CIÊNCIA: VÁRIOS CAMINHOS DE UMA SÓ MULHER

A entrada de Dalcy na academia marca um novo momento na sua trajetória: o rompimento de tabus, diante de uma sociedade que não tinha tanto espaço garantido para a mulher. A intimidade cada vez maior com a ciência, que lhe proporciona a sua sólida relação com a Sociologia. As ricas experiências profissionais que a levaram a escolhas definitivas.

Com o desmembramento do curso de História e Geografia na Faculdade de Filosofia da Paraíba, em 1959, ela faz uma opção pelo Bacharelado em Geografia.

Durante o curso, Dalcy se depara com as primeiras dificuldades. Percebe-se num mundo que diferia da sua realidade, tanto financeira - quando a mesma passa a frequentar um espaço reservado às elites -, quanto intelectual - na leitura de textos complexos e em outras línguas (espanhol e francês).

O curso foi desmembrado em dois (Geografia e História), optei por Geografia e me bacharelei em 1960. Na Universidade, deparei-me com um mundo diferente, tanto em termos materiais (meus colegas, eram na sua maioria, filhos da burguesia açucareira), como do ponto de vista intelectual. Leitura, da bibliografia em francês e espanhol (línguas para mim desconhecidas). Além da minha preparação em termos práticos imbuída de idealismo cristão que me impedia de compreender as contradições de classes, mais concretamente, presentes entre meus colegas. As desigualdades se me apresentavam como sendo originadas pela falta de amor ao próximo e do sentido do outro como apregoava a Igreja (CRUZ, 2015).

Figura 03: Diploma de Graduação/Bacharelado em Geografia de Dalcy pela UFPB.



Fonte: Cruz, 2015

Diante daquele contexto, Dalcy reconhecendo a importância de tentar sobreviver no que ela denominava de “selva”, decide se dedicar de corpo e alma aos estudos, para tentar se sobressair dentro daquela realidade. Logo vai criando referências, a partir das relações com seus professores e identificação com algumas

disciplinas, como Antropologia, Geografia Econômica, História, dentre outras. A cada momento que essa relação se afinava, mais era criada uma intimidade com pensadores importantes para a Geografia como: Vidal de La Blache (1845 - 1918), Jean Brunhes (1869 -1930) e Pierre Monbeig (1908 - 1946), os quais a fizeram entrar em conflito com alguns princípios da igreja católica e da ciência geográfica que acabara de descobrir. Mesmo diante de todo esse novo conhecimento, Dalcy não conseguia compreender tantos antagonismos, contradições e desigualdades sociais do mundo, que ela descobria a cada dia.

Ao concluir o curso, viu-se impedida de realizar sua mais acalentada paixão: lecionar. As circunstâncias exigiam definições rápidas de sustento para a própria vida. O desejo de ser professora apenas aguardou um pouco mais de tempo. Estava iniciado o processo de formação dessa intelectual que tinha sede de conhecimento. Foi o contato direto com a realidade empírica, fora da academia, que iria colocar questões até hoje indicadoras dos caminhos que trilharia mais tarde.

Quando saí da Universidade na década de 1960, com um diploma de Bacharel em Geografia, ao invés de ensinar Geografia aos jovens secundaristas como era o meu desejo, as circunstâncias me empurraram para outro mundo. Embora já tivesse experimentado o contato com ginasianos nos colégios Lins de Vasconcelos e Nossa Senhora das Graças, em João Pessoa, ingressei no Serviço de Extensão Rural, recentemente instalado no nordeste brasileiro. Como eu era classe média baixa, morando em periferia, necessitava ganhar a vida mais urgentemente do que continuar estudando. Me senti..., não frustrada, mas impedida de fazer o que eu mais queria, mas sabia que era um momento que precisava ser forte para continuar a trilhar o caminho que havia escolhido (CRUZ, 2015).

A busca incessante pelo conhecimento se fazia presente, dia a dia, na sua vida. Dalcy sempre procurou conhecer outros autores, outras discussões, buscando sempre relacioná-las com o momento em que estava vivendo. Ela conta que organizava o que estava lendo e aprendendo, e de uma forma ou de outra, procurava sempre transformar aquilo em conhecimento. Ela já começava a montar um acervo e buscava conhecer sobre diversas áreas da ciência. Conhecia um autor e logo já escrevia cartas às editoras, solicitando um exemplar de suas obras. Foi assim com Shakespeare com as obras: *O mercador de Veneza* (1969), *Hamlet* (1599-1601) e

Tempestade (1611). Foi assim com Dostoievski com: *Crime e castigo* (1866) e *Os irmãos Karamazov* (1880).

Na época da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), com o objetivo de ajudar o movimento de greve dos canavieiros, Dalcy vendeu muitas dessas obras clássicas, para arrecadar fundos que pudessem contribuir com a causa em questão. “Foram obras que me fizeram ser a Dalcy que sou até hoje, intempestiva e com ideais de um país melhor. Naquele momento de luta, me desfazer desses livros tinha um real sentido para mim: a liberdade.” (CRUZ, 2016).

Devido a essa situação econômica à época, Dalcy teve que se sustentar financeiramente, e foi então, que surgiu a oportunidade de atuar em um projeto de extensão rural, coordenado pela Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural, conhecida por sua sigla ANCAR, então recentemente instalada no nordeste brasileiro, à qual hoje, após diversas modificações legislativas no âmbito federal, é conhecida por EMATER, Empresa de Assistência e Extensão Rural, em virtude da publicação do Decreto nº 75.373, de 14 de fevereiro de 1975, que criou a EMBRATER, Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural a nível nacional e outra empresa ao nível de cada estado da federação, de assistência técnica e extensão rural (PEIXOTO, 2008), que no caso do Rio Grande do Norte é a EMATER/RN.

O treinamento foi realizado em Recife com duração de quatro meses. “Era um espaço complexo por sua diversidade profissional e gama de conhecimentos”, afirmou Dalcy (CRUZ, 2015).

Segundo Dalcy, esse curso lhe proporcionou contato com pessoas do mundo inteiro, além de uma viagem à Argentina (ver Figura 04), onde ela desfrutou de uma aprendizagem cultural plural, mas principalmente foi nesse momento que ela se aproxima totalmente das leituras de Karl Marx, proporcionadas pelo ministrante desse curso, o professor Pedro Alcântara. Após o curso, Dalcy retorna ao Estado do Rio Grande do Norte para atuar na sua nova profissão, nas colônias de Pium, São Tomé e Macaíba.

A partir do que li das obras de Dalcy e de seus relatos (memorial, entrevistas etc.), percebi que marcas do pensamento marxiano promoveram uma verdadeira suspensão do passo, como diz Agamben (2009), no modo de pensar e viver a

educação, e sua força na formação dos sujeitos. Dalcy viu o lugar da educação para além da manutenção da ordem, como um espaço para pôr em xeque as normatividades da vida e, especialmente, para promover a emancipação e lutar contra a opressão, muitas vezes dissimulada e absorvida como fatalidade última, especialmente por aqueles e aquelas que viviam nos interiores do mundo. As leituras de Marx abriram também espaço para profundos questionamentos, sobre o que estaria por trás do entusiasmado discurso de desenvolvimento, presente na cidade e no campo (CRUZ, 2014).

Figura 04: Dalcy em seu primeiro Congresso Internacional na Argentina.



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

A partir dessa formação, Dalcy efetivamente inicia sua relação com o campo, faz descobertas, intensifica seu trabalho e desperta para um fazer e um pensar mais científico, intercalando formação profissional e intelectual. Dalcy vive na década de 1960 momentos marcantes da juventude. Observando suas fotografias e conhecendo-a de perto aos 86 anos, vejo Dalcy como uma mulher vaidosa desde muito nova, e mesmo estando no campo conseguia manter postura, bem arrumada, bem vestida e maquiada. Segundo seus relatos, construiu por esses caminhos amizades sólidas e verdadeiras. Sua Juventude foi marcada por rompimento de características consideradas normais para uma moça daquela época: por exemplo, o fato de tomar banho de maiô no chafariz da praça, a gestualidade mais solta nas fotografias, vestido

curto no baile de máscaras, quando ainda não se usava esse comprimento de roupa, entre outros (ver Figuras 05, 06).

Figura 05: Dalcy em um momento de brincadeiras com suas amigas na Argentina



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Figura 06: Dalcy e suas amigas em um momento de descontração na Argentina.



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

As fotografias nos mostram um pouco da personalidade da nossa biografada, mostra facilidade para estar em grupos com amigos. Nossas conversas revelam que ela estava sempre dialogando com grupos e organizando eventos. A forma ousada como ela se portava ao fazer as fotografias, diferia um pouco em relação a um comportamento padrão mais tradicional – com mais controle sobre a gestualidade e a expressão corporal da mulher. Dalcy nunca se preocupou em seguir padrões impostos pela sociedade. Ela procurou viver intensamente, experimentando os diversos sabores que a vida oferecia. Portanto, muito de sua personalidade é revelada por seus hábitos, vestimentas, falas e ações.

Desde a sua adolescência, sua experiência em fazer artesanatos, rendas, crochês, costuras foi frequentes, até como forma de angariar recursos para a sua sobrevivência⁹. Durante a sua trajetória, ela agregou essa aptidão ao seu cotidiano e sempre procurava criar seus modelos de roupas, escolher os tecidos e costurar.

Na minha infância eu não tinha condição de ter roupas bonitas. O que tínhamos era apenas para comer. Com o passar do tempo às circunstâncias me fizeram aprender a costurar e quando comecei a trabalhar pude agregar isso ao meu cotidiano. Sempre procurei me apresentar arrumada, mas as roupas deveriam ser da minha escolha, eu sempre fui assim... Aliás, ainda sou (CRUZ, 2015).

Figura 07: Dalcy na Praça André de Albuquerque em Natal/RN.



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

⁹ Na sala de estar de Dalcy, existe um quadro onde está exposta uma fotografia, com um vestido belíssimo confeccionado por ela.

Nessa primeira reorganização, observamos características importantes que foram contribuindo para a formação da trajetória de Dalcy: a infância repleta de descobertas de conhecimento, o autodidatismo na busca de leituras e pensadores que a formaram intelectualmente, a atuação profissional a que as circunstâncias a levaram, a solidificação de uma personalidade marcada pela luta e resistência, que foram constituindo essa mulher que teria muitos caminhos a percorrer, baseados em escolhas, crises, superações.

2.3 DALCY PELOS OUTROS ¹⁰– PARTE 1

Para trazer um pouco da Dalcy no contexto familiar, recorri a uma entrevista com sua irmã Maria do Socorro Cruz Henrique¹¹.

A menina Dalcy

– Maria do Socorro Cruz Henrique – irmã¹²

Dalcy, desde menina sempre foi uma pessoa muito forte, lutadora, vaidosa. Venceu na vida por causa dos estudos.

Na infância lá em Assú, Dalcy gostava muito de brincar de bonecas e se envolver com a cultura. Sempre foi uma menina muito curiosa e corajosa. Desde cedo se envolveu com tudo o que lhe pudesse render conhecimento. Na igreja participava do movimento “Filhas de Maria” e participava do coral. Ela sempre gostou muito da

¹⁰ Optamos por não usar aqui o recuo exigido pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), pois o tamanho do texto é grande e poderia causar dificuldades na leitura.

¹¹ Tentei marcar entrevistas com outros familiares, como a sobrinha e tutora dela, Lídia Maria, mas infelizmente não foi possível realizar no prazo da pesquisa de campo. Em João Pessoa/PB residem mais três irmãos de Dalcy: Ivete Silva, que atravessa problemas de saúde, Airton Silva, com o qual não foi possível estabelecer contato e Maria do Socorro, com quem realizei a primeira entrevista, na casa da outra irmã de Dalcy que reside em Natal/RN, de nome Eliete Silva, e com quem conversei brevemente, de modo informal. Procurei durante o percurso da pesquisa, respeitar as limitações impostas pela família e pela própria Dalcy, no que diz respeito a fatos pessoais, que não devem ser expostos na pesquisa. Também foi levada em conta a sua condição de saúde, já que os familiares não achavam interessante que Dalcy se desgastasse, ao forçar sua memória na realização das entrevistas.

¹² Maria do Socorro, 72 anos, é pedagoga aposentada e reside na cidade de João Pessoa-PB.

liberdade. Na juventude gostava de festas, mas sempre com o foco nos estudos. Nos separamos fisicamente quando ela foi trabalhar na ANCAR. Dalí em diante, Dalcy cuidou da sua vida sozinha. Ela tomou a decisão certa. Ela sempre teve um temperamento muito forte e isso às vezes atrapalhava muito em muitas questões, mas ela sempre ajudava os outros incentivando a estudar. O ideal dela era que o Brasil fosse um país dos sonhos. Desde pequena era sonhadora. Os pensamentos dela sempre foram muito rígidos, ela era muito disciplinada, mas sabia ser suave quando queria. Dalcy me incentivou a estudar e eu agradeço muito a ela por isso. Aliás, ela sempre disse a todo mundo que só se vence na vida por meio do estudo. Acho que ela merece ser personagem desse trabalho, por toda a vida dedicada não só a UFRN, mas à educação como um todo. Ela formou muita gente nesse estado do Rio Grande do Norte (HENRIQUE, 2016)



“Um revolucionário nunca deixa de lutar, ele morrerá militando por seus ideais”.
(Dalcy da Silva Cruz)

3 SEGUNDA REORGANIZAÇÃO: EMPUNHANDO A ENXADA, “VAMOS TRABALHAR?”

Na segunda reorganização, Dalcy vive experiências cruciais para a sua formação intelectual, enquanto acadêmica, quando a mesma decide mergulhar na Sociologia. Agregado a isso desenvolve atividades no mundo rural enquanto técnica extensionista da ANCAR, o que faz com que desperte interesse pela Sociologia Rural e a luta política pela reforma agrária. Outra questão que abordo, é sua paixão intelectual por Caio Prado Júnior, o que lhe rendeu importantes produções acadêmicas ¹³. Por fim, suas experiências enquanto professora, em diversas instituições educacionais e religiosas do estado, juntamente com poesias de sua autoria, que encontram-se ao longo desta reorganização. Poesias escritas na época em que ela atuou diretamente em questões que envolvem ruralidades, campesinato ou, como diz a própria Dalcy, na época em que ela “empunhava a enxada” (CRUZ, 2015).

No início da década de 1960, Dalcy vive um momento de crise, uma vez que saía da universidade com o sonho de lecionar, e sua sede de conhecimento a levava a buscar diálogos com outros pensadores, mas as circunstâncias da vida a levaram para outro caminho, a vivência no campo e descaminhos, a descoberta da Sociologia, até a escolha decisiva pela vida acadêmica.

Ao voltar para o Rio Grande do Norte, Dalcy passa a assumir o trabalho na Associação Nordestina de Crédito Rural (ANCAR), hoje conhecida como EMATER, na Colônia de Pium, distrito do município de Parnamirim, na grande Natal, onde passou durante um ano em contato com colonos brasileiros e japoneses. Depois foi para a cidade de São Tomé, na região agreste do estado, tendo passado ainda pelo município de Macaíba.

Na cidade de São Tomé, ficou quatro anos aprendendo como vivia o trabalhador rural e como era explorada a terra pelos pequenos e médios agricultores

¹³ Na parte específica sobre o assunto, na “Terceira Reorganização” apresentarei um panorama destes trabalhos.

(ver Figura 08). Entrou em contato com um mundo até então desconhecido para ela: profissionais de outras áreas (agrônomos, assistentes sociais, nutricionistas) e com um tipo de preocupação diferente: agricultura, tecnologia, mudança social (conceito muito utilizado na época). Foi aí também que entrou em contato com alguns conceitos da Sociologia (técnica de pesquisa empírica, estudo de comunidade, diagnóstico da realidade). Métodos e abordagens muito difundidos e utilizados conforme a Sociologia Americana, nos trabalhos realizados pelos chamados “agentes de mudança” em todo o “Terceiro Mundo” (CRUZ, 2014).

Figura 08: Dalcy produzindo relatórios técnicos da ANCAR em São Tomé



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Segundo Dalcy, a vivência em São Tomé, além de lhe ter garantido uma melhor estrutura em seu lado profissional, por meio da total imersão nas questões do campo, também aflorou seu lado poético e aguçou seu imaginário.

Sempre que podia sentava no “boinho”, como eram chamadas as cigarreiras de São Tomé, e me imaginava em Paris. Quando cheguei à universidade já tinha viajado o mundo inteiro na minha imaginação. Depois de um certo tempo, quando comecei a me entrosar com as pessoas e fazer amizades em São Tomé, eu passei a dar muitas festas, dançava muito e um dia choquei a pequena cidade quando resolvi tomar banho de chuva usando apenas um maiô em plena praça pública (CRUZ, 2016).

A Dalcy poeta vinha à tona com frequência no tempo em que viveu em São Tomé. Tudo era motivo de poesia, possivelmente em momentos de solidão, como parecem mostrar alguns poemas. Dalcy escrevia poesias relacionadas às suas experiências do cotidiano. Nessa atmosfera da juventude e do encontro com o amor, ela começa a escrever.

Quando eu comecei a trabalhar em São Tomé, mesmo estando vivendo o ápice da minha juventude, levei um certo tempo para formar meu círculo de amizade e conhecer pessoas interessantes. Assim, eu ocupava meu tempo livre escrevendo sobre diversas coisas. O amor, a amizade (CRUZ, 2015).

Alguns dos seus poemas surgem como retalhos de sua trajetória e pedaços da memória, transformados pelo discurso e pela arte da poesia.

PRESENÇA

A tua presença me acompanha sempre em todos os momentos
 A tua presença é tudo, meu tormento, meu anseio, minha saudade,
 minha alegria,
 Minha companheira nas horas mais alegres
 Nas horas mais tristes, nas horas de maior solidão
 A tua presença é a minha presença
 (CRUZ, 1970)

O poema *Presença* indica uma poeta cuja subjetividade se projeta em versos livres. Ela devaneia sobre a presença de alguém, algum amor em sua vida. Um amor que a preenche, naquele momento, de saudade, mas uma saudade que não é melancólica, é alegre, porque permite reviver os momentos vividos com intensidade. Nesse poema, um eu-lírico alegre, cheio de ternura e de saudade, faz desconstruir a intelectual severa e a militante social, deixando entrever a jovem vivaz e apaixonada.

OLHOS PROFUNDOS

Tenho medo de olhar seus olhos
 São escuros como a noite
 São profundos como o mar
 Por isso tenho medo de olhar seus olhos
 (CRUZ, 1970)

Em *Olhos Profundos*, a juventude, agora com medo do abismo dos olhos de um amado. Ainda a subjetividade aflorada, ainda o amor, dessa vez, diante do abismo da paixão e do medo da entrega. Um poema curto, sem rimas, cheio da experiência que se vai construindo ao longo da juventude: experiências de amor, e de medo e de entrega.

OLHOS VERDES

Olhos verdes tentadores
 Olhos verdes da cor do mar
 A cor do verde dos seus olhos
 Me faz sofrer, faz sonhar
 Sonhar com a paz que inspira
 O verde do teu olhar
 Sofrer por ter a certeza
 De nunca poder te olhar
 Olhos verdes, esperança
 De corações que te amam
 Lua na dor e na bonança
 De quem pode te fitar
 Tormento dos que reclamam
 O Verde do teu olhar
 (CRUZ, 1970)

Em *Olhos Verdes*, são ainda os olhos os grandes elementos de encanto amoroso. Desta vez, olhos que oferecem esperança e perdição, desejo e tormento, sonho e sofrimento. Antíteses frequentes no sentimento amoroso, presentes na literatura universal desde sempre.

QUERIA SER...

Queria ser nada, ninguém , espaço, nuvem cinzenta
 Pra não sentir você em mim
 Nos meus olhos , nos meus sonhos
 Na minha sombra
 Sendo nada, ninguém
 Sendo espaço
 Nuvem cinzenta
 Você ficaria onde está, longe
 Mas dentro de mim
 (CRUZ, 1970)

No poema *Queria Ser*, ainda a mesma juventude fala pela voz do eu-lírico. Ela deseja não sentir a presença do ser amoroso em todos os seus momentos. Talvez,

um amor indesejado, proibido, visitasse a sua imaginação e sentimentos confusos a levam a buscar a fuga, sendo nada, sendo espaço, sendo nuvem que possa se manter inatingível, diante do sofrimento que esse ser amado causa. Mas que, mesmo longe fisicamente, possa se manter presente em seu coração.

SUA SENSIBILIDADE

É a sensibilidade da malícia
 Ferida em sua superfície, se fecha
 Seu porte é o porte da carnaúba: esguia, altaneira, se eleva em meio à planície
 Sempre em busca do alto, seu caráter, é semelhante ao xique-xique: servil e agressivo
 Quando você quer ser generosidade é como o juazeiro: acolhedor, risonho, sombra que abre
 (CRUZ,1970)

Em *Sua Sensibilidade*, o olhar para o outro não deixa de trazer a subjetividade do eu-lírico, que se debruça sobre um outro. Este visto como malicioso e generoso, dependendo de seu desejo, de sua vontade. No poema, os versos que caracterizam o ser observado, trazem as imagens da vivência no sertão nordestino, pois lembram o porte altaneiro da carnaúba, o caráter de resistência do xique-xique e a generosidade do juazeiro.

Os poemas analisados aqui, mais uma vez, fazem emergir uma Dalcy múltipla, que se desdobra em trabalhos de campo, em pesquisas, na vivência acadêmica, nos relatos sobre a infância, que também sabe traduzir em versos os seus sentimentos, a suas reflexões sobre a vida, sobre o outro e sobre o mundo. Enfim, essas múltiplas Dalcys se expressam em seus múltiplos discursos e práticas, recompondo, pela memória biográfica o seu ser.

Segundo Dalcy, na atuação como técnica da ANCAR, ela buscava compreender aquele novo mundo no qual estava inserida e, para isso, fazia leituras de alguns autores em voga à época, como: Talcott Parsons (1902- 1979), Karl Beckson (1926-2008) e Jacob Levy Moreno (1889-1974), os que, segundo ela, contribuíram para um melhor entendimento da Sociologia positivista (CRUZ, 2015). A sua surpresa e frustração foram grandes, apesar do entusiasmo pelo trabalho (CRUZ, 2014). A todo momento, Dalcy estava tendo de aprender ou reaprender tudo, pois os

conhecimentos de História e Geografia adquiridos na universidade, estavam sendo de pouca serventia para o seu novo *metier* (CRUZ, 2015). Com o impacto da novidade e outra vez forçada pelas circunstâncias, foi buscar caminhos que lhe possibilitaram desempenhar, satisfatoriamente, sua nova profissão: “agente de mudança”¹⁴. Como o trabalho era desenvolvido com populações rurais - homens, mulheres e jovens, dos quais ela conhecia quase nada - enfrentou o desafio debruçando-se nos manuais e textos de Sociologia, sobretudo, originados do Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas (IICA) e da Organização dos Estados Americanos (OEA), mais precisamente na sede de Turrialba, na Costa Rica, conhecido por ser um centro de referência, na produção de literatura direcionada ao Serviço de Extensão das Américas. Da OEA-Turrialba, Dalcy recebeu uma bolsa em 1963, para fazer um curso na Argentina, para aprofundar-se no assunto. Além disso, buscou fundamentos teóricos em outros autores como Georges Gurvitch (1894-1965), Charles Horton Cooley (1864-1929), entre muitos outros da área da Sociologia, na ânsia de encontrar subsídios para o trabalho com comunidades rurais.

De acordo com Dalcy, os treinamentos oferecidos pela entidade também ajudaram, mas tinham como base a Sociologia Americana, transmitida de uma forma fragmentária, acrítica e com objetivos pragmáticos, o que a levou, assim como a muitos dos seus colegas, a ter deformações no processo de aquisição e assimilação de novos conhecimentos. Mesmo assim, ela considera ter sido uma experiência rica e cheia de surpresas, no sentido de que, ao mesmo tempo em que ampliava aqueles conhecimentos na academia, abria novos horizontes para o mundo de contradições, entre o que se estudava e se discutia, e a realidade concreta, a qual não correspondia aos manuais, nem ao trabalho desenvolvido por ela em campo:

Para mim foi conflituoso, pois, na medida em que os textos de experiências realizadas em outros países mostravam resultados satisfatórios para os objetivos do programa, quando eu olhava e pensava a realidade na qual estava inserida não enxergava as mudanças prometidas (CRUZ, 2015).

¹⁴ Era um termo considerado a partir da Organização dos Estados Americanos (OEA).

De acordo com Dalcy, havia um fosso entre as teorias apresentadas por meio de indicadores e o cenário vivo no qual ela estava inserida. As indicações eram de que o indivíduo e as relações com o mundo, seu comportamento, seu modo de pensar e agir, estavam em contradição com a realidade com a qual estavam lidando. Isto se constituía para ela numa preocupação pungente (CRUZ, 2015).

Ainda trabalhando em São Tomé (ver Figura 09), procurou entrar em contato com a Juventude Agrária Católica (JAC), que era uma escola de formação da Igreja Católica destinada aos jovens oriundos do meio rural. A JAC refletia sobre temas ligados à agricultura, preocupava-se com a formação do cidadão e com a realidade brasileira (CRUZ, 2014). Sobre isso, Dalcy diz: “foi uma experiência muito rica, uma vez que nos encontros da JAC, tanto em Natal, como no Recife, a discussão girava em torno da vivência da juventude agrária e do seu engajamento no processo de transformação da sociedade agrária” (CRUZ, 2015). A busca pela JAC se deu pelo fato dela ter vindo de um outro movimento militante da Igreja, chamado Juventude Universitária Católica (JUC), o qual tinha como objetivo difundir os ensinamentos da Igreja no meio universitário.

Figura 09: Dalcy trabalhando na colônia de São Tomé.



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Somente em meados de 1960, Dalcy começa a questionar os próprios objetivos da Extensão Rural e, com isso, vai descobrindo que os problemas deveriam ser

tratados não em sua superficialidade, como era feito, mas na sua base (CRUZ, 2015). Dalcy diz que em 1964, pelos “bons trabalhos desempenhados” junto às populações rurais, ela foi promovida a assessora estadual, para trabalhar não mais diretamente com as famílias, mas com os técnicos, preparando-os para a ação direta nas bases. Mas, diante da responsabilidade que o novo cargo exigia, se perguntava: “que conhecimentos teóricos tinha eu na bagagem para tamanha empreitada?” (CRUZ, 2015).

Figura 10: Dalcy ministrando um curso de formação para os técnicos da ANCAR



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Estabelecia-se aí outro importante momento de crise, tanto pessoal, quanto profissional para Dalcy. Além de visualizar uma discordância em razão da relação entre teoria e prática, ela também não concordava com os encaminhamentos da sociologia positivista americana, como adjetivada por ela. Se questionava sobre o porquê da ANCAR trabalhar sob aquela perspectiva:

Ao mesmo tempo em que eu gostava do trabalho que desenvolvia, me inquietava muito a forma como aquele pessoal pensava as relações sociais no campo. Por muitas vezes eu não trabalhava nada do que estava naqueles manuais repletos de técnicas que não levavam as pessoas a pensar. Muitos conflitos aconteceram com meus superiores, alguns eu conseguia contornar, outros eu me posicionava no lugar de uma funcionária e não conseguia dar o encaminhamento que queria, que era trazer uma nova discussão para aquelas pessoas. Levá-los a ver o mundo diferente (CRUZ, 2015).

Ao lado dessas inquietações, suas relações com os objetivos do programa, com os princípios e com a realidade indigente e caótica que, já estavam por demais conflitivas para ela, Dalcy decide buscar percorrer outro caminho: voltou a morar em Natal e a ideia de aprofundar seus conhecimentos se amplia cada vez mais, para assim encontrar respostas às suas angústias.

Diante de tantas questões que a incomodavam na ANCAR, percebendo as mudanças sociais no país e, vendo que os conhecimentos adquiridos na universidade de nada serviam para o que fazia naquele momento, Dalcy faz de tudo isso um incentivo, para aprofundar outras leituras e potencializar sua ação militante. A jovem Dalcy, marcada pela incessante fome de conhecimento, mergulha no mundo da Sociologia e uma nova etapa de sua história começa a surgir.

3.1 ESCOLHAS DECISIVAS: A UNIVERSIDADE, A VIDA INTELECTUAL E A MILITÂNCIA

Entendemos com Edgar Morin (2013), que a percepção da crise pode levar os sujeitos (individual ou coletivamente) a sucumbirem a ela, ou a reorganizá-la criativamente. Entendemos também que a segunda possibilidade (a reorganização criadora), ainda que incerta e difícil, é sempre possível. Dalcy nos mostra por meio de sua história que a “volta por cima” é mais que uma metáfora, é uma atitude sempre à espreita. Quando os sonhos ligados à ANCAR desmoronaram, Dalcy encontrou resistência nas próprias ideias, às quais lhe revelaram esse desencantamento, diante de obscurantismos e fragmentações enfrentadas na ANCAR. Ernesto Sábato em seu *A resistência* (2008) assim aprofunda essa questão:

Os homens encontram nas próprias crises a força para a sua superação. Assim o demonstraram tantos homens e mulheres que, contando apenas com sua tenacidade e sua valentia, lutaram e venceram as sangrentas tiranias de nosso continente. Nessa tarefa, o primordial é negar-nos a sufocar a vida que podemos dar à luz. Defender, como heroicamente fazem os povos ocupados, a tradição que nos revela quanto de sagrado há no homem (SÁBATO, 2008, p. 91).

Em 1965, Dalcy matricula-se na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), para cursar a Licenciatura em Geografia, não vindo a dar continuidade no curso, pois em 1966 é aprovada no vestibular da Faculdade de Sociologia e Política da Fundação José Augusto, órgão do Estado, para o Bacharelado em Sociologia e Política (CRUZ, 2014). Apesar das dificuldades trazidas pelo golpe militar de 1964, para sua militância política e vida acadêmica, pelas viagens que o trabalho exigia, abriram-se novas perspectivas: no contato com a teoria sociológica, a partir de então, de forma mais sistemática, ela passou a aprofundar suas leituras de Karl Marx (1818-1883), Max Weber (1864-1920), Émile Durkheim (1858-1917), Florestan Fernandes (1920-1995), Yves Lacoste (1929), Celso Furtado (1920-2004), entre tantos outros pensadores de referência, não apenas na Sociologia e Geografia, mas na formação de um pensamento social global e local ao mesmo tempo (CRUZ, 2014).

Figura 11: Certificado de Dalcy de Bacharel em Sociologia e Política Fundação José Augusto/RN



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Com essa nova visão, tenta dar um novo rumo ao trabalho, buscando trazer o que vinha aprendendo com esses novos teóricos para sua prática, mas suas ideias não eram bem aceitas e, em 1969 Dalcy é dispensada da ANCAR (CRUZ, 2015).

Ela conta que foi um momento muito difícil, pela forma como foi feito seu desligamento (CRUZ, 2015).

Aqui me encontro em mais um momento complicado, pois mesmo discordando da forma metodológica que a ANCAR trabalhava, eu dediquei a minha juventude a pensar sempre em uma instituição melhor e buscava trazer questões que saíssem do trivial. Buscava em outros autores a possibilidade de contribuir na formação de uma sociedade diferente. Era isso que eu queria. A forma como fui dispensada me deixou muito desconcertada e, porque não dizer, triste (CRUZ, 2015).

Diante das dificuldades, Dalcy consegue um espaço no escritório da *Cáritas*¹⁵, ligada à Igreja Católica em Natal. Naquele espaço, Dalcy tenta estabelecer um discurso entre a visão religiosa e a científica, numa busca por sair do contexto assistencialista. Não obteve sucesso. Logo entendeu: “ali não era meu seu lugar” (CRUZ, 2015). O que nos faz lembrar Sabato (2008):

É uma ponte o que nos cabe atravessar, uma passagem. Não podemos ficar presos ao passado nem tampouco nos deleitarmos na visão do abismo. Neste caminho sem saída que hoje enfrentamos, a recriação do homem e seu mundo surge não como escolha entre outras, mas como um gesto tão impreterível quanto o nascimento de uma criança quando é chegada a hora (p. 90).

Diante dos fatos relatados, percebemos que Dalcy não se contentava com o que estava posto para ela. Procurou buscar, por meio de outras perspectivas, o que está para além do trivial. Ver além do que está na superfície, é uma atitude a ser cultivada entre os sujeitos, para que não sejam presas fáceis de discursos opressores e desqualificantes. O filósofo italiano Giorgio Agamben (2009) trata de tal atitude, como sendo uma forma de experimentar contemporaneidade. Para ele, ser contemporâneo não é uma questão de cronologia e sim uma atitude. “Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (2009, p. 62).

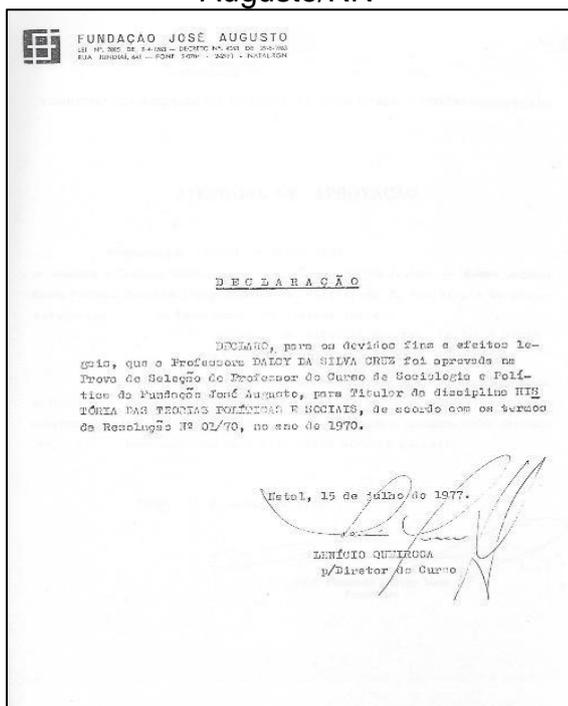
¹⁵ A *Cáritas* é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Disponível em <http://www.caritas.com.br/> Acesso em 29/01/2017.

Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo. Por isso os contemporâneos são raros. E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar (AGAMBEN, 2009, p. 65).

A percepção do escuro na luz representou para Dalcy um diferencial e uma dificuldade. Diferencial porque lapidava a profissional antecipadora de questões chave para o cenário de trabalho. Dificuldade porque suas atitudes inaugurais e ousadas, quase sempre eram incompreendidas pelos que conviviam com ela nas relações de trabalho e com superiores, tendo inclusive rompido com a ANCAR por conta disso (CRUZ, 2015).

Em 1970, Dalcy submeteu-se a um concurso público para a cadeira de Sociologia do Desenvolvimento na Faculdade de Sociologia e Política da Fundação José Augusto. É aprovada, e aí leciona até 1976, como professora titular, quando as Escolas de Sociologia e Política no Brasil foram fechadas pela ditadura milita (CRUZ, 2014).

Figura 12: Declaração de aprovação de Dalcy como professora na Fundação José Augusto/RN



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Dalcy considera que essa foi uma experiência muito enriquecedora, mesmo frente às dificuldades vivenciadas pelo momento político e, principalmente, diante dos muitos equívocos em relação às análises colocadas, pois, segundo ela, haviam muitos professores e alunos que se interessavam em politizar as discussões, e eram barrados por causa da repressão militar durante a ditadura (CRUZ, 2014). Outra questão para a qual ela dedicou seus estudos, foi sobre o momento em que o sistema capitalista estava em vias de franca consolidação, principalmente na América Latina.

Figura 13: Dalcy na Formatura da turma de Sociologia e Política em 1970



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

3.2 VÁRIAS FACES DA MESMA MULHER

No Brasil, a época da ditadura militar fortaleceu muito umas das principais características da personalidade de Dalcy: a militância. Diante de um cenário onde os militares depuseram João Goulart da presidência da República, em 31 de março de 1964, com o apoio da burguesia industrial e alguns setores da classe média, pois tinham receio das mudanças que ele pretendia levar adiante, entre elas a promoção da reforma agrária e ações que reduzissem as desigualdades sociais. Esse período se estendeu até 1985, permeado por uma vigilância a todas as ações que colocassem em causa esse poder instituído, através da censura, das prisões e torturas

perpetradas a todos que se opusessem, amparadas pelos diversos atos institucionais promulgados ao longo dessa época, onde se destaca o Ato Institucional nº 5, que dissolveu o Congresso Nacional e cassou mandatos, dentre outras medidas (ARAÚJO, SILVA, SANTOS, 2013).

Dalcy, tomada pela vontade de discutir uma sociologia que diferia da positivista, e também já envolvida com questões da luta pela reforma agrária, Dalcy passa a lutar contra a ditadura por meio do Partido Comunista Brasileiro (PCB) (CRUZ, 2014). Nesse momento, Dalcy disponibiliza desde a sua casa, seu carro, como também seus serviços intelectuais, ao fortalecimento do movimento.

Assim que fui dispensada da ANCAR com a indenização que ela me pagou, tanto pelo tempo de trabalho como pelo meu silêncio, eu comprei um fusca e contratei uma pessoa para me dar aulas de direção. Eu sabia que precisaria para ajudar o movimento. Foi uma época muito difícil para todos nós, mas ao mesmo tempo, lutávamos por um país melhor. Eu abri as portas da minha casa para ser sede de reuniões do Partido Comunista, disponibilizei meu fusca para a logística das reuniões (todos os membros tinham uma cópia da chave dele). Na greve dos canavieiros perdi as vezes que fomos fazer reuniões e conseguíamos impedir os trabalhadores de irem aos canaviais. Recebi muitas vezes caixas de “livros proibidos” de Marx, Engels. Aquilo era maravilhoso! Fui muitas vezes a Recife disfarçada para assistir julgamentos dos meus companheiros de luta. Quando um deles morria em combate, muitas vezes eu sentia medo, mas não desistia da causa. Na universidade sempre procurava de forma cuidadosa trabalhar textos que fizessem aqueles alunos pensar um pouco sobre o que estava acontecendo. Trabalhei muitos textos de Paulo Freire e Engels e retirava os nomes deles¹⁶. Os militares não conheciam a autoria. Minha família não gostava que eu me envolvesse com o partido (CRUZ, 2016).

Com o fechamento da Faculdade de Sociologia e Política da Fundação José Augusto, em 1976, o curso de Ciências Sociais vinculou-se ao Departamento de Estudos Sociais da UFRN¹⁷, levando consigo professores e alunos daquela entidade de ensino superior, bem como seu acervo bibliográfico (CRUZ, 2014), vindo em seguida a se chamar Departamento de Ciências Sociais. Posteriormente, foi

¹⁶ Esse comportamento de Dalcy mostra astúcia, esperteza e coragem, diante de um contexto histórico repressivo vivido durante o período da ditadura militar, entre as décadas de 1960 e 1980.

¹⁷ A UFRN foi criada em 25/06/1958 através de lei estadual e federalizada em 18/12/1960. Disponível em <https://sistemas.ufrn.br/portal/pt/institucional/historia/#.WI6v1tIkJdg/> Acesso em 27/01/2017.

necessário passar por uma reorganização para atender às novas demandas do Ministério da Educação (UFRN, 2004), ganhando autonomia somente a partir do ano 2000. Dalcy passa a compor o quadro daquela instituição federal, como professora colaboradora no Departamento de Estudos Sociais, até o ano de 1977, quando é aprovada no concurso para Professor Assistente (CRUZ, 2014). O trabalho monográfico que levou Dalcy a ser aprovada em 2º lugar naquele concurso intitulava-se *Transformações sociais ocorridas na transição de economia de base agrária para uma economia de base industrial* (CRUZ, 1977).

Nesse trabalho, Dalcy faz uma análise do processo de industrialização do Brasil, bem como das transformações sociais geradas, tomando como marco a revolução de 1930, realizando um esboço analítico da estratificação social no Brasil, partindo da formação de suas classes sociais. Seu trabalho mostra, de que forma o surto da industrialização causou a transição, de uma sociedade de base agrária, para uma sociedade de economia industrial, trazendo assim transformações sociais, as quais marcaram os novos rumos da sociedade em seu conjunto (CRUZ, 1977).

Figura 14: Trabalho apresentado por Dalcy como requisito de aprovação de concurso público da UFRN



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Figura 15: Atestado de aprovação de Dalcy no concurso público para professora da UFRN.



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Tão logo assumiu seu posto na UFRN, Dalcy começa a desenvolver seu trabalho enquanto professora e pesquisadora no Departamento de Ciências Sociais. Nas palavras de Dalcy, “depois daquele desafio de construir um trabalho que era prazeroso e cheio de obstáculos, naquele momento eu sentia que efetivamente havia conquistado um espaço para ser quem eu queria: verdadeiramente uma professora” (CRUZ, 2015).

Além da UFRN, em sua trajetória profissional, durante os anos de 1970 a 1977, Dalcy desenvolveu atividades em algumas instituições importantes do Estado do Rio Grande do Norte. Entre elas, trabalhou no Serviço Social do Comércio (SESC), como pesquisadora. Essa atuação se deu a partir de uma viagem feita a um congresso internacional de Assistência Social na Finlândia, onde, segundo Dalcy, ela se destaca por demonstrar um entendimento mais complexo da Sociologia e Política, e também por fazer conexões tão importantes dessas questões para pensar a assistência social.

Por conta disso, o SESC entendeu que poderia aproveitá-la em alguns de seus projetos:

Eu fiquei muito empolgada em me misturar com as assistentes sociais e poder colaborar com a formação delas fora de um contexto do assistencialismo. Não gostava disso, as pessoas mesmo diante de uma situação de pobreza, tinham que buscar sua autonomia conquistando seus direitos e cumprindo seus deveres. (CRUZ, 2015).

Além do SESC, houve uma nova aproximação de Dalcy com os serviços da Igreja Católica. Desta vez atuando como formadora durante dois anos no Movimento dos Folcolares¹⁸. Ali, Dalcy trabalhava com o desenvolvimento de comunidades e dialogava com líderes comunitários (ver figura 16). Sua preocupação era de formar um líder que tivesse uma visão política, a partir das concepções de Weber (1967), especialmente aquelas presentes na obra *Ciência e Política: duas vocações*.

Nesta obra, Weber traz um questionamento inicial básico sobre o conceito de política. Assumindo que a palavra possui um amplo e variado leque de sentidos, afasta os significados usuais através da seguinte definição de saída: “por política entendemos tão somente a direção de agrupamento político hoje denominado ‘Estado’ ou a influência que ele exerce nesse sentido ” (p.56). Ou seja, o conceito de política é reduzido “tão somente” às ações e fazeres que giram em torno e no interior do Estado. Por sua vez, Estado é definido também de saída como: “uma comunidade humana que, dentro dos limites de determinado território – a noção de território corresponde a um dos elementos essenciais do Estado”.

¹⁸ O Movimento dos Folcolares teve o seu início em 1943, na altura da Segunda Guerra Mundial. Num cenário de destruição e de morte, decidiram escolher Deus como único Ideal. Composto por uma grande variedade de pessoas: jovens, adultos, crianças, adolescentes, famílias, sacerdotes, religiosos/as). A estrutura do Movimento articula-se em 18 ramificações cujos membros, atuando nos vários setores da sociedade (econômico, social, político, pedagógico, artístico, etc.) Disponível em: <http://www.focolares.org.br/> Acesso em: 24/09/2015.

Figura 16: Atuação de Dalcy no “Movimento Folcolares” com esposas de líderes comunitários e mães.



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Eles estavam muito acostumados com a situação com a qual viviam, de uma comunidade que esperava pelo retorno do governo. Em nossas formações trabalhamos a autonomia intelectual e política desse líder, onde ele pudesse buscar alternativas e parcerias que melhorassem a vida daquelas pessoas. Eles precisavam sair do comodismo e lutar politicamente pelo avanço das suas comunidades. Não foi trabalho fácil, mas contribuimos com aquelas formações para construção de uma geração de líderes ativos e certos do que queriam. (CRUZ, 2015).

Outra frente de atuação de Dalcy foi no Movimento Eclesial de Base¹⁹ (MEB), o que, segundo Dalcy, lhe possibilitou voltar a ter contato com o meio rural, com uma visão de mundo diferenciada daquela adquirida pela sua experiência na ANCAR.

O MEB surgiu em 1961, por intermédio de uma associação entre a Igreja Católica e o Estado, intervindo maioritariamente nas áreas agrárias das regiões

¹⁹ Tratava-se de um movimento ligado à Igreja Católica, que trabalhava com pessoas de baixo de poder aquisitivo, cujo objetivo era a realização da leitura bíblica, buscando construir uma relação com aspectos políticos, sociais e econômicos. Era de base porque todas as ações eram tomadas de forma coletiva na busca sempre de melhores condições de vida. (BETTO, 1985)

Centro-Oeste, Norte e Nordeste, onde promoveu a educação de base, especialmente através de escolas radiofônicas, com o intuito de estimular a organização das classes mais populares para que viessem a participar da vida social e política do país (RAPÔSO, 1982).

Nesse momento, observo que Dalcy avança com suas pesquisas e estudos no campo da Sociologia Rural. Também atuou durante dez anos no movimento sindical de trabalhadores rurais. É quando Dalcy se aproxima das ideias de Caio Prado Junior, começando a ler sua obra e construindo conexões com suas práticas enquanto socióloga.

Durante os movimentos de greve dos trabalhadores rurais, Dalcy organizou reuniões, muitas vezes no meio da estrada com eles (ver Figura 17). Segundo Dalcy, aquelas reuniões tinham uma importância muito grande, pois ela se sentia muito mais professora, do que uma técnica que estivesse a contribuir com alguma orientação. Dalcy, por meio de sua prática, ia cada vez mais fortalecendo uma característica peculiar: a militância.

Eu deveria fazer meu papel de técnica positivista que a ANCAR tanto me ensinou. Mas não era isso que eu queria. Eles sentiam necessidade de saber mais sobre o campo e eu de ouvir as experiências deles. Eu poderia mostrar outros caminhos a eles, o caminho da resistência (CRUZ, 2015).

Outra ação que Dalcy desenvolvia junto com seus companheiros, era a produção de versos impressos, também conhecidos na nossa cultura como *santinhos*, os quais ela vendia para arrecadar algum dinheiro para ajudar no movimento de militância dos canavieiros.

Apresentamos um dos seus escritos:

Na cana
O caldo é lucro
Tirado da força do braço
O Homem,
Uma engrenagem
Que nos vira o bagaço
(CRUZ, S/D)

Figura 17: Reunião de trabalhadores rurais na busca dos seus direitos.



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Dalcy procurava discutir e se envolver com questões, que não condiziam com a postura de uma mulher para sua época, se considerarmos o discurso conservador e machista vigente na sociedade então. Ela foi uma militante do pensamento, mesmo tendo que enfrentar dificuldades, principalmente quando não tinha apoio para defender seu ponto de vista, uma intelectual militante no sentido que nos traz Lucena (2014):

O intelectual militante é aquele que promove a emancipação de sujeitos imersos na alienação artificialmente criada e politicamente mantida. O militante do bem pensa busca estabelecer o meio termo das situações contraditórias, mas não adota a posição demissionária de ficar em cima do muro do pensamento. (p. 144).

Dalcy empenhava-se em mostrar, que o indivíduo não deveria se contentar com o que lhe era oferecido, e sim lutar pela melhoria da sua condição social. Podemos estabelecer uma relação, dessa sua postura com o entendimento de Margareth Rago (2013) sobre o feminismo. Para essa historiadora, o feminismo, o ser feminista, não está ligado apenas às lutas das mulheres por seus direitos, lutas travadas nas ruas, em protestos e movimentos. Mas pode ser compreendido numa visão mais ampla,

relacionado a qualquer postura que a mulher tenha, no sentido de mudar a sua condição de vida, especialmente a sua condição como mulher.²⁰

Dalcy também assumiu o cargo, como assessora de pesquisa, do Centro de Educação Técnica do Nordeste (CETENE), ligado ao Ministério da Educação e Cultura. Essa e outras atuações, já ditas tinham a Sociologia à frente de seus discursos e práticas, e cada vez mais ela estabelecia conexões com ideias de Weber e Durkheim (CRUZ, 2015). Durante dez anos como funcionária do Estado do Rio Grande do Norte, colaborou como socióloga pesquisadora do Departamento de Serviço Social. É importante registrar que Dalcy foi a primeira socióloga concursada do Estado do Rio Grande do Norte. Para complementar sua formação, faz um curso de Especialização em Planejamento Educacional na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE):

Ali aprendi demais com muitos intelectuais que lá trabalhavam: Tereza Aranha (Assistente Social), Hermano Machado (Filósofo), Maria do Socorro Freire (Assistente social), Antônio Alfredo Nunes (Sociólogo). Estudávamos, fazíamos grupo de trabalho e também nos divertíamos. Todas aquelas experiências me enriqueceram de tal forma que resolvi fazer mestrado para sistematizá-las melhor.(CRUZ, 2015).

Em seguida, cursa o mestrado na cidade de Campina Grande, na Paraíba, no Campus II da UFPB, entre 1977 e 1978. Essa foi uma etapa muito importante, pois lhe permitiu consolidar sua visão de mundo, numa perspectiva crítica e de engajamento político nas transformações da realidade.

Na década de 70 do século XX, o país vive uma expansão econômica derivada de uma industrialização expressiva e um processo de urbanização elevado, que levaram a alterações acentuadas na sociedade, entre elas uma presença maior da mulher no mercado de trabalho, assim como nas universidades. Tudo isso foi possível graças aos movimentos feministas e a um declive gradual dos índices de fecundidade nas regiões mais avançadas do Brasil, que por sua vez permitiu que elas assumissem essas novas responsabilidades, face à demanda existente (BRUSCHINI, 1994), mas

²⁰ Mais tarde Dalcy viria a publicar textos e apresentar palestras sobre a temática do feminismo e empoderamento das mulheres na sociedade. Ver: *A mulher contemporânea* (Conferência, 1996) e *A participação da mulher no Brasil de hoje* (Texto, 2000).

ainda assim, segundo Dalcy, “a academia ainda era muito fechada e a aprovação para esse nível de estudo era considerada muito difícil”.

O grupo de mestres e colegas com os quais convivi e as discussões que foram estabelecidas sobre o político e o social foram de fundamental importância para essa consolidação. Cito como professores Regina Novaes, antropóloga que foi minha orientadora; Cesar Barreira, sociólogo, Pedro Alcântara, grande historiador e sua

mulher, Fany, Norma Soler, antropóloga peruana. Todos eles excelentes intelectuais e críticos dedicados às causas sociais e políticas. Como colegas, lembro Bernardete W. Aud, Idaletto Aud, Luiz Carlos Gama, Clemilda de Souza de Oliveira, com quem estabeleci um diálogo profundo e profícuo todo o tempo que estivemos convivendo conjuntamente (CRUZ, 2015).

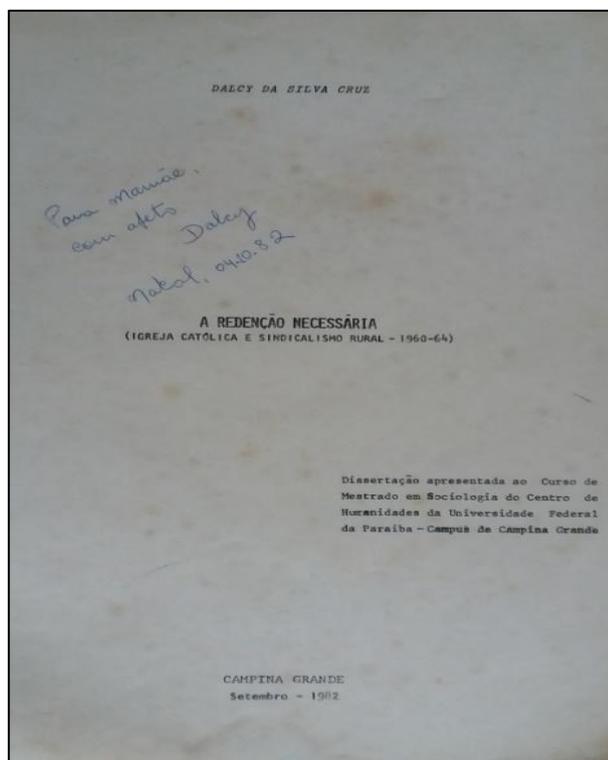
Dalcy chama a atenção para importância histórica desses intelectuais, uma vez que eles buscavam sistematizar a Sociologia como disciplina. Nesse contexto de debates e crescimento intelectual, e como o mestrado era em Sociologia Rural, Dalcy direciona suas preocupações para analisar e refletir sobre esse cenário, resultando na dissertação denominada *A redenção necessária (Igreja Católica e Sindicalismo Rural - 1960 -1964)* (CRUZ, 1982). (ver Figura 18).

Nesse trabalho, Dalcy apresentou parte da história da organização do trabalhador rural do estado, tentando mostrar como foi a participação da Igreja Católica nesse processo, esta como uma das forças que disputaram, ao lado do Partido Comunista Brasileiro, a hegemonia da organização dessa fração da classe trabalhadora em sindicatos. Sua análise centrou-se no período de 1960/64, compreendendo a mobilização, fundação, funcionamento e refluxo do movimento sindical rural.

Com esse trabalho eu tentei contribuir para o desvendamento do surgimento dos sindicatos no meio rural naquele período a partir da influência e das propostas orientadas pela Igreja Católica. Eu fiz uma análise da Igreja e sindicato, enquanto instituições sociais e como elas se refletiam em aspectos fundamentais da sociedade, e ao movimento social a ele inerente. Foi um trabalho muito especial para mim, pois eu pude compartilhar de grande parte da minha vivência no campo, minhas leituras da Sociologia Rural, meu amadurecimento acadêmico.

Mas, principalmente porque pude dar voz aos sujeitos mais importantes daquele processo: os trabalhadores rurais (CRUZ, 2015).

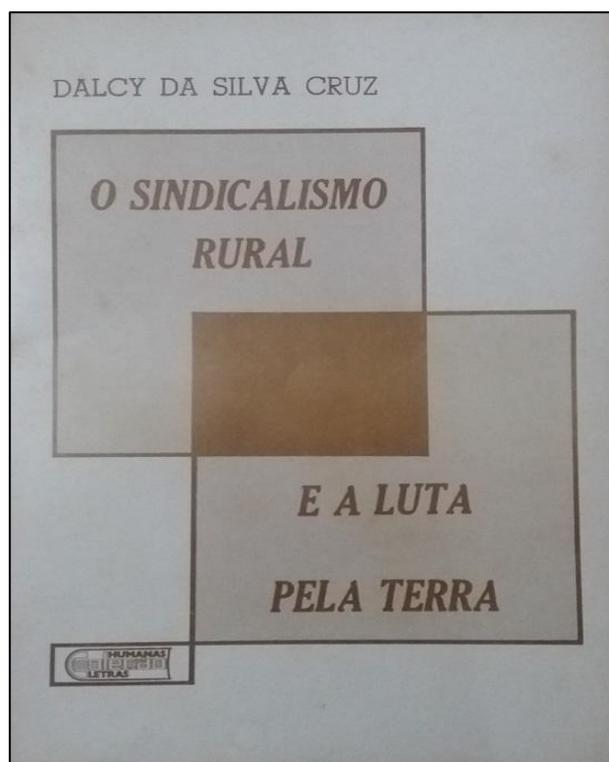
Figura 18: Dissertação de mestrado apresentada por Dalcy na UFPB de Campina Grande



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

De volta à UFRN, começa a pensar no doutorado, projeto concretizado em 1985, indo cursá-lo na Universidade de Campinas (UNICAMP), em São Paulo. A sua pesquisa inicial intitulava-se *o sindicalismo rural e a luta pela terra: a análise dos avanços políticos do movimento sindical rural em relação às propostas de reforma agrária*. Seu principal objetivo era discutir, teórica e praticamente, a compreensão política que vinha tendo o movimento sindical rural, quanto à viabilidade da reforma agrária e o seu conteúdo nos marcos da acumulação monopolista (CRUZ, 2014). O avanço no seu primeiro projeto de pesquisa, lhe rendeu em 1992 a publicação do livro *O sindicalismo rural e a luta pela terra* por meio do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da UFRN (ver Figura 19).

Figura 19: Livro publicado por Dalcy resultante de seu projeto de pesquisa, 1992.



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Esse projeto foi interrompido em 1989, devido a questões familiares, quando Dalcy precisa retornar a Natal para cuidar de sua mãe que estava doente. Sobre esse período, comenta:

Lá em Campinas conheci mestres que muito me ajudaram a rever conceitos e teorias, como o Professor Dr. Sérgio Silva, Professor Dr. Octávio Ianni, com quem já dialogava desde meu tempo de Campina Grande; professor Dr. Roberto Cardoso de Oliveira; Professora Dra. Maria Nazareth Baudel Wanderley, coordenadora da Pós Graduação em Ciências Sociais; Professora Dra. Tereza Sales; professora Dra. Élide Rugai Bastos, que me orientou na tese sobre Caio Prado Júnior. Os colegas de curso, Clemilda de Souza de Oliveira, Leda Castro, Maria de Fátima Lucena, Leonilde Sérvulo de Medeiros. Todos com as mesmas preocupações, voltadas para uma análise mais crítica da realidade, além de pensadores como Professor Dr. José Cláudio Barriguelle, da Universidade de São Carlos. Em minha casa em Campinas nos reuníamos toda semana por um dia de estudos sobre os problemas do momento. Leda Castro, Fátima Lucena, Clemilda Souza e eu. O grupo durou o tempo em que estivemos juntas, na UNICAMP (CRUZ, 2015).

O doutorado viria a ser reativado anos mais tarde, em uma nova configuração que será contada a seguir.

3.3 CAIO PRADO JUNIOR: UMA DURADOURA PAIXÃO INTELECTUAL

Antes mesmo do doutorado, Dalcy passa a se dedicar a uma considerável produção de artigos que trazem a grande contribuição dada por Caio Prado Júnior, pensador tão caro à História, à Sociologia e os estudos sociais e antropológicos no Brasil. Os artigos, à medida que amadureciam, iam se tornando o ponto chave para a escrita de uma tese de doutorado. Dentre alguns artigos produzidos, destacamos aqueles considerados pela própria Dalcy, como cruciais para a estruturação da tese final.

- Caio Prado Júnior: um historiador universalista (1993).
- Caio Prado Júnior: uma biografia marcada pela ruptura(1994).
- A universalidade na obra historiográfica de Caio Prado Júnior (1996).
- As ideias de Caio Prado Júnior: renovando o processo educativo (1998).
- Caio Prado júnior e a questão agrária: um reformista ou um revolucionário? (1998).
- O Brasil na interpretação de Caio Prado Júnior (S/D).
- Caio Prado Júnior: uma nova possibilidade de olhar o Brasil (S/D).
- Itinerário político intelectual de Caio Prado Júnior (2003).
- Centenário de Caio Prado Júnior: debate sobre sua atualidade (2008).
(CRUZ, 1993; 1994; 1996; 1998^a; 1998b,; S/D a; S/D b; 2003; 2008).

Dentre os tantos, cabe comentar o texto: *Centenário de Caio Prado Júnior: debate sobre sua atualidade*, publicado em 2008, na Revista Eletrônica Inter-Legere nº 03, uma das revistas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, à época ainda uma revista dos pós-graduandos, tocada por um conjunto de estudantes do então grupo de pesquisa Cultura, Política e Educação. Essa escolha se deu após uma análise dos artigos produzidos por Dalcy, sobre esse grande

ensaísta. Em cada artigo consultado, foram selecionadas características que se aproximavam da intelectual que falo neste trabalho. E foi neste texto de 2003, que Dalcy mais se revelou como entusiasta e admiradora da obra de Caio Prado. Percebi que muitas vezes ao falar de Caio Prado, referindo-se a suas lutas e leituras diferenciadas do Brasil, Dalcy falava também dela mesma, principalmente quando a questão girava em torno das muitas formas de militância.

Uma primeira aproximação que visualizo nessa relação desses dois intelectuais, se dá por uma visão do mundo a partir de vivências cotidianas, agregadas às leituras de grandes pensadores. Além disso, vejo correspondência em suas visões críticas a respeito de discursos que consideravam deturpados sobre a sociedade brasileira. A persistência e a juventude do pensamento em ambos, independiam da idade e das condições físicas. O tempo não se tornou inimigo para que a militância de ambos continuasse como projeto primeiro. Por fim, entre Dalcy e Caio Prado, há também como paridade, o acompanhamento das mudanças históricas no Brasil e a incessante fome de discuti-las em diversos espaços.

Segundo a própria Dalcy:

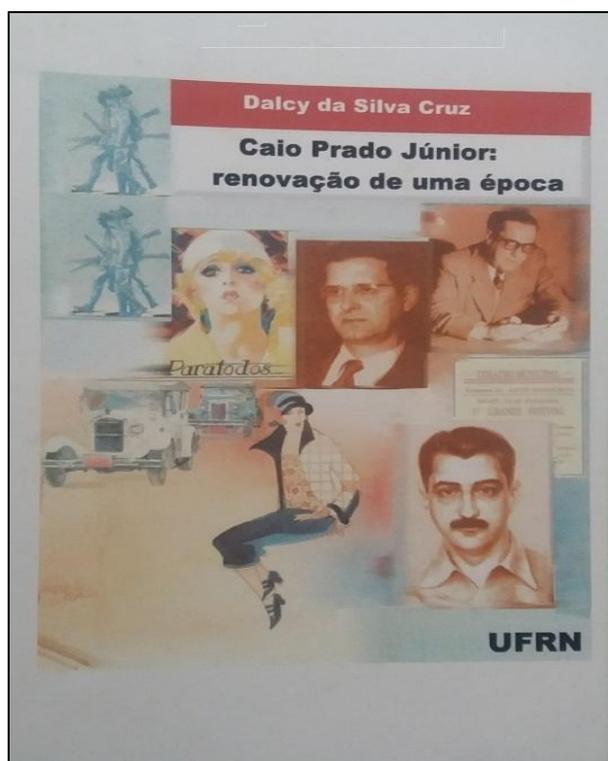
A obra de Caio Prado Júnior é, portanto, o resultado de uma profunda e minuciosa pesquisa acerca das relações sociais, processos e estruturas, em que estão presentes realidades econômicas, políticas, culturais, bem como formas de vida, de trabalho e de sociabilidade estabelecidas na Colônia. Nela, são contempladas as diversas conjunturas, sempre com o objetivo de deslindar os contornos da configuração histórica da formação nacional, ou seja, da identidade brasileira (CRUZ, 2003, p. 07).

Dalcy ressalta em seu texto, que essa reinterpretação do Brasil feita por Caio Prado se fundamenta em três pilares: a) o “sentido” da colonização; b) as relações de trabalho com base no escravismo; c) a especificidade do capitalismo brasileiro. O primeiro se constitui no fio condutor de toda a obra, como se fora a linha mestra que sustenta os seus argumentos. Aqueles pilares que fundamentam a sua interpretação, serviram de percurso para Caio Prado Júnior discorrer sobre a história, assinalando os três momentos: Colônia, Império e República. O primeiro é marcado pelo colonialismo que delinea os contornos da estrutura econômica e das relações sociais. O segundo é o imperialismo que marca de forma acentuada a sociedade. Por fim, as

transformações de ordem política que repercutiriam na organização social (CRUZ, 2003).

Nesse contexto efervescente de leitura e produção intelectual sobre Caio Prado Junior, Dalcy resolve oficializar de uma forma mais concreta sua relação com esse pensador, por meio da escrita de sua tese de doutorado em Educação na UFRN. A tese tem como título *Caio Prado Júnior: renovação de uma época*, (ver Figura 20) orientada pelo Professor Dr. José Willington Germano, também seu colega no Departamento de Ciências Sociais à época. A tese, defendida em 2001, buscava situar a obra de Caio Prado Junior no contexto da produção ensaística da década de 1930, numa tentativa de apreender os elementos históricos culturais, que possibilitassem esse pensador emergir com uma nova perspectiva teórica, para explicar a realidade brasileira (CRUZ,2001).

Figura 20: Tese de doutorado defendida por Dalcy em 2001 na UFRN.



Fonte: acervo pessoal de Dalcy da Silva Cruz, 2015.

Dalcy comenta que buscou observar vários elementos, que levaram Caio Prado Júnior a ficar em posição de ruptura, ao demonstrar sua originalidade em interpretar a realidade brasileira, frente aos demais intelectuais de sua época. Mesmo privilegiando o pensamento caiopradiano, ela procurou articular sua produção com a de outros ensaístas, tais como: Roberto Simonsen, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda:

Foi um estudo onde eu busquei analisar o pensamento de Caio Prado a partir do seu enfoque metodológico e da sua originalidade que o fizeram distinto dos demais pensadores de sua época ao romper com a historiografia então corrente, ao inaugurar uma nova forma de análise, contribuindo, dessa maneira, para renovação das ciências sociais no Brasil. Aprendi muito com ele e espero ter deixado uma pequena contribuição aos que pesquisam as mudanças desse nosso país. Foi uma relação amorosa (nas ideias) intensa, que tivemos por um grande período (CRUZ, 2015).

Em seu memorial, Dalcy destaca a grande contribuição para a realização da sua tese, do professor Dr. José Willington Germano que, de seu ex-aluno, passou a ser seu orientador. Destaca também sua colega Professora Dra. Maria da Conceição de Almeida (CRUZ, 2014).

Após seu doutorado, Dalcy continua a falar sobre Caio Prado, apresentando seus artigos sobre ele em congressos nacionais e internacionais, dando entrevistas, ministrando palestras e conferências. Foi um pensador com o qual ela compartilhou bastante tempo da sua trajetória, possibilitando a muitos, que viessem a tomar conhecimento desse intelectual.

Dentre as diversas formas de compartilhar o pensamento de Caio Prado Junior, Dalcy concedeu uma entrevista à edição impressa do Jornal Tribuna do Norte (Ver figura 21), em 09 de setembro de 2007. Nessa entrevista, Dalcy enfatiza aspectos importantes desse intelectual, que vão desde a sua personalidade, quando ela afirma “Ele foi além de um pensador original. Um pensador de rupturas”, até o seu estilo de ler e pensar o Brasil, “Sua proposta era desmistificar o passado para entender o presente” (CRUZ,2007).

Figura 21: Entrevista concedida ao Jornal Tribuna do Norte sobre Caio Prado Júnior



Fonte: acervo pessoal de Dalcly da Silva Cruz, 2015.

3.4 DALCY PELOS OUTROS – PARTE 2

A moça da ANCAR

– Erasmo²¹ – amigo dos tempos de São Tomé

Dalcly trouxe para os trabalhadores do campo em São Tomé ares iluminados: dinâmica, música, cultura, socialização... A esperança por um mundo melhor

Conheci Dalcly na década de 1960, na cidade de São Tomé/RN, época essa em que ela trabalhava na ANCAR. Eu fui aluno de Dalcly na disciplina de Geografia,

²¹ Erasmo Costa Andrade, artista plástico potiguar, professor aposentado do Departamento de Artes da UFRN.

no primeiro ano ginásial quando ela foi professora no Ginásio Comercial de São Tomé. Dalcy morava vizinho à pensão da minha avó, a senhora Josefa Régia de Andrade, local onde ela fazia refeições diariamente. Ela morava com as americanas Key Mouse e Conrady, pois trabalhavam juntas na mesma instituição. Por eu ser vizinho delas, frequentava muito a sua casa com uma amiga chamada Irecê Moreira, e lá ouvíamos juntos músicas de Net King Cole, Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Trio Iraquitan, Cauby Peixoto e Niltinho. Além de ouvir, nós cantávamos bastante, ensaiando essas músicas, para fazermos apresentações nas festas que aconteciam no Potengi Clube, que Dalcy e a ANCAR patrocinavam. Dalcy era uma pessoa muito interessante, personalidade marcante, bonita e atraente. Ela realizou duas festas importantes na cidade: a primeira foi a Festa de Máscaras no Clube Caça e Pesca e a outra foi a Festa das Rosas, também no mesmo local. Além disso, Dalcy promovia cursos de artesanato nos períodos festivos da cidade, como festas da padroeira, Natal e o São João. Recordo com o olhar observador, os trabalhos artesanais feitos em catembas de coco, com velas em papel, bolas natalinas e ramos secos dos sítios que rodeavam São Tomé.

Eu já sentia na infância que queria representar minha terra como artista e Dalcy notou isso rapidamente. Na realidade, ela foi a única pessoa a perceber isso. Dalcy sempre foi ousada e isso mexia bastante com os valores da cidade, em relação ao comportamento da mulher que saísse do padrão imposto pela sociedade. Ela não seguia esses padrões: pensamentos, moda, costumes considerados provincianos. Enquanto as mulheres usavam vestidos longos nas festas, Dalcy já usava toaletes acima dos joelhos, que mostravam suas pernas, e isso a diferenciava das outras. Dentro da ANCAR, ela desenvolveu diversas atividades em parceria com os americanos. Dentre muitas atividades, destaco aqui o Clube dos Quatro S – SAÚDE, SERVIR, SABER E SENTIR. Era uma dinâmica de ajuda aos trabalhadores do campo, que abrangia aspectos financeiros, culturais e sociais. Ela não levava a questão pelo lado assistencialista. Não gostava disso.

Dalcy era considerada uma liderança, com esse foco de lidar com pessoas pela sua visão ampla, além daquela realidade provinciana. Ela queria ensinar as pessoas a saírem daquela realidade. Dalcy sempre foi ligada à minha família e sempre teve um olhar muito importante sobre a minha pessoa, pois ela sabia que eu sonhava com uma realidade diferente. Ela via diante dos seus olhos um menino sonhador. Com o

passar do tempo, tivemos um belo reencontro na universidade, mas não para falar de academia e sim para falar da vida, onde recordávamos sempre as lembranças de São Tomé, a arte, os sabores, os odores e visões; um tempo de poesia.

Uma mulher, vários grupos

– Hermano Machado Ferreira Lima²² – Ex-professor, colega docente e amigo

Dalcy soube fazer opções acertadas. Ela não se envolvia, sobretudo no certo frisson de disputas acadêmicas.

Conheci Dalcy através de Pepita, uma amiga em comum nossa, por volta de 1969, quando eu cheguei aqui em Natal. Depois eu fui ser professor da Faculdade de Sociologia na Fundação José Augusto e Dalcy era aluna do curso. Fui professor dela, na disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa em Ciências Sociais. Dalcy era uma aluna muito aplicada; acompanhava as aulas, participava intensamente. Essa amizade foi para além da sala de aula. Nessa época ela já não estava mais na extensão rural, sua discussão estava mais voltada à questão do sindicalismo rural aqui no Rio Grande do Norte. Assim, fomos intensificando mais nossa amizade. Quando ela entrou na Universidade, eu era do Departamento de Filosofia e ela, das Ciências Sociais. Eu acompanhei, sobretudo, a produção intelectual dela. Eu achava uma coisa muito interessante: nesse período não era muito comum nós professores produzirmos artigos como se faz hoje e a Dalcy rompia com isso, produzindo sistematicamente. Eu já falei com ela para ver a possibilidade de juntar esse material e publicar de alguma forma. Deve ter muita coisa publicada na Revista *Vivências*, *Cronos*, *Inter-Legere* e, acho que na Paraíba tem também.

Uma coisa que eu acho muito interessante na biografia da Dalcy é que ela, mesmo aposentada, manteve a vida acadêmica, e isso é muito importante. Se você se afasta da academia, as pessoas esquecem de você. A Dalcy soube fazer opções acertadas. Quando ela saiu da extensão rural, foi no momento certo, pois a extensão rural estava indo por um caminho muito tecnicista, não levava em conta a organização

²² Hermano Machado foi professor titular da Universidade Estadual do Ceará e professor no departamento de Filosofia da UFRN. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em Políticas Públicas.

social, sobretudo dos camponeses, só tinha vez os agrônomos e veterinários. O modelo da ANCAR importado dos Estados Unidos, não servia para a gente, pelas correntes americanizadas e positivistas que ela seguia. Dalcy não acreditava naquilo. Quando ela saiu da ANCAR, ela fez um grande trabalho com Socorro Freire na FETARN, com uma participação intensa do sindicalismo. Boa parte da produção dela foi desse tempo. No Departamento de Ciências Sociais, a impressão que tenho é que Dalcy ficou equidistante de certas disputas de grupos, apesar de ter uma posição política muito bem definida, ela sempre foi da esquerda, mas não se envolvia demais, sobretudo no certo *frisson* de disputas. Nisso aí ela foi muito feliz e por isso é bem quista por todos. Ela não é de um só grupo, tinha amigos, mas não queria poder. O fato de Dalcy ter tido algumas situações que atrapalharam o percurso do doutorado dela, que começou em São Paulo e veio terminar aqui na UFRN, talvez tenha impossibilitado ela de atuar na pós graduação. Acredito eu, que ela teria orientado brilhantemente dissertações e teses sobre a questão da terra, do sindicalismo. Participei de muitos eventos com Dalcy, de várias temáticas. Uma coisa que nos faz em comum é estar por aqui depois da aposentadoria, sempre presente, e isso nos faz sentir mais vivos. É uma figura extraordinária do meio acadêmico e que entusiasma. Fico muito admirado com persistência dela. Muitos colegas dela, quando se aposentaram, foram fazer outras coisas, Dalcy não, ela continuou produzindo, pensando. O seu trabalho registra a figura de um intelectual, que teve uma atuação muito longa aqui na UFRN e, se não for registrado, daqui a um certo tempo já não será mais lembrado. Espero que muitas pessoas tenham acesso a esse trabalho para saberem quem é essa intelectual, Dalcy Cruz.

Militante intelectual e política

– José Willington Germano – Ex-aluno, colega docente e ex-orientador.

Dalcy contribuiu significativamente para minha formação, uma vez que um bom professor nos ajuda a nos tornar gente!

Eu conheci Dalcy em 1968 na condição de aluno, quando eu estudava na Faculdade de Sociologia e Política mantida pela Fundação José Augusto, que na década de 1960 mantinha escolas superiores, uma na área de Sociologia e Política e o curso de Comunicação. Naquela época era ditadura militar, o ano que começa o círculo mais repressivo da história recente brasileira. O golpe foi em 64, mas o

endurecimento mais complexo possível foi em 68. Em fevereiro de 1969 surge o famoso decreto 477 que era o AI5²³ aplicado às universidades e escolas. Era um contexto extremamente complicado de resistência à ditadura, feito de forma muito difícil, porque ela estava em todos os lugares, inclusive na Fundação José Augusto.

Dalcy integrava o corpo docente da Faculdade de Sociologia e Política e, junto com vários outros professores, tinha uma posição crítica e de resistência à ditadura militar, e lá foi com quem eu me entrosei bastante. Ela foi uma excelente professora da disciplina de Sociologia do Conhecimento e também trazia muitos autores críticos que ela trabalhava com os alunos, dentre os quais um autor que hoje não mais se fala, chamado Costa Pinto. Ai vinha Celso Furtado, Valdomiro Barraneta e muitos outros. Ela contribuiu significativamente para minha formação, uma vez que um bom professor nos ajuda a nos tornar gente. A partir daí nos tornamos amigos e depois nos tornamos colegas professores, primeiro na própria Fundação José Augusto, pois eu me tornei professor lá e, depois, na UFRN. Fui da banca de Mestrado de Dalcy, quando ela defendeu sua dissertação em Campina Grande sobre sindicalismo rural e essa amizade perdura até hoje. Quando me tornei orientador dela no doutorado, quando ela fez uma tese sobre Caio Prado Júnior, eu digo que fiz às vezes de orientador pelo fato de Dalcy não precisar ser orientada. Uma pessoa que, do ponto de vista familiar, sempre foi íntima nossa, sobretudo no período que nós moramos em Campinas, São Paulo. O fato de estarmos em uma terra estranha nos aproximava enquanto conterrâneos. Quando chegamos lá, ficamos hospedados no apartamento de Dalcy. Os nossos contatos eram frequentes. Eu ia buscá-la para passar o dia em nossa casa, finais de semana. Outro ponto que nos aproximava era a amizade que minha esposa Raimunda Medeiros Germano tinha com Dalcy. Foram colegas de trabalho também na Fundação. Dalcy se tornou íntima de nossas filhas e eu também passei a conhecer a família dela.

²³ O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5/Acesso em 27/01/2017>.

Eu defino que nosso relacionamento é Intelectual, político, pois sempre fizemos parte da esquerda, lutando, e da amizade pessoal. Como professora eu achava ela mais branda do que como orientanda. Ela foi uma professora serena, suave, entusiasmada, tinha uma boa relação com os alunos. Quando ela se tornou orientanda, nós tínhamos pontos de vistas formados, e, embora com identidades parecidas, tivemos alguns momentos de contrapontos, talvez pelo grande conhecimento que ela tinha da obra de Caio Prado e, em alguns momentos, diferíamos, mas foi feito um grande trabalho que merecia ser publicado, tanto o mestrado, quanto o doutorado. Essa não publicação talvez se deu por uma falta maior de articulação junto à universidade. Acho que ainda hoje merecia sair essa publicação, como marco daquela época. No mestrado ela faz um trabalho pioneiro sobre sindicalismo rural aqui no Rio Grande do Norte, e, no doutorado, ela fala de um intelectual que pensava o Brasil de uma forma nova, diferenciada.

Dalcy é uma pessoa espetacular, com uma produção intelectual enorme e, para mim, o mais importante, ela não abandonou a sala de aula, o que a difere de muitos professores hoje que vivem na base do produtivismo da publicação. Dalcy fez educação política, fazendo uma leitura crítica do mundo. Se isso ainda acontecesse, não teríamos essa alienação que temos hoje na universidade. A participação dela no Grupo Pesquisa Cultura, Política e Educação foi muito ativa. Fizemos uma grande pesquisa denominada *Sociedade, Memória e Educação no Brasil*, que envolveu várias dissertações e teses que falam de grandes intelectuais, da história do Brasil, da educação através da memória, e, dentre eles, a paixão intelectual de Dalcy, Caio Prado Júnior.

Aconteceu o aniversário do grupo e a professora que foi homenageada foi Dalcy. Ela teve um papel fundante e uma contribuição enorme na estruturação do campo do conhecimento das ciências sociais aqui no Rio Grande do Norte, desde a Fundação até a UFRN, formando gerações. E teve uma militância política grande, não só nas questões do campo, mas no espaço docente. Em 1979, foi criada a ADURN – Sindicato dos Docentes da UFRN e Dalcy chegou a fazer parte da gestão. Tudo isso foram escolas para a vida, para servir de exemplo aos alunos. Como militante, nossa responsabilidade aumentava na nossa prática docente; eram momentos complicados. Dalcy desenvolveu um trabalho de enfrentamento à ditadura. Dentre tantas qualidades, Dalcy tem a capacidade de cativar as pessoas e as amigadas que ela

constrói se tornam duradouras, como a nossa, que já são 48 anos. Eu sou fruto dos conhecimentos que ela e outros professores daquela época partilharam conosco.

No que diz respeito à questão da memória da intelectual e da obra de Dalcy, hoje na universidade eu vejo pelas seguintes entradas: o fato dela estar mais em casa nesse momento e não circular mais pela universidade, isso tem haver com a crueldade do mundo de quem não é visto não é lembrado. Outra questão que influencia é a questão da colonialidade, onde o que é bom é o que é de fora, e isso se reflete na ausência dos nossos textos no currículo disciplinar. Outra entrada é que a universidade tem vergonha de homenagear e reconhecer.

Este trabalho é importante porque tem reconhecimento a uma pessoa que contribuiu na produção do conhecimento, na estruturação do saber, na militância política e na formação de pessoas. Toda a nossa convivência se dava pelas nossas identificações em vários campos. Por mais que às vezes demorássemos a nos encontrar, sobretudo agora nesse momento, mas é uma grande amizade, para a vida toda. Uma grande mulher, intelectual, amiga.

José Willington Germano é cientista social, doutor em Educação pela Unicamp. Professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, e coordenador da Base de Pesquisa Cultura, Política e Educação. Professor titular e emérito da UFRN.



“Esqueça o que os homens dizem e interprete do seu jeito o que os homens dizem” (Dalcy da Silva Cruz)

4 TERCEIRA REORGANIZAÇÃO: TRAÇOS DE UMA INTELLECTUAL QUE RELIGA SABERES

Atualmente, com o tráfego rápido de uma gama incomensurável de informações, potencializado pelos desdobramentos da globalização, experimentamos um momento inaugural de democratização informacional. Mas, ter acesso a muitas informações não significa que somos detentores de vastos conhecimentos. Faz-se necessário lapidá-las e inseri-las num contexto. Segundo Almeida (2007, p. 07):

Para conhecer é preciso selecionar informações, eleger algumas como mais importantes, articulá-las entre si, imputar significados a elas. Conhecimento é tratamento de informações. É o resultado de uma ação e de um trabalho ao mesmo tempo árduo e prazeroso do pensamento para estabelecer elos entre os dados, observar aproximações e afastamentos, procurar encaixes entre indícios e sinais que reconhecemos como informações sobre um fenômeno, um problema, um tema.

Para complementar, Almeida ainda nos traz uma importante diferenciação entre conhecimento e sabedoria, e deixa claro que, de um lado, estamos a todo tempo sendo enxotados de informações científicas, e, do outro, temos a recepção de uma informação pautada na simplicidade e na vivência de um indivíduo. Esse indivíduo é cognitivamente capaz de construir ou transformar esse conhecimento e de principalmente, permanecer ou não com ele, de acordo com o meio social do qual faz parte.

Que somos capazes de tratar informações, isso é fato. Mas, fazer desse exercício uma prática sistemática e cotidiana a serviço da coletividade, é uma empreitada assumida por poucos. A esses chamamos intelectuais. Sujeitos que manuseiam constantemente as informações, inserindo-as num campo maior, observando suas transformações, dialogando com elas, pensando sobre elas em outros contextos próximos e distantes. Por muito tempo se outorgou o status de intelectual aos portadores de diplomas e títulos acadêmicos, ou àqueles sujeitos eruditos, frequentadores de museus e detentores de bibliotecas e obras de arte particulares. Mas, intelectuais “são artistas do pensamento, porque dão forma a um conjunto de dados, aparentemente sem sentido e desconexo. Onde quer que se opere

essa complexa arte do pensamento aí está em ação um intelectual” (ALMEIDA, 2007, p. 08).

Edgar Morin, em sua obra *Meus Demônios*, nos contempla com uma noção de intelectual ampliada. Para ele,

o termo intelectual tem uma significação missionária, divulgadora, eventualmente militante. Assim, a qualidade de intelectual não é determinada pela integração profissional na *intelligentsia*, ela vem de uso ou da superação da profissão nas ideias (MORIN, 2010, p. 204).

A partir do que Morin nos traz, entendemos a figura do intelectual como alguém que transcende o que está posto, sem procurar se superespecializar em algo, e procura transformar a informação em conhecimento, como política de existência. É essa a forma que mais se aproxima das atitudes intelectuais de Dalcy. A cada escolha, a cada mudança de rota, a cada crise, viu e fez uma possibilidade de ampliar sua ação no mundo.

A escolha de Dalcy em buscar uma experiência nas Ciências da Complexidade, se deu pela percepção de que os problemas que nos acometem, enquanto humanidade são de base complexa e não podem ser resolvidos em separado, de forma fragmentada a partir de disciplinas isoladas.

Em 2002, aos 72 anos de vida, Dalcy segue para Portugal para fazer o pós-doutoramento em História das Ideias, na Universidade Nova de Lisboa, com o Professor Doutor José Esteves Pereira, catedrático do Departamento de História das Ideias daquela universidade. Segundo Dalcy, muitos foram os empecilhos enfrentados para a concretização desse pós-doutorado. Dentre eles, a dificuldade de conseguir duas cartas de indicação que sairiam da UFRN para Lisboa, redigidas por professores do Departamento de Ciências Sociais:

Lembro que bati em algumas portas para tentar conseguir aquelas cartas, tendo que ouvir falas assim: você! Vai fazer pós doutorado com 72 anos? Você não acha que sua idade está avançada demais para fazer isso? Mas, a minha vontade de estudar não me desanimava. Os professores Ceíça Almeida e Willington Germano, não usando a minha idade como barreira, me concederam as cartas. Sabendo dos desafios

que enfrentaria, arrumei minha mala cheia de felicidade e segui para Portugal (CRUZ, 2015).

Após seu retorno de Portugal, Dalcy passa a frequentar a UFRN como professora convidada, colaborando com o desenvolvimento de disciplinas e, sempre que possível, ministrando esporadicamente aulas. Também passa a se dedicar à produção acadêmica no grupo de pesquisa Cultura, Política e Educação, coordenado pelo prof. Dr. José Willington Germano e no Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM), coordenado pela profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida.

Nesses espaços, Dalcy reconhece que muitas de suas inquietações teóricas não se enquadravam nos modelos hegemônicos de ciência, e que ali ela poderia encontrar terreno fértil para desdobrar suas discussões. Fazer parte desses grupos revela uma característica nobre da nossa personagem: a humildade intelectual. Os dois professores que passaram a ser orientadores e coordenadores das bases de pesquisa às quais ela aderiu, foram seus alunos de graduação, ainda na época da Escola de Sociologia e Política da Fundação José Augusto. Como um bom educador, Dalcy soube reconhecer quando o educando vai além.

É nesse retorno que, além da atuação como professora colaboradora no Departamento de Ciências Sociais da UFRN, também passa a lecionar na Universidade Potiguar (UNP), instituição privada de ensino superior do estado. Nesse momento, intensifica seu diálogo com jovens estudantes interessados em discutir questões que envolvessem Geografia, Educação e Complexidade (CRUZ, 2014). Sobre esse período, Dalcy comenta que:

A minha experiência na UNP foi regada de momentos bons e, ao mesmo tempo, difíceis. Lá, eu vivi grandes momentos de aprendizagem, pois dialoguei com várias áreas da ciência, em especial fiz um belo retorno à Geografia. Trabalhei ministrando várias disciplinas no setor de educação, no curso de pedagogia. Aquele também foi um tempo em que me aproximei de Edgar Morin e da complexidade. Entrava eu em outro caminho da ciência. Mas, como nem tudo era perfeito, enfrentei dificuldades, principalmente no meu fazer pedagógico, pois existia uma resistência muito grande de alguns professores em dialogar de uma forma mais aberta com os alunos e isso me deixava muito preocupada (CRUZ, 2015).

Aqui a fênix²⁴ dá mais um vôo. Além da bravura por enfrentar um estudo pós-doutoral aos 72 anos, o fôlego para trabalhar ainda mais no ensino ao nível de graduação.

Na UNP, Dalcy contava com a parceria da professora Carmen Suely, com quem escreveu e publicou alguns artigos e apresentou trabalhos em eventos acadêmicos diversos. Dessa produção, destacamos: *Por uma educação libertadora*; *Por uma ética cidadã*; e *Educação Superior: mudanças e controvérsias* (CRUZ, 2006; 2009^a; 2009^b).

As autoras buscaram discutir, as dificuldades que o ensino superior no Brasil vem enfrentando na virada do século XX para o XXI, tendo que sofrer modificações para se adaptar ao contexto político e social presente na sociedade. Fazem uma crítica à reforma universitária e à fragmentação que existe, entre o Ensino Básico e outras modalidades de ensino (projetos de alfabetização, Educação de Jovens e Adultos), e o Ensino Superior, quando na verdade eles deveriam ser conectados com a sociedade em geral, o que resultaria em uma formação mais cidadã e de qualidade. Por fim, elas trazem um amplo debate que questiona: “é possível uma nova universidade?”. A resposta viria de um diálogo mais permanente, sobre a relação entre universidade e a sociedade.

Uma reforma que contemple as demandas sociais, inclusive a democratização do saber e da universidade, poderia eliminar a exclusão social que cada vez mais se agrava. Portanto a nova universidade poderia contemplar no seu projeto uma articulação local e global, nacional e transnacional, democracia e universidade, saber científico e saber humanístico, cooperação e solidariedade. Enfim, uma universidade que possa enfrentar o novo com o novo. (ALLOUFA; LIMA; CRUZ, 2006, p.12).

Além de todas as inquietações que a acompanharam, mesmo depois de toda uma caminhada intelectual, Dalcy se volta à pesquisa e à discussão de questões que afligem o sujeito na contemporaneidade, principalmente neste início de século e de milênio. Temas como globalização, avanço tecnológico, especialmente nas áreas da comunicação, cultura e ciência, e nas relações do homem com a natureza, nesse momento de agonia planetária, intensificada pela agressão que o meio ambiente vem

²⁴ A fênix é um pássaro da mitologia grega que renascia das cinzas.

sofrendo. Dentre algumas produções dela nessa temática, destacam-se: *Educação Superior: mudanças e controvérsias*, *Cinco Pilares de uma educação aberta para o novo milênio*; *Imagens Planetárias*; *Manuel de Barros: um poeta da natureza* (CRUZ, 2009; 2004; 2006; 2008).

Ao encerrar suas atividades oficiais como professora na UNP, em 2011, Dalcy continuou com sua participação nas discussões dos dois grupos de pesquisas da que integrava na UFRN, produzindo trabalhos e livros, e participando de congressos nacionais e internacionais²⁵. Paralelamente a isso, continuava também em sua própria casa, dialogando com alguns alunos, sempre com a finalidade de contribuir com a formação dos mesmos e de fazer o que ela mais gosta: estudar.

4.1 PRODUÇÃO DE UMA INTELLECTUAL QUE RELIGA SABERES

Ao chegar nesse momento da trajetória de Dalcy, é perceptível que esse movimento dela entre os grupos de pesquisa, seu diálogo com outros autores, a vivência em outros espaços institucionais e as viagens influenciaram bastante sua produção intelectual. O que nos chama atenção, é o não aprisionamento e devoção dessa intelectual por um único universo de pesquisa. Ela transitou por todos esses caminhos e o resultado de cada passagem, sempre foi fazer uma “ciência da inteireza”, como defende Almeida (2006):

Se faz sentido propugnar por uma ciência da inteireza, supõe-se igualmente lançar as bases para uma educação que facilite a inteireza do sujeito. Nesse sentido, é importante redirecionar os horizontes pedagógicos e educacionais, com vistas à autoformação de sujeitos que se sintam autores de suas narrativas. Concebendose como construtores da realidade, os pesquisadores sentir-se-ão

²⁵ Alguns dos principais congressos internacionais, dos quais Dalcy participou:

XXVII Congresso Alas 2009: Latino América Interrogada, 2009, Buenos Aires.

Itinerário Político Intelectual de Caio Prado Júnior. In: Conferência Pública Na Universidade Nova De Lisboa, 2003, Lisboa.

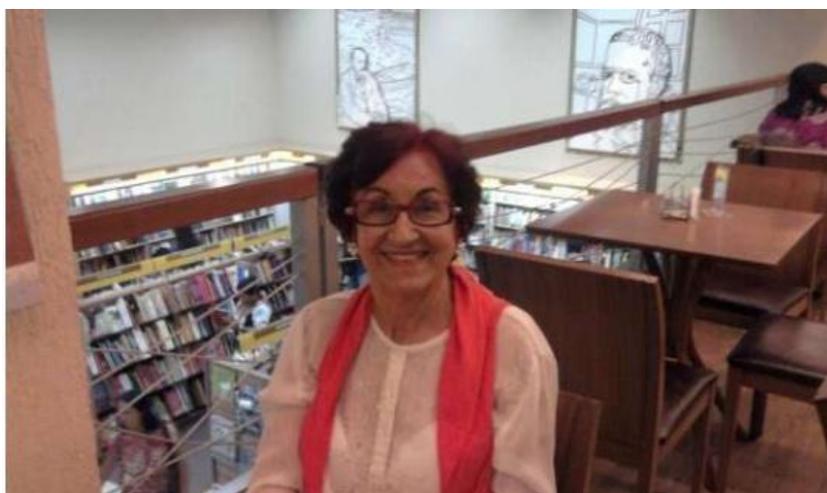
L'Homme: sujet historique particulier et universel. In: IX emme colloque international de L'AFIRSE, 2000, Rennes.

X Colloque International de L'afirse. A Educação E A Cultura Midiática. 2001.

certamente responsáveis pelo discurso proferido e pela narrativa construída. Dessa perspectiva, a narrativa subjetivada e uma ciência da inteireza caminham lado a lado com uma ética da responsabilidade do cientista-educador (p.13).

Dalcy passou pela literatura, estudou o pensamento de diversos intelectuais, é uma transeunte entre a Educação, a Geografia, a Sociologia, mas sem se apegar definitivamente a nenhuma delas como verdade última. A única bandeira que defende é a da busca pelo conhecimento.

Figura 22: Entrevista de Dalcy à *Revista Inter-Legere*, em 2000



Fonte: Revista Inter-Legere (2010)

Dalcy opera de forma complexa em toda a sua caminhada, porque soube tecer em conjunto suas várias faces, construídas a partir dos diversos lugares que frequentou e dos grupos aos quais pertenceu. Ao assumir teoricamente essa complexidade, fortaleceu ainda mais essa aptidão.

A seguir elencamos alguns textos que representam esse momento de sua produção. A seleção foi feita com base nas respostas que a própria história de Dalcy, seus relatos e os depoimentos de seus interlocutores foram apontando durante toda a pesquisa. Ao ser questionada, sobre quais seriam suas publicações preferidas, Dalcy respondeu: “Não tenho um preferido, pois tudo o que produzi foi resultado do tempo, das vivências, das leituras, da curiosidade, da necessidade de conhecer” (CRUZ, 2015). Isso só demonstra um princípio caro às Ciências da Complexidade: o de que vida e obra se intercalam a todo momento. (MORIN, 2003).

Militância intelectual e questão agrária

Esse campo de produção de Dalcy, é considerado em sua própria trajetória, como sendo o mais complexo, pois foi a temática que mais fortemente delineou suas reorganizações. Foi a inspiração de um campo de pesquisa que a vida lhe ofereceu, a partir da sua extensa vivência na ANCAR, que direcionou seu olhar sobre a terra. Com isso, Dalcy passa não apenas a escrever sobre a reforma agrária, mas se torna militante da questão envolvendo-se na causa de diversas formas e em variados contextos.

O texto a ser destacado aqui denomina-se: *Os movimentos sociais e a questão agrária*, preparado por Dalcy para uma palestra proferida na *XI Semana de Estudos Sociais*, promovida pela Associação Profissional dos Sociólogos do Estado do Rio Grande do Norte, no período de 15 a 19 de outubro de 1984 (CRUZ, 2014).

Dalcy inicia sua fala afirmando que a questão agrária tem a mesma idade do sistema capitalista e que, à medida que o sistema avança, os problemas com a reforma agrária também se proliferam, afetando especificamente a classe trabalhadora e gerando muitos problemas sociais, dentre eles, a fome, a miséria, a expulsão de pessoas do campo, os assassinatos, além de outros. Dalcy apresenta um panorama da questão agrária dos anos 60 até 80 do século XX, no qual destaca a forte política de opressão e controle do Estado contra os trabalhadores rurais, e a organização dos movimentos sindicais como forma de resistência. Destaca alguns movimentos rurais que fizeram parte da história, como Canudos e o movimento das Ligas Camponesas, onde mesmo caracterizando-se muitas vezes como manifestações expressas pela via do sagrado, suas origens estavam ligadas à exploração capitalista e à questão da terra. Foram movimentos que, no seu bojo, continham proposições libertárias e de autonomia das classes dominadas. Já em relação ao sindicalismo Dalcy afirma:

Cabe, portanto, às categorias profissionais e à classe trabalhadora rural em geral, fortalecer suas entidades representativas no sentido de reagrupar em seu interior os companheiros que não estejam ainda organizados. Essa tarefa diz respeito a todo cidadão comprometido com a realidade e com o movimento de sua transformação. Porém, não se deve esquecer que, o sindicato não se constitui um fim em si

mesmo, mas apenas um meio para, ou seja, o campo por excelência de recrutamento político (CRUZ, 1984, p. 06).

Finaliza sua fala enfatizando que a militância pela questão agrária, enquanto luta pela superação da injustiça social, deve ser intensificada e explicitada num projeto político. Enquanto esse projeto não se concretizar, caberia à classe trabalhadora fortalecer as entidades que no momento tem alguma possibilidade de luta: seja sindicato, seja associação profissional, seja associação de bairro. Somente a intensificação do contato e da articulação entre categorias, e entre grupos que estão dispostos à luta da classe trabalhadora, conduzirá a transformações de fato. Mas a classe trabalhadora precisa estar organizada, forte, atenta. Só assim se ampliarão as possibilidades de construção de uma nova sociedade (CRUZ, 1984).

Além desse, Dalcy escreve outros textos de extrema importância que vão constituindo sua obra sobre a questão da terra: *As greves no canavial*, *A questão Agrária dos anos 60 até hoje*, *Capitalismo, agricultura e acumulação*, *Igreja católica e movimento Sindical no Rio Grande do Norte*, *Nordeste: da indústria da seca a irrigação*, *O potencial Revolucionário do pequeno produtor*, *O Rio São Francisco: um caminho que anda*, *Sindicalismo Rural e reforma agrária: notas introdutórias*, *Trabalhadores do planeta terra* (CRUZ, 1986; 1979; 1973, 1981; 2001; 1979; 1994; 1978; 1998).

Educação, Ciências Sociais e Complexidade

Dentre os textos escritos por Dalcy sobre educação, destacam-se dois, especialmente por dialogarem com as concepções de mundo, ao mesmo tempo universais e singulares, e também pela atemporalidade dada às questões sobre o universo da educação. O primeiro deles chama-se: *Um novo conceito de educação: novos espaços ou novas possibilidades?* (CRUZ, 2006). Nele, Dalcy buscou refletir sobre um novo conceito de educação, o qual poderá alcançar novos espaços de ensino, para além da tradicional instituição escolar. Não necessariamente espaços de educação formal, como são as escolas, mas lugares onde possam ser discutidas questões pedagógicas e de formação do sujeito. Trata ainda do desenvolvimento da economia, da política, da cultura e do próprio fazer pedagógico.

Do ponto de vista da economia, Dalcy defende nesse texto, que a escola precisa abordar e discutir questões como o processo de globalização, a primazia do mercado - como é colocada hoje - e suas consequências, não só para o fazer pedagógico, mas para a sociedade em geral. As crises do capital, o consumismo e suas consequências para o indivíduo. Quanto à política, tanto o professor quanto os demais membros da escola, devem se colocar como seres políticos, tendo em vista que, lembrando Paulo Freire (1996), o educador é um ser eminentemente político. No âmbito da cultura, é importante a escola explorar com o alunado as raízes culturais do país, sua produção e preservação permanente, como elo entre o saber produzido na sociedade e os demais saberes: do imaginário, da música, do teatro, do cinema, da poesia, da literatura, bem como o que é transmitido pelas mídias. Afinal, a cultura é uma produção humana.

O segundo texto em questão, denominado *Educação superior para o século XXI: dilemas e possibilidades* (2012), apresentado no VI Colóquio da AFIRSE, realizado na Universidade Federal do Piauí (UFPI), na cidade de Teresina em 2012. Esse texto foi construído em parceria com Carmem Sueli Cavalcante Miranda e Jomária Mata de Lima Alloufa. Aponta para um ensino superior, que tenha como missão vencer os entraves colocados pela expansão do capital no seu processo globalizador, mas que tenderá a encaminhar-se para apresentar novos dilemas, porém com grandes possibilidades de se discutir cultura como uma estratégia para a formação do sujeito.

Para fazer essa discussão, as autoras trazem pensadores como Boaventura de Souza Santos, Milton Santos, Octávio Ianni e Naomar Monteiro de Almeida Filho, os quais pensam em uma universidade preparada para enfrentar as questões do capitalismo globalizado. Para as autoras, o papel da universidade deve ser preparar o indivíduo para a vida e não para o mercado. Apesar da escola estar se degradando, ela precisa ser resgatada através de uma cultura criativa. Essa preocupação complementa o debate, de criar uma universidade que utilize as novas tecnologias, mas restabeleça um conhecimento de maior amplitude, uma cultura de civilização que atinja não só a escola, mas o próprio saber.

Diante de toda a turbulência que se vive hoje, em torno da permanência, ou não, da Sociologia como disciplina no currículo do Ensino Médio nas escolas

brasileiras, encontramos na vasta produção de Dalcy, um texto que ela havia escrito sobre o papel do cientista social. O texto *O Cientista Social: qual o seu compromisso com a realidade histórica?* foi escrito em 1985, mas sua mensagem é de uma atualidade permanente, como que para não deixar esquecer, que o exercício de pensar agindo sobre as problemáticas sociais, é uma postura a ser cultivada nos espíritos de cada tempo.

Dalcy inicia o texto chamando a atenção para a questão do compromisso, enquanto cientista social frente a uma realidade, que a todo momento está a nos desafiar. Posteriormente, lança perguntas que buscam refletir sobre o papel desse profissional em questão: o que significa mesmo ser um cientista social? Que compromissos deverá ele ter com a realidade histórica? Qual é a sua tarefa diante do mundo? Se trata simplesmente de observar e fazer registros da realidade social? Fazer elaborações teóricas? Transmitir conhecimentos? Denunciar? Planejar? Posteriormente, ela trata da questão da fragmentação da formação desse profissional na universidade, e aponta questões sobre um desejável perfil do Sociólogo ainda em discussão nos dias atuais. Sobre o cientista social, Cruz diz:

Por um lado, ele, o cientista social, como qualquer indivíduo, pertence a uma classe com sua visão de mundo. Tem preconceitos, tem imperfeições, tem suas preferências. Enfim, carrega seus limites de classe. Nem é anjo, nem demônio. É simplesmente um indivíduo real, concreto O cientista social no seu papel tridimensional de pesquisador, professor e técnico, também deve possuir convicções científicas, e sobretudo políticas, ambas conectadas intimamente, porém marcadas por uma militância incessante. Como pesquisador, professor e técnico, o cientista social deve estar engajado tanto na atividade científica, como nos movimentos populares: no bairro, na associação profissional, no sindicato, no partido. Sua participação enquanto cientista e enquanto político é fundamental. Hoje, mais do que nunca a sociedade moderna exige a sua participação (1985, p. 05)²⁶.

Na mesma temática, Dalcy escreve um texto que foi proferido em uma aula da saudade com alunos do curso de Ciências Sociais da UFRN, em 1984, com o título *O Cientista Social e os Movimentos Populares*, no qual enfatiza que a relação do desse

²⁶ Em tempos do Projeto da Escola sem Partido, Escola sem Ideologia como querem aprovar, e já aprovaram em alguns lugares, como é o caso de Goiás, o discurso de Dalcy é altamente subversivo em relação a esse conservadorismo atual no Brasil.

profissional com os movimentos sociais deve sair das discussões da sala de aula e partir para a prática, para o envolvimento, de fato, com as pessoas, afinal havia já toda uma organização popular efetiva na luta por direitos. Dalcy afirma ao finalizar o texto:

eu diria que esse compromisso será concretizado com a participação efetiva de cada um de nós num sindicato, instância que possibilitará o desenvolvimento da luta pelos direitos do trabalhador. E numa instância maior – o Partido – onde o cidadão terá possibilidade de viabilizar o seu projeto político. A classe trabalhadora espera que cada um de nós faça a sua hora, o seu momento, o seu tempo, por isso eu gostaria de dizer que o meu tempo é um tempo novo expresso nesses versos:

TEMPO DE CHEGADA

O meu tempo é um tempo
 Sem tempo, nem hora
 De chegada ou partida.
 É um tempo sem fim, sem pressa ou carreira
 de chegar, de partir.
 é um tempo sem pressa. mas,
 é tempo de urgência.
 urgência de ver,
 de chegar, de cantar, renovar, e sentir
 (CRUZ, 1984, p. 07).

No âmbito do pensamento complexo, Dalcy produziu um texto que retratou a sua aprendizagem diante das leituras feitas no GRECOM, as quais representaram uma nova etapa na trajetória dessa intelectual: a possibilidade de perceber que a ciência é mais um caminho para construção de conhecimento e não deve se restringir a processos de exatidão laboratorial rígida, e sim por todo conhecimento que existe e pode ser pensado por sujeitos.

O texto chama-se: *Cultura e saberes da tradição: estratégia na formação do sujeito*. Seu maior objetivo foi buscar estabelecer um diálogo entre cultura científica, cultura humanística e saberes da tradição, sendo estes últimos, todos aqueles construídos numa relação mais direta com os fenômenos e a natureza estendida, conforme defende Almeida (2007). O diálogo entre esses “operadores cognitivos” pode, provavelmente, contribuir para uma reorganização do saber contribuindo para uma formação mais conectada com os fenômenos, a vida e as realidades do mundo,

incluindo, nessa perspectiva, algumas vias que possam restabelecer uma maior reaproximação com o outro, maior solidariedade, maior fraternidade, para que o indivíduo consiga enfrentar alguns grandes desafios impostos pela sociedade contemporânea.

Nesse sentido, a cultura produzida fora dos espaços acadêmicos deve ser parte integrante dessa estratégia, para que os que pretendem desenvolver uma unicidade de saberes e de ações, não se sintam analfabetos. Para Dalcy, no contexto da cultura, a palavra tradição não significa coisa do passado, mas o entendimento de um conhecimento produzido fora do âmbito acadêmico, tão vigoroso e criativo, que demonstra destreza e conteúdo, o qual deve ser assimilado em prol da resolução de problemas relacionados com a formação do sujeito. Ainda afirma que:

Com essa proposta, a interlocução com os sujeitos produtores desse conhecimento, como os índios, ciganos, palhaços, artistas, pescadores, trabalhadores em feiras livres, e outros, que são sujeitos que se constroem no seu cotidiano, na sua ação, e narram, de forma muito consistente suas experiências de maneira elegante e convincente. Isso, certamente, se constituirá em uma estratégia para colaborar com a formação do sujeito para a vida (CRUZ, 2012).

Dalcy finaliza o texto, chamando atenção para a importância de lembrar, que um retorno ao conhecimento da cultura e dos saberes da tradição, certamente irá trazer novas perspectivas de mudanças na educação, na convivência, nas relações com o mundo e com o outro. Será então um casamento que deve se tornar indissolúvel.

Os amores de Dalcy na Ciência e na Arte

Dalcy durante toda a sua trajetória, até os dias atuais, fez leituras de intelectuais que influenciaram seu pensamento sobre diversas perspectivas: na Sociologia, Florestan Fernandes e Octávio Ianni, na história, Caio Prado Júnior, na poesia, Manuel de Barros. Na medida em que se permitia conhecer sobre determinado autor, ela também deixava florescer profundos relacionamentos intelectuais com os mesmos, a partir de leituras aprofundadas de suas obras. A produção de textos

oriundos dessas leituras, emitiam sua visão e entendimento acerca da contribuição desses intelectuais para a ciência e para a vida. Por todos esses motivos, é que escolhemos dar a esses relacionamentos tão íntimos a alcunha de amor intelectual. Falaremos com breves detalhes de cada um desses amores, a partir da síntese dos textos a eles dedicados. Ao descrever trechos de textos selecionados, nos preocupamos em ressaltar as projeções e identificações de Dalcy, com cada uma das personalidades da Ciência e da Arte, às quais ela se refere em textos.

Em *Florestan Fernandes: o construtor da condição de sociólogo no Brasil*, Dalcy apresenta características biográficas desse pensador, destacando a sua dura realidade vivida na infância, quando trabalhava nas ruas de São Paulo. Posteriormente, Dalcy aborda a questão do autodidatismo de Florestan quando chegou à universidade, e à importante carreira que construiu enquanto sociólogo, que procura aprofundar seu entendimento, a respeito das ideias de outros com quem dialoga (CRUZ, 2010).

Para ele a teoria é fundamental para a análise. Não basta fazer a pesquisa. Toda investigação deve se apoiar em premissas metodológicas. Não se pode criticar ou aceitar um autor sem conhecê-lo. Portanto, o conhecimento da obra do autor é de fundamental importância para o conhecimento, o saber. (CRUZ, s/d, p.07).

Ressaltando traços da personalidade de Florestan Fernandes, Dalcy comenta o aguçado senso de justiça dele:

Uma de suas características era se preocupar com a realidade. Doía-lhe muito toda espécie de injustiça. Ele tinha uma sagrada ira com a desigualdade, a discriminação, o preconceito contra o negro, a apropriação privada de bens coletivos como a educação, por exemplo. O fundamental no seu pensamento era a paixão: paixão pelo saber, elaboração da sociologia como ciência, ciência como parte da sociedade; a sociedade como problema; a definição de método. Tudo isso devolvido como instrumento para transformar o mundo. A sua preocupação era o saber como via de transformar o mundo e não só como meio de conhecê-lo (CRUZ, s/d, p.08).

A partir dessa análise, percebemos uma grande afinidade de pensamento e postura entre Dalcy e Florestan Fernandes: o autodidatismo, a vontade de conhecer

um mundo diferente daquele do qual haviam nascido, o inconformismo com as injustiças de toda ordem. Por fim, ela apresenta uma cronologia, traçando o perfil desse intelectual e os caminhos que ele foi percorrendo entre as décadas de 1940 a 1960, destacando a sua grande contribuição para a Sociologia no Brasil.

Mais uma referência da Sociologia brasileira para Dalcy, aparece já no título do artigo *Octávio Ianni: Um Mestre Por Excelência* (CRUZ, 2010). Dalcy inicia seu texto ressaltando que “Ianni foi um dos sociólogos mais expressivos das Ciências Sociais no Brasil dos últimos decênios”(CRUZ, 2010, p. 01). Também traz um relato biográfico da trajetória desse intelectual, ressaltando sua dedicação à formação de jovens e à questão racial brasileira. Em um de seus textos, Dalcy usa uma citação de Porto que faz menção ao período de exílio, na época da ditadura militar no Brasil, e ao papel dele na formação de gerações na sociologia.

Sua importância foi sempre lembrada como ‘formador de gerações de sociólogos, como analista sensível da realidade brasileira, cuja obra’, tem um aspecto a ser ressaltado: compreender uma grande diversidade de temas, embora, marcada pelas suas posições de independência teórico-metodológicas em relação aos seus pares. Sempre foi e continua sendo ‘fonte incontornável de consulta para quem pretende aprofundar-se no conhecimento dessa realidade e da sociologia que a ele se dedica’(PORTO *apud* CRUZ, 2010, p. 02).

Dalcy destaca nesse texto o encontro que teve com Ianni e o quanto aquele diálogo foi marcante para ela:

Encontrei Ianni em 2000,²⁷ em um dos Congressos da SBS(Sociedade Brasileira de Sociologia), em Fortaleza, magro e abatido, mas ativamente participando das discussões brilhantes e entusiásticas como sempre o fazia. Conversamos muito nos intervalos e ele lamentava a compulsória o haver expulsado da Academia. Esse é o Ianni que o Brasil conheceu e continua a referenciá-lo (CRUZ, 2010, p. 07).

²⁷ A pesquisa autobiográfica utiliza diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. Esta é o componente essencial na característica do (a) narrador (a) com que o pesquisador trabalha para poder (re) construir elementos de análise que possam auxiliá-la na compreensão de determinado objeto de estudo. As narrativas permitem, dependendo do modo como são relatadas, universalizar as experiências vividas nas trajetórias de indivíduos (ABRAHÃO,2013).

Sobre o pensamento de Ianni, Dalcy afirma que esse intelectual manteve uma linha de unidade, apesar de temas e tempos diversos abordados. Sempre procurou manter em suas análises, uma compreensão que tem como pressupostos a totalidade na construção do seu pensamento. Nessa perspectiva, Ianni pode ser considerado um sociólogo de pensamento aberto, longe da fragmentação dos saberes, postura que ainda hoje se vê na academia, mas que no mundo todo já começa a se consolidar como uma nova forma de se pensar a ciência.

Entre Dalcy e o que ela diz de Ianni, observamos a predisposição de estudar temas de naturezas diversas, a abertura para pensar a ciência sob múltiplos olhares, a ousadia de pensar a realidade social brasileira dialogando com outras áreas do conhecimento, a vontade de lecionar e construir conhecimento, apesar das intervenções previdenciárias, a curiosidade de pesquisar, sempre dialogando com autores clássicos e contemporâneos ao mesmo tempo e assim conseguir pensar o Brasil como problemática sociológica.

Sua grande referência na arte poética é, sem dúvidas, o mato-grossense Manoel de Barros, sobre quem escreve *Manoel De Barros: O Poeta da natureza* (CRUZ, 2008). A produção desse texto se deu no contexto de uma pesquisa maior, denominada *Memórias do Brasil*, levada a cabo pelo Grupo de Pesquisa Cultura, Política e Educação, do qual Dalcy fez parte. O objetivo do projeto era o de conhecer/interpretar autores com uma cosmovisão do Brasil, que contemple cultura/educação/ciência, articulando esse tripé ao processo educacional brasileiro. Por escolha própria, Dalcy pesquisou Manoel de Barros, entendendo-o como um pensador cuja literatura é passível de dialogar com a ciência:

Justifico o meu estudo nessa direção, porque conhecer um pensador através dos seus textos via literatura como romance, poesia, conto, cinema, música, ou mesmo outra forma de interpretar o mundo, é uma das estratégias mais salutares de organização/reorganização de saberes. Dessa forma, a trajetória do poeta aqui referido poderá ser melhor compreendida. É com o seu conhecimento através da sua obra que posso entender as relações dele consigo e com o universo. Quando o mesmo circunscreve o mundo e o que nele é produzido, tanto pelo homem como pela natureza, entendo porque sua escrita é como é e não de outra forma (CRUZ, 2010, p. 02).

Dalcy trouxe outros intelectuais para dialogar com seu autor principal (Caio Prado Junior), tais como: Boaventura de Sousa Santos (2006), Edgar Morin (2000), Ilya Prigogine (2001, 2009) e Maria da Conceição de Almeida (1993; 2000; 2004; 2009). Enfim, pensadores, pesquisadores, professores, artistas que se recusam a pensar unicamente nos estreitos limites da razão e abrem veredas para o sensível, a emoção, a poesia, o imaginário, numa comunhão de beleza e de encontro com homem/natureza, como faz o poeta Manoel de Barros.

Para Dalcy, a literatura de Manoel de Barros, sobretudo sua poesia, permite ver além do real, do cotidiano, as imagens dos mitos obedecendo à dinâmica não racional. Além disso, conhecer o seu texto é de uma grande riqueza, porque envolve sua vida desde o seu nascimento, seu cotidiano, o conhecimento que vinha produzindo a partir das relações que estabeleceu com a natureza, sua vivência na fazenda, possibilitando apreender uma linguagem própria da região do Mato Grosso e de sua cidade Cuiabá. Para Dalcy, Este é um dos aspectos mais interessantes na poesia de Manoel de Barros: “plano que o poema viveu” (CRUZ, 2010). Toda a sua poética nasce da sua cotidianidade. Nascido e vivido na fazenda, o cenário para seus poemas é povoado de árvores, frutos, animais, pedra, céu e rios (CRUZ, 2010).

A proximidade entre Dalcy e Manoel de Barros, se dá no fato de os dois trazerem para seus escritos, ressonâncias das vivências que tiveram com a natureza e que constituíram aspectos importantes das suas trajetórias. Dalcy relata essa relação com muita clareza em seu texto aqui já citado, chamado *Rosário sem contas*, ainda não publicado, no qual ela relata de uma forma poética, como foi sua infância e todas as suas descobertas proporcionadas por sua vivência com a natureza.

Dalcy, em tempos mais recentes, vai renovando sua lista de relacionamentos intelectuais, à medida que se permite conhecer novas teorias e incorporá-las em seus projetos de escrita e militância do pensamento. Tem estado envolvida intelectualmente com Edgar Morin, Ernesto Sábató, Marcelo Gleiser, e Giorgio Agamben. Esses relacionamentos ampliam suas discussões e sua agenda de pesquisas, que objetivam sempre viver em moldes renovados, pela abordagem da complexidade do pensamento e do conhecimento.

4.2 DALCY PELOS OUTROS – PARTE 3

Uma filósofa da vida

– Carmen Suely Cavalcanti de Miranda²⁸ – Colega docente e amiga.

Nós fazíamos pesquisa com paixão, independente se o contexto era público ou privado. Nós brigávamos e ríamos do conhecimento.

Eu conheci Dalcy em 1996 quando entrei na Universidade Potiguar (UNP). Nós entramos juntas, eu estava começando a ensinar e fomos trabalhar com as mesmas disciplinas: Metodologia, Sociologia, Filosofia. Eram disciplinas base de todos os cursos da UNP e fizemos um curso de formação juntas. A partir daí, desenvolvemos essa relação e discutíamos os conteúdos das disciplinas, pensávamos em outras questões relativas à nossa própria atuação, enquanto professoras, articulávamos pesquisas, discutíamos textos juntas. Fizemos uma pesquisa que tratava da história da UNP e foi muito prazerosa. Passávamos tardes inteiras produzindo conhecimento, brigávamos e, ao mesmo tempo, ríamos com o conhecimento. Nós nos divertíamos muito, pois tanto eu quanto Dalcy fazíamos pesquisa com amor. Independente do contexto, de ser público ou privado, fazíamos com muita paixão.

Meu diálogo com Dalcy fluía muito por conta dessa interseção. Dalcy é uma filósofa da vida, com um conhecimento abrangente demais. Nós pensávamos numa perspectiva de sociedade que tinha as mesmas características. Também dialogávamos muito sobre uma perspectiva da educação superior. Dalcy, por ter uma formação em uma instituição pública, trazia elementos que devem ser questionados nessa esfera do público e do privado, mas a gente sempre acreditou que a educação tem que ser pública sim, com o estado garantindo essa educação. Chega um momento que abre um espaço, mas ainda temos muitas pessoas fora da universidade e existe uma grande inversão entre o público e o privado. Quem pode estudar no

²⁸ Carmen Suely Cavalcanti de Miranda é Filósofa e Assistente Social. Professora e coordenadora do curso de Serviço Social da Universidade Potiguar e atualmente trabalha com questões voltadas à ética profissional em Serviço Social.

privado e quem não pode faz o caminho inverso. Nós sempre discutíamos essa inversão.

Sempre dialogamos sobre a importância da autonomia do professor. Ele é universal, ele não é do público nem do privado, ele é universal. Quando Dalcy voltou do pós-doutorado, por uma necessidade de complementação financeira, aliada à vontade de seguir trabalhando, já que a essa altura já estava aposentada da UFRN, Dalcy vai trabalhar na UNP. Logo comecei a perceber que ela passava a influenciar e formar pessoas, tanto quanto formava na UFRN. Ela entendia que o espaço de formação não tem dono para lançar no mundo do trabalho. Por isso, ela ficou tanto tempo lá. Foram oito anos. Nós tínhamos um grupo da UNP que era oriundo da UFRN com outras colegas, mas nós começamos a perceber que a produção do conhecimento estava se efetivando naquele contexto. Dalcy estava levando adiante tudo aquilo que ela acreditava na educação. Isso também a impulsionou a ficar esse tempo todo na UNP.

A questão do temperamento forte de Dalcy, nunca atrapalhou nosso diálogo. Ouso dizer que talvez isso tenha acontecido muito mais na UFRN, pelo tempo que ela viveu por lá. O nosso grupo sempre soube lidar com o humor intelectual de Dalcy, pois nós acreditávamos no que ela trazia para compartilhar conosco. O que a angustiava, era a falta de abertura das pessoas para receber conhecimento, e isso a deixava arisca. Foi uma amizade que extrapolou a intelectualidade. Para lidar com Dalcy tem que saber a riqueza que ela tem, enquanto pensadora e transgressora.

Dalcy também participava de um grupo de estudos coordenado pelo meu esposo Rubem, do departamento de Filosofia da UFRN. O Grupo do Infinito, que abria espaço para toda e qualquer instituição, ou pessoas que quisessem pensar o que era vida, a morte a justiça, e isso aconteceu por mais de um ano, na Livraria Paulus. Dalcy participava como debatedora e também como expositora.

Extrapolávamos as questões formais, fazíamos luaus na praia, ela adorava. O que me influencia da professora Dalcy, e eu trago para a minha profissão docente, é a sede pela produção do conhecimento e o respeito pelo aluno. Eu acho que todos aqueles que passaram por Dalcy se tornaram pessoas melhores e profissionais muito bons, não só na área técnica, mas cidadã. A contribuição dela é infindável de formar

peessoas melhores. Ela formou muita gente, em diversas áreas. A universidade deve muito a ela. Não sei se a universidade compreendeu a intelectual que ela é, e o que ela fez ali dentro, mas ela fez a diferença. Dalcy e eu rompemos com um modelo de vida estabelecido, mas, acima de tudo, acreditávamos na educação na construção de um mundo melhor.

Uma mulher que tatuou conhecimento

– Maria da Conceição Almeida Xavier²⁹ – Colega docente e amiga.

Dalcy nunca foi uma mulher para reproduzir pensadores e sim uma mulher que recriava os pensamentos dos pensadores.

Eu tive o feliz acaso de me encontrar no Planeta Terra com Dalcy, por volta de quarenta e cinco anos atrás, durante o curso de Sociologia e Política na Fundação José Augusto. Foi ali que eu tive a agradável surpresa de conhecer essa mulher: Dalcy Cruz. Para mim, uma grande mulher. Ali eu ocupava uma posição clara de aluna de Dalcy. Nossa relação começa marcada pela hierarquia existente entre professor e aluno, mas também marcada pela admiração que tive por ela, e que fui cultivando e comprovando, durante o tempo que ela foi minha professora em algumas disciplinas que ministrou. Lembro de algumas coisas, que para mim, são caras e devem ser ditas aqui. São coisas que guardei e eu trago do passado desse tempo que convivi com Dalcy. Estudei na Fundação José Augusto, numa época confusa, politicamente falando, pois era o período pré-golpe militar de 64, quando a faculdade foi fechada, muitos colegas presos e torturados de uma forma perversa, como a direita sabe fazer muito bem. Dalcy me abriu o cenário de compreensão da sociedade brasileira, que foi um cenário que ficou em mim para sempre, até hoje. Com o passar do tempo essa forma de ver o Brasil vai se desdobrando com Dalcy, não mais como professora e sim como parceira de pesquisa.

²⁹ Maria da Conceição Xavier de Almeida é antropóloga, professora dos programas de pós-graduação em Ciências Sociais e Educação na UFRN e coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM).

Tenho dela a imagem de uma mulher, de uma professora, que, ao mesmo tempo, tinha um rigor na exposição dos autores e tinha uma ousadia enorme. Foi nessa época que tive acesso a autores que falavam sobre América Latina, sobre a resistência dos trabalhadores rurais. Dalcy fala disso a partir de autores que trabalhavam com a questão agrária pelo viés marxista, bem lido e bem feito. Isso fazia muito o feitiço de Dalcy, que nunca foi uma mulher para reproduzir pensadores e sim para recriar os pensamentos dos pensadores. Dalcy me apresentou André Gunder Frank, que trazia um texto clássico sobre o desenvolvimento do subdesenvolvimento, uma análise marxiana forte, que partia do princípio de que o subdesenvolvimento era uma criação ideológica, pautada pela comparação entre o desenvolvimento e a dinâmica com países de primeiro mundo, o que é lamentável, pois nega a diversidade das histórias vividas. Se dizia então, que o Brasil era subdesenvolvido e, mais na frente, que está em vias de desenvolvimento.

Dalcy em várias disciplinas trazia algumas histórias sobre a condição brasileira: umas mais técnicas, outras mais militantes sobre ligas camponesas e associações de trabalhadores rurais. Ela politizava de uma forma muito avançada para época, a discussão a respeito da função da Sociologia e da Política. A preocupação dela em saber ler bem a realidade, a situação latino-americana, os focos e lugares de resistência para que o Sociólogo, o Politicólogo, o Cientista Social fosse capaz de transformar, e se colocar como um mediador na transformação política e cultural da América Latina. Essa imagem fica forte em mim. Quando eu digo que Dalcy tinha um horizonte, um *corpus*, um caleidoscópio; que era diversa e, ao mesmo tempo, centrada na concepção aberta, polifônica da situação brasileira.

Ela me arrebatou de uma forma política, para ler quem eu li, e leio até hoje de uma forma complexa, compreendendo que nossa função é buscar essas ilhas de resistência para pensar a sociedade. Foi a professora que me marcou mais na minha época de graduação. Ao mesmo tempo em que fazia graduação, eu também trabalhava na Arquidiocese de Natal escrevendo boletins diários, fazendo educação política. Penso que ali eu agia talvez pela incitação, imitação, sensibilização de Dalcy, que me permitiu construir um perfil de quem é o Sociólogo/ Cientista Social, como aquele intelectual que vai e põe a mão na massa, toma um lado e não se torna analista. Isso não foi o que Dalcy me ensinou. Dalcy me tatuou o espírito com tatuagem permanente e eu não quero tirar essa pele que Dalcy me ferrou. Foi ela que

me abriu teoricamente uma perspectiva marxista e que é a minha base, que me faz trabalhar com os autores que dialogo hoje. Ela me permitiu o acesso aos textos clássicos, sobretudo em relação à questão agrária. Foi Dalcy que me abriu esses caminhos e fui tentando por meio da militância espiritual e intelectual, desdobrando em outras matrizes.

Uma outra situação, que se deu quando reencontro Dalcy, não mais como professor-aluno e sim como colegas pesquisadoras, foi por ocasião de um grande projeto brasileiro de pesquisa interinstitucional, o PIPSA (Programa Interinstitucional de Pesquisa Social em Agricultura), do qual participavam grandes intelectuais pesquisadores da questão agrária e rural de vários lugares. Lá pude ver que Dalcy era um dos nomes de ponta da questão agrária no Brasil. Naquele tempo existia uma militância na hora de pesquisar, o que não vemos hoje. É a pesquisa que permite a autonomia do pensamento, dos clássicos. Não sou a mulher dos diagnósticos e aprendi isso com Dalcy. Aprendi a sonhar, a ouvir os relatos e partilhar da história dos trabalhadores do campo que sofriam com aquela realidade.

Essa imagem de uma mulher à frente na vanguarda intelectual, é a que tenho e se manteve depois, quando vi a trajetória de Dalcy, já aposentada, ficar dentro de grupos de pesquisa do professor Willington e no GRECOM. Ela nunca foi uma mulher de um lugar só. Eu me identifico muito com ela, com essa forma ousada de ser que Dalcy é.

Essa mulher que falei até agora, como uma grande intelectual do campo, da liga dos camponeses, do sindicato, ao mesmo tempo vai beber na fonte, para refazer, reorganizar esse lugar de pesquisa. Vai beber justamente de Caio Prado, um homem com várias faces. Essa amplitude do pensamento dele foi o que encantou Dalcy. Não escolhemos os autores que vamos trabalhar o resto da vida. Isso se escolhe por identidade; por se perceber com ele. Se não for assim, é prostituição. Pesquisa é aquilo que arrebatada pelo viés da razão e da emoção.

Essa matriz sobre o rural foi prosseguindo durante a minha vida acadêmica, e foi por uma escolha influenciada por Dalcy, com a pulsão da ordem da terra, do plâncton de uma lagoa, da resistência à monocultura da mente, que ela me ensinou tão bem. A participação de Dalcy na minha vida, opera na organização das bases de

uma matriz de pensamento, que ressignifica experiências do passado e abre cenários para o futuro. Dalcy é uma das intelectuais que comparo a Tereza Aranha, pela questão da resistência, e a Nise da Silveira, pelas escolhas e caminhos subalternos. Eu penso que tanto eu como Dalcy escolhemos caminhos marginais, que incomodam. Talvez Dalcy tenha escolhido esse lugar à margem, porque nunca me pareceu escolher autor nenhum para ser repetidora de autoria, e sim procurou sempre se misturar com o que ela acreditava.

4.3 FILHOS INTELECTUAIS: AMIZADE, CUMPLICIDADE E PARCERIA

A expressão “filhos intelectuais”, é dada pela própria Dalcy, a alguns jovens pesquisadores que já passaram por sua tutoria, ao longo dos vários anos de atuação dela na educação. Esses jovens têm em comum, não apenas uma aptidão para a pesquisa, mas também histórias de vida permeadas de desafios, privações, origens humildes, lutas constantes e vitórias. Por meio de relatos construídos a partir de entrevistas, fomos desvelando o perfil de uma geração de novos intelectuais, formados direta e indiretamente por Dalcy, em uma relação dura e doce ao mesmo tempo. Entre afetos e correções, encontra-se o ensinamento de um jeito de pensar aberto às intempéries dos tempos, afeito à militância com relação a circunstâncias que privam os sujeitos de dignidade, e sensível às ambiguidades e ambivalências dos fenômenos.

Representa uma geração, que Dalcy teve uma imensa contribuição na sua formação, com métodos que ela própria escolheu aplicar, que variam de momentos de acolhimento, ensinamentos, produção intelectual, encaminhamentos e até momentos de decepções e chamadas de atenção. Se, como diz Almeida (2014, p. 49) “educar é, antes de tudo, compartilhar experiências, experimentar sentimentos, transcender a si próprio para alargar-se pelo outro, na sociedade.”, essa nova geração de intelectuais vai dando, cada um a seu modo, continuidade por meio de pensamentos e ações à história de Dalcy. Rodrigo Vianna Salles, José Glauco Avelino Schmidt, Thiago Lucena e Ozaias Batista são alguns desses “filhos intelectuais” de Dalcy. Tiveram oportunidade de lhe conhecer na UFRN, e cada um, ao seu modo, construiu uma relação com ela que ultrapassou barreiras acadêmicas.

Entrevistar esses quatro jovens, possibilitou-me pensar, o quanto é importante ter uma referência intelectual na caminhada acadêmica e da vida. Percebi também que, muitas vezes, há necessidade de sermos duros quando vamos orientar alguém a seguir uma jornada. Em todas as falas, eu vi uma Dalcy que soube acolher com afeto, mas também soube falar sério quando houve necessidade, objetivando sempre caminhos mais promissores para seus filhos intelectuais.

Sobre a nomenclatura dessa categoria, entendemos que há uma Dalcy viva nesses jovens. Uma mistura de filhos, quando eles iam à sua casa não apenas para produzir textos, mas muitas vezes para ouvir uma palavra, um conselho, encontrar um colo amigo. Nessa relação há um toque maternal muito próprio de Dalcy, onde se alternavam momentos de rigor e afetuosidade. Estabeleceu-se então, uma parceria que transcende a idade, e coloca Dalcy como colega de curso desses jovens, fosse produzindo, fosse lendo e discutindo um texto, fosse participando de eventos com eles.

Dalcy generosamente partilhou publicações que fez, com cada um dos filhos intelectuais entrevistados para esta pesquisa. Por exemplo: com Ozaias Batista e Rodrigo Salles escreveu *Universidade Colonizada e Colonizadora*, em (CRUZ; BATISTA; SALLES, 2011). Esse trabalho foi apresentado em um Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS). O texto constrói uma crítica ao formato da universidade, enquanto espaço colonizado e, por consequência, colonizador de formas de pensar. Outro ponto abordado, é como esse modelo se reflete na organização curricular, marcada pelo eurocentrismo. Por fim, eles trazem a necessidade da urgente estruturação de movimentos, que venham a romper com esse cenário, e que tragam uma renovação na forma de construir conhecimento.

Com Glauco Schmidt produziu *Paulo Freire: Complexidade e Pós-colonialismo* (CRUZ; SCHMIDT, 2011). O texto tem como principal objetivo, trazer contribuições de Paulo Freire, enquanto um pensador que, a partir de uma abordagem que hoje poderíamos nominar como abordagem da complexidade, buscou romper com as correntes colonialistas do pensamento, a fim de buscar um diálogo mais aberto com diversas áreas do saber, que compõem o cenário educacional na América Latina. Segundo os dois autores, com sua *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire contestou firmemente práticas autoritárias na formação social brasileira, que remontam ao

período colonial. Seu reclamo se voltaria para uma prática dialogal, cujo uso deveria fazer com que pudesse alcançar a todos igualmente.

O texto *Lugares que educam: o aprendizado nas feiras livres*, publicado em 2011 na *Revista Inter-Legere*, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, foi escrito numa parceria de Dalcy com Thiago Lucena. O texto lança um olhar sobre o processo de ensino-aprendizagem e o intercâmbio de saberes, entre crianças e adolescentes nos espaços das feiras livres. Toma como cenário empírico a feira livre do bairro do Alecrim, em Natal, a qual eles visualizam como uma grande sala de aula a céu aberto, onde se constroem saberes vivos e pertinentes, como na acepção proposta por Edgar Morin em *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2012), para se referir aos saberes que falam a língua dos sujeitos e religam o local e o global.

Na sequência, trazemos o relato estendido das entrevistas, com os quatro filhos intelectuais de Dalcy mencionados (Ozaias, Rodrigo, Glauco e Thiago). Tais relatos revelam a personalidade da educadora integral que é Dalcy e sua capacidade de generosidade, perspicácia, sensibilidade e o exercício de um “método como estratégia” (MORIN. 2003), ou seja, aquele que se faz ao caminhar e a partir da percepção dos limites e potencialidades de cada um.

Tematizamos cada um dos relatos, a partir de frases ou ideias que marcaram mais fortemente a trajetória de cada um dos entrevistados.

Parceira e Cúmplice

– Ozaias Antônio Batista³⁰

A minha maior produção com Dalcy foi a nossa amizade.

Conheci Dalcy na sala de aula no ano de 2007, mais precisamente no segundo semestre do curso de Licenciatura em Ciências Sociais na UFRN, onde ela ministrava a disciplina chamada Pensamento e Imaginário Social Brasileiro. Essa relação foi se estreitando, quando eu comecei a frequentar a base de pesquisa Cultura, Política e Educação, coordenada pelo professor Dr. Willington Germano, da qual ela fazia parte. A Dalcy professora era muito crítica. Até hoje lembrada por muitos companheiros, com relação a um episódio em que um colega de sala perguntou assim: “professora Dalcy, o que são as Ciências Sociais?” e ela respondeu: “As ciências sociais são um invertebrado gasoso”, e nós não entendíamos o que ela queria dizer com isso. Mas hoje entendo que ela falava da amplitude desse curso, do ponto de vista do conhecimento. Dalcy, muito crítica e aberta para o que o aluno tinha a dizer, entendia as nossas limitações intelectuais.

A nossa relação se tornou mais que uma relação aluno-professor, e sim de amizade. Juntos nós publicamos um artigo denominado a *Universidade colonizada e colonizadora*, no qual procuramos mostrar a questão de pensar uma ciência que dialogasse com diversos campos. Sobre o processo de ir à casa de Dalcy, foi tudo muito espontâneo. Em 2009 comecei a frequentar a casa dela, onde estudávamos bastante. De fato, ela sempre assumiu o papel de co-orientação dos meus trabalhos e de outros colegas. Ela sempre perguntava como estava meu texto e dialogávamos juntos. Isso me ajudava a pensar mais sobre o que estava escrevendo. No mestrado³¹, essa relação se solidificou de vez, e isso foi um presente para mim.

³⁰ Ozaias Antônio Batista é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFRN) e professor de Sociologia na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

³¹ Mestrado em Ciências Sociais obtido em 2015, na UFRN, Brasil, com o título: *Infância onírica na leitura de menino de engenho e O Ateneu*, cuja orientadora foi a Prof.^a Dr.^a Ana Laudelina Ferreira Gomes.

Dalcy apareceu na minha vida em momento difícil, quando perdi minha mãe, e ela sempre se colocou à disposição. Isso fortaleceu bastante nossa amizade. Nos tornamos confidentes e companheiros. Lembro de um momento especial quando ela foi passar o Natal na minha casa e foi muito importante.

A Dalcy intelectual é uma pensadora intempestiva, que sempre trouxe o pensamento de forma segura, dialogando, se colocando sempre numa posição de defesa do seu ponto de vista. Ela bagunça as ideias e as reorganiza ao mesmo tempo. Fico muito lisonjeado de ser chamado filho intelectual dela, pois foi ela que me ensinou a pesquisar, cuidou de mim. Dalcy sempre será uma referência para mim, o que um filho tem que ter pela mãe, amor, carinho, respeito. Eu conheci Dalcy na fase da velhice, e eu a vi ser silenciada quando ela queria continuar com o pensamento indomado na academia e as pessoas não entendiam. Uma vez ela me deu um puxão de orelha que me serviu bastante. Eu cheguei a casa dela inseguro com uma situação e ela disse: “rapaz, ânimo! Deixe de ser bobo, a vida não é fácil, mas se vier com moleza, piora!”.

Figura 23: Ailton Siqueira, Dalcy, Willington Germano, Ozaias e Ana Laudelina após defesa de Mestrado em Ciências Sociais de Ozaias em 2015³²



Fonte: Batista (2015)

³² Da direita para a esquerda: Professora Ana Laudelina F. Gomes (orientadora), José Willington Germano (examinador interno), Ozaias Batista, Dalcy Cruz e Ailton Siqueira (examinador externo – da UERN).

Acho que a tese dela sobre Caio Prado deveria ser trabalhada em sala de aula, pois é uma importante referência para se pensar a história do Brasil. Dalcy é essa amiga que fica ansiosa, vibra com as nossas vitórias, que cuida e chama a atenção quando necessário.

Dalcy para mim é uma referência enquanto pessoa, não é nem mais como amiga nem como professora, pois ela me inspira nas esferas da minha vida: trabalho, relações humanas e na esfera familiar. Eu definiria Dalcy com duas palavras: sinceridade e dureza, que são necessárias para a formação do indivíduo. Diante de toda a nossa trajetória juntos, a nossa maior produção foi a nossa amizade.

Vida tocada e transformada

– Rodrigo Viana Salles³³

Quando nem eu mesmo acreditava em mim, Dalcy acreditou!

Conheci Dalcy no meio da minha graduação em Ciências Sociais, na disciplina Sociedade e Educação e, se havia um aluno indisciplinado no curso de Ciências Sociais, esse aluno era eu. Eu não tinha disciplina, nem para cursar as disciplinas. Eu aproveitava o espaço da universidade de outras formas. Já quase no meio da disciplina, já perto de ser reprovado, resolvi ir e, no primeiro momento sentei lá atrás, ainda cheio de preconceitos, do tipo “poxa, essa senhora poderia ficar em casa descansando e está aqui dando aula”, mas resolvi ouvir, era o mínimo que eu poderia fazer, já eu que só chegava atrasado e não lia nada da bibliografia. Na aula posterior, eu já sentei mais na frente, pois o pouco que eu ouvi ela dizer em sala, falava ao meu coração. Antes do final da disciplina, eu já a convidei para ser minha orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso. Eu nem sabia ao certo se terminaria o curso, mas eu vi naquela senhora, que era a pessoa mais velha que tinha passado por mim no

³³ Rodrigo Viana Salles é Cientista Social, doutorando do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UFRN onde pesquisa questões ligadas à educação, ensino de Sociologia e imaginário. É professor de Sociologia da rede de ensino municipal e estadual do Rio Grande do Norte.

quadro de professores, uma pessoa à frente do tempo com relação à concepção de educação e de mundo.

Ao chegar ao final do curso, procurei Dalcy, ela aceitou de prontidão me orientar e logo me perguntou sobre o que eu iria estudar. Aos primeiros encontros eu levei um projeto tímido que se intitulava *Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*, referindo-me ao trecho da música de Raul Seixas. Ao ver o projeto ela conversou comigo, sondou de todas as formas, e me sugeriu algumas leituras. A primeira obra que li foi *Meus demônios*, de Edgar Morin. No outro encontro cheguei sem ler nada, mas mesmo assim ela tentou explorar ao máximo minhas ideias, mas não deu certo. Aí ela pegou um papel em branco e uma caneta e me mandou escrever o que viesse ao pensamento. Ela virou para o outro lado e ficou lendo, me aguardando pacientemente. Ao terminar, ela veio ler comigo e começou a fazer sugestões. Na conversa, ela me mostrou que eu poderia dialogar com alguns autores. Ela me vendeu cada um deles e, como eu tinha um desencantamento com a escola e a infância, me provocou a ler os autores. Assim começaram as nossas orientações de verdade, com dicas, provocações e muito aprendizado. Não demorou mais e as primeiras leituras foram acontecendo e linhas sendo escritas.

Destaco uma particularidade de Dalcy: ela nunca me mandou apagar uma linha. Ao contrário, me estimulava a escrever mais, sempre mostrando caminhos. Todas as vezes que eu levava texto, Dalcy lia em voz alta, semanalmente. Se ela não tivesse me acompanhado, eu não teria terminado. A juventude me proporcionava a despreocupação com o amanhã e Dalcy me ensinou isso pacientemente. O produto final de tudo isso foi uma monografia pouco convencional, numa perspectiva autobiográfica, na qual eu identificava espaços de formação não escolares que ajudaram a me transformar em quem eu era, e fez o caminho contrário ao ponto de, na minha defesa, uma professora perguntar: “Dalcy, qual foi o milagre que você fez com esse menino?”. Ela respondeu: “Eu não fiz milagre nenhum, o problema é que Rodrigo teve péssimos professores e eu apenas deixei ele achar o caminho dele”. Quando terminou a graduação, a sensação que eu tinha é que tudo o que aprendi foi durante esse ano com Dalcy.

A Dalcy nunca me abandonou, eu é que me perdia de vez em quando. Nunca pensei em fazer pós, eu não acreditava em mim, estava passando por problemas familiares e ela me provocou para fazer a inscrição. Por telefone, dizia: “Onde você está? Venha embora agora fazer a inscrição do Mestrado! Faça o que deve ser feito!”. Depois me deu carinho e colo. No mestrado ela sentou várias vezes comigo, sempre acreditando em mim e isso me responsabilizava a fazer algo.

Ao terminar, fiquei desempregado e ia trabalhar em uma pizzaria. Quando ela soube disso, mobilizou muitas pessoas e conseguiu um trabalho na Universidade Vale do Acaraú (UVA) para mim. Depois disso retomei o ânimo para fazer Doutorado. Hoje um grande inimigo que tenho é a falta de tempo e isso deixa nossa relação com espaços demais.

Sobre o lado forte dela, ela sabe exatamente como fazer com praticidade e uma eficácia fabulosa nos momentos que eu mais precisei. Ela sempre soube lidar comigo com o temperamento correto. Dizia: “Vamos lá, a hora é agora de resolver as coisas!”. E isso me faz admirá-la ainda mais.

A UFRN é um espaço que Dalcy teve a oportunidade de fazer muitas coisas: ensinar, militar, aprender. Dalcy não entra na sua vida pela metade, ela te pega e põe debaixo do braço; sonha junto. A UFRN deve ser muito grata por ter tido uma educadora que não era uma funcionária; ela produziu conhecimento revolucionário, complexo, dialógico. Ela sonha por uma ciência e uma sociedade diferentes.

Dalcy me fez repensar e assim me tornei outro. Me ajudou muito além da UFRN. Ela é além da UFRN, é para vida. Dalcy não via barreiras entre os saberes, as disciplinas e dizia assim: “A sociologia é um invertebrado gasoso”. Seu compromisso era fazer ciência. As escolhas ideológicas de Dalcy não eram hegemônicas. No jogo de disputa de poder que a academia tem, Dalcy era apenas educadora.

Acho que Dalcy foi feliz pela sua forma de viver. Todas as vidas que se deixaram ser tocadas por Dalcy se transformaram em carinho, estudo, poesia, devaneios. A grande maioria dos textos que intitulam co-autores são frutos da generosidade de Dalcy, porque ela gostaria de trazer para perto seus alunos. Me recordo de dois textos que produzimos: a *Universidade colonizada e colonizadora*,

fruto de várias discussões sobre o papel da universidade na sociedade; o outro texto foi *A geopolítica do pensamento do sul*, que foi bastante discutido na sua casa.

Existe um outro Rodrigo depois de Dalcy. Todo o caminho que percorro hoje Dalcy foi responsável, ela foi sábia, soube a maneira certa de me acolher no início e de me encantar e me conduzir. Encantado em ser um educador diferente, ver o mundo de uma maneira diferente. No educador Rodrigo tem características de Dalcy. Primeiro eu busco acreditar, assim como ela acreditou em mim, aceitar os desafios como ela aceitou, busco outras estratégias, lições que ela me deu para além da escola e sim para a vida. Na escola eu busco trabalhar com turmas mais diferenciadas, com meninos que são trabalhosos! Eu me vejo neles e me vejo nela também. A palavra que eu destaco com relação a Dalcy é gratidão. Assim como Jorge Amado recontou a Bahia de uma forma diferente, Dalcy me reinventou, acreditou, me poetizou. Acho que não existem categorias para eleger Dalcy, é impossível falar dessa transgressora sem falar da maternidade, dos amores intelectuais, da militância, da poesia, qualquer uma que não estiver presente não será Dalcy.

A importância desse texto não é para que as pessoas tenham acesso a uma biografia, e sim sejam tocadas por Dalcy como nós fomos. É isso que me faz educador, a vontade de tocar outras pessoas como eu fui tocado por Dalcy.

Uma rebelde intelectual

– José Glauco Smith³⁴

Lembrar de Dalcy é experimentar uma rebeldia política!

Eu conheci a professora Dalcy em 2007. Eu fazia parte da base de pesquisa Cultura, Política e Educação e sempre a via dialogando por lá, mas não tínhamos nenhuma aproximação a princípio. Como a universidade era algo novo para mim, eu tinha medo de falar com os professores mais antigos e ela era muito famosa, por sua

³⁴ José Glauco Smith de Lima é Pedagogo e Cientista Social, tem doutorado em Educação também pela UFRN. Atualmente é Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).

vasta produção e também por sua forte personalidade. Posteriormente, me deparo com ela na sala de aula, quando a mesma ministrou a disciplina Sociedade e Educação, e tive esse prazer de ser aluno da mesma. Quando penso nela, penso na palavra rebeldia, do ponto de vista intelectual. Ela nos forçava a ir além do que estava dando nos textos. Nos dizia que não existe conhecimento sem rebeldia, e isso me marcou na minha postura, tanto de estudante quanto de pesquisador. Para mim, Dalcy é uma rebelde cognitiva, contra-hegemônica, que não se prende a convenções, que se aventura no prazer de conhecer e se relacionar com as pessoas.

Depois a nossa relação foi se estreitando na base de pesquisa, quando fui digitando alguns textos e fui à casa dela. Lá, discutíamos textos, aulas, artigos que ela pensava em publicar. Existia uma relação de confiança e honestidade humana que foi importante para o aprendizado. Tivemos um texto publicado, um artigo para o ALAS de Sociologia Latino Americana, que tratava do aspecto pós-colonial de Paulo Freire. As ideias nascidas com esse texto, acabaram por virar minha dissertação de mestrado. Eu não tive condições financeiras de ir ao congresso, mas ela não desistiu disso e foi apresentar o texto e publicou.

Interagir com Dalcy era bem engraçado e desafiador porque quando eu chegava com algo, ela dizia: isso é muito tradicional! Isso ao mesmo tempo era desafiador para mim, pois eu repensava minha prática. Outra palavra que define Dalcy é a pró-atividade, aliada a uma produção politicamente engajada. Dalcy sempre teve uma personalidade forte que marcou muito a subjetividade dela. Cabia a cada um de nós saber lidar com isso, mas o que no fundo ela queria era o nosso avanço. Ela foi e é um exemplo de educadora para mim. Eu procuro hoje como professor agir com essa rebeldia no conhecimento. Sobre a relação dela com a UFRN, eu não consigo pensar o Departamento de Ciências Sociais sem uma menção a Dalcy. Ela construiu maneiras de se portar no mundo. Eu penso que Dalcy caiu na produção simbólica da invisibilidade. Ela contribui com várias áreas da Sociologia Rural, Educacional, e onde está essa produção? Como ela sempre foi arredia às modinhas acadêmicas, isso deveria incomodar muita gente. É como a se produção de uma pessoa com 86 anos fosse menos (coisas da academia). O que amplia a nossa produção de vida é a nossa produção intelectual que deixamos para os outros. Não podemos desconsiderar a contribuição de Dalcy, não só para a Sociologia Rural, mas para a Sociologia de forma geral, enquanto área de conhecimento para a UFRN.

Tem uma fala de Dalcy que não esqueço, do ponto de vista de me vigiar, porque a academia é um campo de produção de arrogância, produção de vaidades exageradas. Disse ela: “Eu vou te pedir uma coisa: quando você se tornar um profissional, você nunca deixe a fogueira das vaidades subir à sua cabeça!” Isso é o que me conforta quando me decepciono na academia. Você vai se frustrar muito do ponto de vista das relações sociais. Siga o conselho de Ítalo Calvino: procure saber no inferno o que não é inferno.” As broncas de Dalcy foram importantes para entendermos que a tristeza tem um papel importante. O que essa fala de Dalcy representa para mim foi a minha melhoria. Tem um lado pedagógico.

A questão da humildade é uma característica dela. São ensinamentos que levarei para o resto da vida. Dalcy era uma espécie de mãe e nos adotava através da academia, o que foi bom para nós e para ela. E aprendemos bastante a vigiar e ser humildades. Esse ambiente é ruim, mas vamos ver quem não é ruim. É justamente nos alunos mais jovens onde vemos a extensão de Dalcy. Ela vai reverberar.

Hoje como professor, tenho de Dalcy a rebeldia intelectual. Vejo que este trabalho de pesquisa de mestrado é político e importante, primeiro para Dalcy, enquanto sujeito humano que produziu conhecimento, mas também para a UFRN que vai conhecê-la melhor.

A caixa das bonecas e o projeto secreto

– Thiago Isaias Nóbrega de Lucena³⁵

O que mais me chamou atenção naquela mulher era o jeito íntimo e pessoal com que ela se reportava aos pensadores

Eu vi Dalcy pela primeira vez no ano de 2005, no início da minha graduação no bacharelado em Ciências Sociais da UFRN. É importante destacar que era um momento em que o curso passava por uma mudança curricular que, na minha opinião,

³⁵ Thiago Isaias Nóbrega de Lucena é doutor em Ciências Sociais, professor da Escola de Ciências e Tecnologia da UFRN, pesquisador do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) e membro da Comissão de Pesquisa da UFRN.

o deixou bem mais interessante do que era anteriormente, porque permite que o aluno forme-se sem a compulsória fragmentação entre Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Willington Germano foi nosso professor em diversos momentos do curso e, em duas dessas ocasiões, quando ele ministrou disciplinas voltadas à construção da Sociologia no Brasil, e num certo dia, ele traz uma mulher, uma senhora de cabelo vermelho que, assim que chegou, nos pediu que fizéssemos um círculo na sala. O que mais me chamou atenção naquela mulher era o jeito íntimo e pessoal com que ela se reportava aos pensadores aos quais se referia. Parecia que eles eram amigos, vizinhos dela. Eu era muito verde, estava chegando do interior e tinha essa vontade de conhecer mais afundo esses pensadores como aquela mulher conhecia.

Essa mulher era Dalcy, ela chegava, fazia aquela grande roda e a aula se tornava uma grande conversa, parecia conversa de calçada e eu aprendia tanto com aquilo, porque encurtava as fronteiras que existiam entre aqueles pensadores e a minha realidade. Foi por ela que eu ouvi falar a primeira vez em Caio Prado Júnior e Octávio Ianni. Hoje em dia, conhecendo-a de perto, é que tenho noção da profundidade do conhecimento dela a respeito desses gigantes do Pensamento Social Brasileiro, e é por isso que ela se refere a eles como se fossem amigos.

O tempo foi passando e ao me aproximar do momento de fazer minha monografia, eu convidei o professor Willington para ser meu orientador. Ele não só aceitou como me convidou para participar das atividades do grupo de pesquisa que coordenava chamado Cultura, Política e Educação. Nessas minhas idas para o grupo, Dalcy sempre estava lá, diariamente trabalhando. Levava uma bolsa de pano com o computador, *pendrive* e muitos livros. Assim nossa aproximação foi se tornando mais efetiva. Ela percebeu que eu tinha facilidade para organizar arquivos e me pedia sempre para digitar alguns textos, arrumar arquivos em pastas, enviar emails, dentre outras atividades mais técnicas.

Certo dia, ela me convidou para ajudá-la em uma tarefa maior: organizar sua biblioteca. Na hora me assustei e pensei assim: “na casa da professora?”, porque até então meu contato com os docentes era sempre muito formal e até mesmo distante. Aceitei o convite e fui muito bem recebido. Naquele dia ela fez um almoço maravilhoso. Como se não bastasse a obstinação intelectual Dalcy ainda tem bons dotes culinários!

No primeiro dia de organização da biblioteca, foi feita uma limpeza e triagem dos documentos e livros, depois fomos etiquetando em caixas arquivos e assim a biblioteca foi tomando um formato. No segundo dia, à medida que eu organizava as coisas ela ia sondando, sem que eu percebesse, quais eram as minhas preferências de pesquisa, o que eu gostaria de trabalhar como temática e já ia soltando algumas dicas de leitura e escrita. Quando voltei no final de semana seguinte, para finalizar a organização da biblioteca, ela, talvez percebendo confiança em mim, me mostrou uma caixa que ela chama carinhosamente de “caixa das bonecas”, onde ela guardava todos os textos que ela produzia, mas que ainda não haviam sido compilados ou publicados. Eram bonecas de textos que ela estava produzindo, para que futuramente viessem a público. Na caixa das bonecas tinha também rascunhos de ideias, recortes de jornais, temas de interesse dela. Eu ficava assustado porque para mim, e hoje eu tenho certeza disso, aquela caixa guardava o mais precioso tesouro dela. Ela sempre me dizia que aquela caixa era muito importante.

Quando terminamos a organização da biblioteca, percebi o quanto aquele espaço era plural. As prateleiras cheias exibiam vários campos da ciência. Eu não tinha noção, mas aquele espaço era resultante de um pensamento complexo, transdisciplinar. Lembro que, nos momentos de catalogação, ela parava e começava a me dar aulas sobre aqueles pensadores. Foi um grande aprendizado arrumar aquela biblioteca, pois as bibliotecas pessoais são como uma parte nossa. Naquele momento eu conhecia Dalcy pelas ideias tão encarnadas na vida. Cada livro de Dalcy tem uma história interessante, falada e escrita. Ao abrir um livro de Dalcy, você se depara com escritos marcando o dia e hora, como estava o clima, se na TV estava passando algo interessante.

A partir daí começava uma grande parceria. Um ajudava ao outro nas atividades acadêmicas, e ela me formava para a vida. No final do curso aconteceram dois momentos decisivos nessa nossa relação: Dalcy estava na minha banca de defesa, na qual fez uma arguição muito atenciosa para cada detalhe do texto. Isso é uma marca muito forte dela que procuro seguir: dar atenção ao que o outro escreve, diz. Ouvir e ler atentamente, sem fazer prévios diagnósticos. Entre as sugestões interessantíssimas que trouxe, ela percebeu no meu texto uma forte aproximação com as ideias de Edgar Morin e o pensamento complexo. Ela dizia: “Ceíça Almeida tinha que estar aqui nessa banca! Você deveria conhecer a base dela mais de perto.”.

Fora da academia, outro momento marcante foi quando fomos, Ozaias, Kelly e eu, à praia com Dalcy. Era uma espécie de celebração da conclusão do meu curso. Foi muito bacana, porque ela se permitiu viver tudo aquilo, como se fosse nossa colega de turma. Fomos de ônibus, depois caminhamos para o Forte dos Reis Magos e, quando fomos retornar, decidimos cortar caminho, mas o lugar era muito acidentado e com arrecifes. Daí Dalcy sugere: “leve-me nos braços, ora!” Peguei ela nos braços e atravessei o lugar. Depois tomamos muito banho de mar e, ao final da tarde, ela comprou água de coco para todos. Enfim foi um dia lindo e feliz para todos nós.

O tempo foi passando, a parceria se fortalecendo, e descobri mais uma afinidade com Dalcy: a língua espanhola. Ela me presenteou com meu primeiro livro em espanhol: *Doce cuentos peregrinos*, de Gabriel García Marquez. Além disso, me emprestava livros e estudávamos juntos. Eu não tinha entre meus planos cursar a pós-graduação, achava que não era para mim e que tinha que começar a estudar para concursos públicos. Dalcy não fez objeções verbais, mas ela tinha um plano secreto.

Em 2009, aconteceu o II Ciclo Internacional de Resiliência e Cultura, que ela fez questão da minha presença, pois o conferencista principal seria Boris Cyrulnik, principal referência da minha monografia. Assisti à conferência e consegui que ele autografasse meus livros. Era a primeira vez que eu via, em carne e osso, uma pessoa que conheci pelas ideias e palavras. No outro dia da programação, Dalcy me leva ao Parque da Dunas e, ao final, me puxa pela camisa e me apresenta a Cyrulnik. Ela, por meio de um francês aportuguesado, fala da minha pesquisa e ele fica feliz, por um aluno de graduação ter dialogado com suas ideias. Dalcy já tinha planos de me inserir no meio acadêmico da pós-graduação, mas eu não entendia isso naquele momento.

Figura 24: Thiago, Boris Cyrulnik e Dalcy no *II Ciclo Internacional Resiliência e Cultura* (2009).



Fonte: Lucena (2009)

Ainda como parte do plano secreto, nesse mesmo ano, Dalcy começa a insistir para que eu vá a um lançamento de um livro no Núcleo de Arte e Cultura (NAC) da UFRN e, mais uma vez, eu sem que eu compreendesse o porquê, fui ao lançamento do livro *Cultura e pensamento complexo*, de autoria de Conceição Almeida e Edgard de Assis Carvalho. Dalcy me ligou várias vezes durante o dia para que eu não deixasse de ir ao evento. Quando eu chego, lá está ela à porta me esperando impaciente com dois livros na mão, dizendo: “está atrasado!”. Sabendo que eu não tinha condições de comprar o exemplar, até isso ela providenciou. Agarrou o meu braço, furou a fila dos autógrafos e disse assim: “Ceixa, esse daqui é meu filho intelectual” e Ceixa escreveu na dedicatória: “Filho intelectual de Dalcy é filho afetual nosso”. Depois sentou-se ao lado dos autores e começou a falar da aproximação entre o meu trabalho e as ideias do GRECOM. Foi outro dia muito especial ao lado de Dalcy. Em seu plano secreto ela me apresentava pessoas que faziam parte de outros grupos da seara acadêmica.

Se aproximava o período da seleção de mestrado e ela sempre me dizia: “Está estudando para a seleção?”. Ela não desistia. Fui aprovado e durante todo o meu mestrado ela me ajudava no entendimento dos textos, íamos para eventos e, finalmente, escrevemos e publicamos juntos o texto: *Lugares que educam: o*

aprendizado nas feiras livres. Esse texto, inclusive, foi fruto do que chamávamos de “orientações clandestinas”, que resultaram na mudança radical no meu projeto de pesquisa. Quando eu estava sem tesão algum pelo meu antigo tema, ela entrou em cena dizendo: “Não sei porque você ainda está choramingando. Mude esse tema, menino!”.

Mais tarde ela participou da minha banca de qualificação e, na ocasião fez uma arguição afetuosa e bastante dura. As informações foram preciosas para remodelar coisas cruciais. No dia da minha defesa ela não foi, estava magoada comigo, tivemos alguns desentendimentos nesse percurso: ela, por ter uma personalidade forte, e eu também. Senti muito a ausência dela naquela manhã, mas depois conversamos e tudo se resolveu.

Características de Dalcy que chamam a minha atenção são: generosidade, solidariedade e humildade intelectual. Não busca se auto proclamar. Quando ela diz “mãe intelectual”, não fala da boca para fora. É uma relação que extrapola a sala de aula. Na época do doutorado vivi momentos difíceis e dolorosos, mas Dalcy sempre esteve ao meu lado. Na ocasião eu também era professor substituto na UFRN e a convidei para um novo tipo de parceria. Passamos a compartilhar uma disciplina na universidade, assim como a conheci partilhando uma com o professor Wellington. A presença dela foi crucial nesse processo. Marcou muito os alunos da disciplina Política Científica e Tecnológica. Estruturamos uma metodologia que tirasse a cara de aula formal da disciplina, mas que fosse um espaço de intimidade com os pensadores. Ela também ia assistir às minhas aulas nas grandes turmas de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS). Ela dizia que queria sentir aquela atmosfera. Ficava lá sentada, levantava a mão, fazia comentários.

Em 2014, no segundo ano de doutorado Ceiza Almeida, então minha orientadora, me trouxe uma missão desafiadora: catalogar, revisar e organizar a produção de Dalcy para ser publicada em formato de livro. Eu tinha diante de mim a oportunidade de abrir e manusear a importante caixa das bonecas. Aquilo representava muito para mim. Foi um trabalho árduo pelo vasto material que ela tem, mas não fiz nada sozinho. Dalcy participou ativamente do processo, digitando textos que só existiam impressos e repassando tudo comigo. Enfim catalogamos tudo e separamos por temáticas. Tive que parar o trabalho porque surgiu a oportunidade de

concurso para professor efetivo na UFRN. Ela, claro, me apoiou e aceitou deixar em *stand by* seu projeto, para que eu pudesse terminar em tempo recorde minha tese, defender e fazer o concurso. Na reta final, fiquei mal da coluna e, num certo dia após a aula de Política, ela vendo que eu não suportava as dores saiu para providenciar comida para mim. Era muita generosidade que eu só poderia processar como mais uma dos tantos ensinamentos para a vida.

Após a fase turbulenta, voltamos a trabalhar no projeto da publicação dos textos de Dalcy, mas, fomos surpreendidos com o incidente da queda que acabou por mudar radicalmente a rotina dela. Reforço aqui a minha promessa de concluir esse projeto, e agora contarei com a parceria de Miriam, que está completamente inserida nesse contexto da trajetória de Dalcy.

Penso que esta dissertação veio em um momento especial da vida de Dalcy, mas também se faz urgente num momento em que a academia está mais do que nunca carente de referências encarnadas na vida. É um exercício de justiça, dar espaço acadêmico a essas vidas dedicadas à construção do conhecimento. A professora Ana Laudelina está de parabéns, não só por acatar o projeto, mas por ser um canal de propagação desse jeito de fazer ciência mais engajado politicamente.

Dalcy é uma dessas pessoas com as quais temos uma dívida impagável, pois construiu a ferro e fogo, as Ciências Sociais, as humanidades aqui no Rio Grande do Norte. Dalcy, com toda essa produção, esse engajamento político, de uma política de civilização, já passou pela Sociologia Rural, foi uma das primeiras professoras do Departamento de Ciências Sociais da UFRN, e a gente acaba falando muito mais de pensadores franceses e não sabemos das joias raras que temos tão perto. Por isso, penso que este trabalho tem também um caráter político de trazer para a cena, uma pessoa que corporifica um modelo de pensamento que religa saberes e não se acostuma com aquilo que está dado e que, pela sede que tem de saber, procura sempre sair do comodismo.

Dalcy é parte da minha vida. Se não fosse pela intervenção direta dela, eu não sei se estaria onde estou hoje. De Dalcy professora, eu carrego comigo a tentativa constante de construir uma intimidade com os pensadores e o pensamento, e proporcionar para os alunos a possibilidade de abrir a caixa preta do conhecimento,

tentando sempre falar sobre determinados assuntos de uma forma mais íntima e pessoal. Aprendi a ousar e arriscar, não só em metodologias, mas nas formas de contagiar pessoas. Outra questão que aprendi com ela, é que não temos que nos aferrar a pensamentos, como se fossem ponto final, como se dessem conta da totalidade dos fenômenos. É preciso atuar em muitas frentes, ter muitos braços, ser militante.



“Não venha para cá com essa história de terceira idade, eu estou velha, percurso da vida.” (Dalcly da Silva Cruz)

5 OS DIAS ATUAIS E MAIS UMA IMPROVÁVEL REORGANIZAÇÃO

Atualmente, Dalcy está com 86 anos de idade (ver figura 25) e está afastada de suas atividades e idas à universidade. Não por vontade própria, mas por adequação às limitações físicas que um acidente ocorrido em 2014 lhe causou. No dia de seu aniversário, 15 de agosto daquele ano, Dalcy sofre uma leve queda à entrada de seu prédio e fratura a cabeça do fêmur. Foram dias muito complicados, pois além do sofrimento com dores, ela nunca se acostumou a ficar durante um espaço considerável de tempo sem desenvolver suas atividades.

Recentemente, ela assumiu uma postura diferenciada da rotina que costumava ter, devido à sua condição física. Mesmo se sentindo contrariada em alguns momentos, Dalcy passa e se dedicar a outras atividades adequadas ao seu contexto atual, tais como: ficar mais em casa, receber os amigos para um café, revisitar seus textos e alguns trabalhos que a mesma orientou, dedicar-se um pouco a sua família, dentre outras coisas.

Figura 25: Dalcy em um recital na Escola de Música da UFRN



Fonte: Araújo (2015).

Antes do acontecido, sua rotina estava voltada a escrever artigos com temáticas diversas, ler vários dos seus exemplares, da revista Carta Capital³⁶, receber pessoas semanalmente em sua casa para conversas e orientações, discutir textos, revisitar livros de sua biblioteca. Ainda sobre sua rotina antes do acidente, semanalmente, Dalcy frequentava a UFRN, fosse para dar celeridade às suas pesquisas, fosse para participar de reuniões do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM³⁷), do qual é pesquisadora permanente. Além disso, mantinha frequente suas visitas à secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, à Cooperativa Cultural Universitária (livraria do campus) e nos recitais e demais eventos da Escola de Música da UFRN (EMUFRN). A academia sempre foi o espaço escolhido por ela para passar a maior parte de seu tempo.

Sua última atuação como professora colaboradora foi em 2014, na Escola de Ciências e Tecnologia da UFRN (ECT/UFRN), na disciplina Política Científica e Tecnológica, em parceria com o professor Thiago Lucena.

Para mim, era fascinante conhecer os meninos da engenharia e poder trocar ideias com eles. Não sei se deu certo, mas eu queria, junto com Thiago, mostrar a possibilidade de pensar na ciência apenas como mais uma via de conhecimento e não como o único caminho a ser seguido (CRUZ, 2016).

Após o acidente, Dalcy vive um momento delicado em sua vida, pois foi submetida a uma cirurgia e passaram-se meses até a sua efetiva recuperação. Foi um tempo em que, além da preocupação com a vida da própria Dalcy, me encontrei de certa forma frustrada, pois acabara de ser aprovada no mestrado e estava cheia de entusiasmo para começar a dialogar de maneira frequente com Dalcy. É como se esta pesquisa houvesse dado seus primeiros passos no que a própria Dalcy chama de “caminho tortuoso”. Então não sabia por onde começar diante do quadro em que ela se encontrava: impedida de andar, com a memória lenta devido à medicação,

³⁶ Revista semanal de informações publicada no Brasil pela Editora Confiança. Tem uma tendência ideológica de esquerda vinculada aos intelectuais políticos e movimentos sociais.

³⁷ Criado em 1992 o Grupo de Estudos da Complexidade da América Latina é o primeiro ponto brasileiro (desde 2000) da Cátedra Itinerante Unesco Edgar Morin. Tem por objetivo, desenvolver pesquisas na perspectiva da complexidade buscando manter um diálogo entre a ciência os saberes da tradição. Disponível em http://www.grecom.ce.ufrn.br/grecom.php?a=g_historia/Acesso em 27/01/2017.

abalada psicologicamente com o que lhe acontecera. Por um momento, senti receio de que nosso projeto não teria condição de ser realizado e ficaria engavetado por algum tempo.

Mais uma vez fui surpreendida pelo que vi diante dos meus olhos. Na segunda semana após sua cirurgia, ao fazer uma visita de rotina, encontro Dalcy na área de lazer do prédio, sentada em uma cadeira de rodas à minha espera, com o meu projeto de pesquisa em mãos, dizendo firmemente “você está atrasada, vamos trabalhar?”. Naquele momento, eu tive certeza da escolha que fiz, ao decidir estudar sobre aquela mulher. Não havia a menor dúvida que o processo de construção desta pesquisa me renderia experiências múltiplas de aprendizagem para o resto da vida.

Ainda sobre aquela cena, tomo emprestado uma expressão utilizada por um de seus “filhos intelectuais”, Rodrigo Viana Salles, que ao falar de Dalcy, sempre a compara com uma fênix, pássaro mítico que ressurgue das cinzas. Mesmo conhecendo o memorial acadêmico dela, o qual me serviu de referência para a construção do projeto de pesquisa, e sendo conhecedora de todas as superações vividas por ela na sua trajetória, aquele ressurgimento também foi considerado por mim como o de uma fênix, com um valor diferenciado. Eu tinha privilégio de compartilhar esse ressurgimento, não com a leitura do seu memorial, e sim ao seu lado, de corpo e alma. Entendia ali o que ela falou a vida inteira sobre caminhos, caminhos tortuosos e descaminhos.

Mesmo diante de dificuldades, Dalcy retoma sua principal atividade com anseio, mais uma vez fazer ciência, orientando e contribuindo com a formação de alguém. Daí por diante, nossos encontros começam a acontecer semanalmente com conversas informais, registro de falas, brincadeiras, busca de livros na sua biblioteca, devaneios, passeios, momentos de discórdia, dentre outros aspectos que vão dando formato a esse trabalho. As idas semanais à casa de Dalcy nem sempre foram proveitosas para nós duas. Dalcy passara a criar uma grande expectativa em relação à construção desse trabalho, não só por se tratar da narrativa da sua vida, mas principalmente pelo fato de ela estar envolvida em uma pesquisa, e de ter a certeza que havia muito trabalho a fazer. Isso constantemente a impulsionou, enquanto cientista que é. Diante disso, me acometia alguma culpa quando, por muitas vezes, tomada pelo cansaço que surgia da minha rotina intensa de estudo e trabalho, não tinha estímulo de ir

encontrá-la, sabia que minha companhia não seria agradável e não produziríamos nada. Em outros momentos ela me ligava dizendo que não estava disposta a trabalhar, que preferia falar sobre outras coisas, e assim construíamos acordos respeitando as limitações de cada uma. Mas uma coisa era certa, eu sempre saía com algum aprendizado, ela sempre me mostrava algo e compartilhava experiências que me faziam pensar sobre a vida.

Uma das questões que me provocavam e que eu precisava entender mais, foi a experiência da velhice, e Dalcy sempre procurou conversar claramente comigo sobre isso. O que eu percebia em nossas conversas, é que Dalcy nunca viu na velhice um motivo para não mais estar apta a buscar o conhecimento. Sobre isso, ela disse assim

não venha para cá com essa história de terceira idade, eu estou velha, esse é o percurso da vida, vivi intensamente e agora vou trabalhando como posso; enquanto eu tiver entendimento estarei por aqui lendo, discutindo concordando e principalmente discordando (CRUZ, 2016).

Essa fala de Dalcy me abriu a possibilidade de pensar mais sobre esse tema, e me impulsionou a inseri-lo na pesquisa. Mesmo não sendo o foco do trabalho, não poderia deixar de abordá-lo, uma vez que é a fase atual da trajetória de Dalcy, e principalmente, por ser nesse momento da vida dela que compartilhei tantas vivências, as quais me provocaram à seguinte inquietação: Como será para Dalcy que construiu uma trajetória tão intensa, marcada por tantos movimentos, viver esse momento da velhice e ter que aceitar o que essa condição lhe oferece?

Partindo disso, fui trocar experiências com uma amiga e colega da pós-graduação chamada Michelle Ferret, quem recentemente defendeu uma notável tese de doutorado, tendo a mesma orientadora que eu, tese denominada “*Por uma poética na velhice asilar: via memórias das casas oníricas de Gaston Bachelard*” (FERRET, 2016). Nesse estudo, ela discutiu com bastante propriedade, e de uma forma poética, a questão do envelhecimento. Nossas conversas tinham muito a render, pois estávamos inseridas em pesquisas que tratavam de mulheres idosas, mas o que mais me interessava em saber, era como foi a relação cotidiana de Michele com as senhoras do *Lar da vovozinha*, local onde pesquisou, e se isso a afetou ou não,

enquanto pesquisadora. E suas falas não me surpreenderam, pois assim como eu, Michele também deixou se envolver por um universo que aquelas senhoras ofereciam, constituídos de encantamento, dor, saudosismo e muita sabedoria.

Também fui buscar em Norbert Elias, na sua obra “Envelhecer e Morrer” (2001), algumas reflexões que me fizessem observar esse momento da vida de uma forma mais suave, me dando assim um maior entendimento de que tempo é esse que Dalcy vive, e de que forma eu poderia administrar isso na construção do trabalho.

Elias (2001) nos chama atenção para a questão da mudança das pessoas após os setenta anos e, principalmente como os outros passam a tratá-las, na grande maioria das vezes de forma diferenciada.

A experiência das pessoas que envelhecem não pode ser entendida a menos que percebamos que o processo de envelhecimento produz uma mudança fundamental na posição de uma pessoa na sociedade, e, portanto, em todas as suas relações com os outros (2001, p. 83).

Ao analisar o pensamento de Elias e pensar na condição de Dalcy, percebo que de fato, é evidente essa mudança de tratamento, e isso é uma coisa que a deixa profundamente aborrecida, embora, ela seja bastante enfática em nos dizer que a limitação dela está no campo físico, o que não a impede de ter de acesso a informações, analisá-las e emitir opinião. “Não me tratem como se fosse criança! Estou velha, mas sei exatamente o que faço, o que penso e o que digo (CRUZ, 2016).

Outro ponto abordado por Elias é a questão do isolamento das pessoas que envelhecem e as consequentes mudanças na vida social. Segundo ele

A separação dos idosos da vida normal e sua reunião com estranhos significa solidão para o indivíduo. Não estou pensando apenas nas necessidades sexuais, que podem ser muito ativas na extrema velhice, particularmente entre homens, mas também na proximidade emocional entre pessoas que gostam de estar juntas, que tem um certo envolvimento mútuo (ELIAS, 2001, p.86).

Mais uma vez Elias me proporciona refletir sobre o tema a partir das minhas vivências com Dalcy. Diante da sua condição física, ela teve que se reorganizar

cotidianamente, e isso ocasionou mudanças no seu convívio social. Ela teve que se adaptar a pessoas novas, com rotinas novas e, de certa forma, precisou se isolar do movimento frenético da universidade. Sua relação passa a ser com a sua própria produção e com os que desejam ir dialogar com ela em sua casa. Mesmo sentindo vontade de ir à universidade, Dalcy fez da sua casa um espaço de construção de conhecimento, buscando em cada detalhe ali presente, sentido para continuar caminhando e pensando na ciência.

Depois disso, Dalcy sugeriu que fizéssemos uma fotografia com as mãos sobrepostas, para marcar o encontro de gerações de duas mulheres cujas trajetórias se cruzavam nas questões de gênero, na escolha da docência e na expectativa de mudança social por meio da educação.

Figura 26: Fotografia oficial do primeiro encontro da pesquisa



Fonte: Lucena (2015)

A figura acima representa oficialmente o nosso primeiro encontro na sua casa, no qual jogávamos conversa fora sobre relacionamentos amorosos, e também sobre a importância da autoestima da mulher em qualquer tempo que ela vivesse. A conversa se delineava de uma forma tão suave que fomos ver algumas fotografias do seu tempo de juventude, depois ela me mostrou algumas roupas e seus diversos lenços, os quais marcam um artefato muito presente e seu toalete. E, por fim,

terminamos nossa tarde pintando as unhas juntas. Naquele momento, Dalcy me mostrava mais uma de suas faces, a qual eu não tinha tanta intimidade: a mulher, que assim como eu, devaneava nesse mundo cheio de encantamentos que é o mundo feminino.

A força regeneradora de Dalcy, se expressa para além da recuperação física, ou de discursos prontos. Ela se expressa também na continuidade de sua produção intelectual. Em agosto de 2016 chega às suas mãos a publicação de *O ensino Superior no Brasil: caminhos e descaminhos* (CRUZ, 2016). Texto dela publicado no livro *Investigação e Educação: diversidade de saberes e práticas* pela AFIRSE, associação para a qual Dalcy dedicou muitos anos de sua vida, produzindo textos, fazendo pesquisas e participando de eventos. Nesse texto, Dalcy apresenta um panorama do Ensino Superior no Brasil e a educação em geral, marcada pela questão da colonialidade eurocêntrica, como também pela ausência do estado como investidor e proponente de reformas que dialoguem com a sociedade, na busca de um ensino de qualidade. Dalcy sugere como caminho, uma educação afinada com a ecologia dos saberes e da ação, possibilitando uma tridimensionalidade do Ensino Superior, como ensino, pesquisa e extensão, mais articulados. Mostra que as crises, os caminhos e descaminhos desse nível de ensino, vêm rendendo muito debate e muita polêmica por parte dos intelectuais, das Associações de Docentes, estudantes e público em geral.

Além da publicação em formato luxuoso feito pela AFIRSE, outro recente fruto da dedicação de Dalcy ao seu projeto intelectual, foi a homenagem recebida em agosto de 2016, por meio de uma exposição que fez parte do *VII Encontro de Estudo das Redes Rurais*, organizado pelo Laboratório de Estudos Rurais do Departamento de Políticas Públicas e do Departamento de Ciências Sociais da UFRN (DPP/DCS). A exposição que continha fotos e fragmentos de textos foi batizada como *Professora Dalcy da Silva Cruz* (ver figuras 25 e 26), dada a relevância de sua atuação e produção na sociologia rural e nas questões agrárias do Brasil e da América Latina. O nome da exposição foi sugerido por minha orientadora, professora Ana Laudelina Ferreira Gomes, e a elaboração do banner ficou sob minha responsabilidade, sendo que a iniciativa da exposição foi uma ideia que tivemos juntas, eu e Ana Laudelina, e cuja proposta foi aceita pela Prof.^a Cimone Rosendo, que coordenou o evento. A exposição continha ainda outras imagens e palavras do universo da Sociologia Rural, e como

nome maior, e em caráter de homenagem, figurava Dalcy. Foi um momento, onde muitas pessoas que passavam pelo evento, tiveram a possibilidade de conhecer um pouco da trajetória dessa mulher, bem como a história de trabalho enquanto professora e também extensionista da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (ANCAR).

Figuras 27 e 28: Exposição de fotografias que homenageou Dalcy na UFRN.



Fonte: Lucena (2016)

Figura 29: Tour pelas praias urbanas de Natal com Dalcy



Fonte: Lucena (2015)

Esta dissertação, ciente de toda a incapacidade de totalidade, conta a história de uma mulher considerada por muitos, como à frente de seu tempo, ousada, múltipla, mestiça das ideias, devido aos diversos espaços que percorreu em sua trajetória e à sua vasta produção intelectual e humana. Mas, segundo a própria Dalcy, em um de nossos primeiros encontros, “este trabalho é a narrativa de uma história como outra qualquer, apenas construída em cima de escolhas” (CRUZ, 2015).

NOTAS FINAIS

O processo de escrita de um trabalho acadêmico é composto por etapas que devem ser vivenciadas, passo a passo, uma vez que o resultado de qualquer pesquisa, seja ela feita de uma forma ou de outra, deixa marcas, não só no campo intelectual, mas na vida do pesquisador. Durante todos os momentos desse processo, situações vão surgindo e comprovando que a pesquisa nunca chegará ao estado da perfeição, será sempre uma construção contínua, quando vista sob várias perspectivas e olhares.

A escrita desta dissertação foi uma experiência inaugural. Mesmo que em outro momento, as circunstâncias me proporcionem a possibilidade de trabalhar com a trajetória de outra mulher, outra intelectual, outra professora, outra militante, nada se confundirá com a história de Dalcy da Silva Cruz.

A trajetória de vida, pode ser descrita como um conjunto de eventos, que fundamentam a existência de uma pessoa. Normalmente é determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao longo de uma vida. A partir disso, é natural que o estudo biográfico sobre uma determinada pessoa se delinear de forma linearizada. Uma das questões que se faziam presentes durante o processo dessa pesquisa, e que me inquietava, era a ideia de trazer a trajetória de vida de Dalcy organizada de forma cronológica, até por que linearidade nunca fez parte da sua história. Muitos foram os caminhos percorridos, até o encontro de uma possibilidade, que se aproximava da forma como eu gostaria de tornar concreta, o processo e os resultados dessa pesquisa.

O contato com o livro *Meus Demônios*, de Edgar Morin, possibilitou-me enxergar, que era possível contar a história de Dalcy seguindo uma cronologia, mas com uma perspectiva plural. As chamadas “reorganizações genéticas” tornaram-se o método de escrita, o que possibilitou organizar as múltiplas cenas da vida de Dalcy. A questão aqui não era marcar uma cronologia e sim a intensidade dos instantes, as formas e as estratégias que Dalcy buscou para sobreviver às imposições da sociedade, esta pautada na valorização primeira do sexo masculino. Nessa

empreitada, procuramos sinalizar as descontinuidades, rupturas e escolhas feitas por essa intelectual que transita por diversos guetos e grupos.

Mas não era só a trajetória que queríamos apresentar nessa pesquisa, procuramos agregar a ela as vozes de interlocutores que tiveram uma significativa relevância na vida de Dalcy, na academia, na política, nas artes e nos afetos.

Por fim, fizemos um levantamento das principais produções acadêmicas de Dalcy, buscando estabelecer uma conexão de alguns textos com sua vida. Esses foram resultado não só da convivência com Dalcy, mas também dos seus interlocutores. Procuramos ver em que contextos e espaços Dalcy produzia, pincelar um pouco seu pensamento, e identificar que contribuições tudo isso teria, para com a ciência e a vida de Dalcy.

Uma importante percepção que veio à tona desde o princípio da pesquisa, foi a autopermissão que Dalcy sempre se deu para bifurcar pensamentos, mudar de concepção, retomar ou ampliar ideias, à medida que acessava outras formas de conhecimento. Quase sempre, o pensamento formado em um contexto, sofre uma espécie de metamorfose com o passar do tempo, por diversos motivos: mudanças políticas, sociais, emocionais, dentre outras. O que um mesmo sujeito pensava e acreditava, em uma determinada época de sua trajetória de vida, pode até manter-se em alguns aspectos, mas também, pode mudar com o passar dos anos. Pode ainda acoplar-se a novos pensamentos, ou negar vivamente ideias anteriores.

O mais difícil e raro nesse processo, é assumir essa metamorfose e pensá-la como necessária e urgente, para que sejamos capazes de “pensar bem”, ou seja, elaborar ideias, estratégias e ações com o que temos à nossa disposição, para fazer ampliar as possibilidades de vida do que nos cercam, conforme acepção de Maria da Conceição de Almeida (2012). Mas, assim como na metamorfose da lagarta em borboleta, na qual muda-se a composição física, mas o sistema nervoso central permanece (MORIN apud ALMEIDA, 2012), na metamorfose da vida de um sujeito, há sempre um “essencial que permanece”, conforme expressão de Clarissa Pinkola Estés (1998). De Dalcy, esse essencial que permanece até os dias atuais, me parece ser a sensação de incompletude, a curiosidade pelo novo, a vontade de aprender e de saber sempre mais.

Ao me deparar com as folhas em branco no início da pesquisa, e agora diante da responsabilidade de escrever as notas finais deste trabalho, inevitavelmente um sentimento de angústia e dúvida pairou sobre meus pensamentos. A entrega e defesa deste texto, representa o fechamento de um ciclo de dois anos de caminhada e muito esforço. Representa também a abertura de novos ciclos que virão, sempre incertos e desconhecidos.

Continuarei visitando Dalcy periodicamente? O que iremos conversar daqui em diante? Será que realmente fiz um trabalho que contempla a amplitude da trajetória dessa mulher? Muitas são as questões, muitos são os pensamentos, mas uma certeza permanece: a dissertação é apenas uma marca escrita formal, pois o que vivi e aprendi com Dalcy; as pessoas que me aproximei por meio dela; as leituras que fiz por sua causa, isso sim, me traz a sensação, de alguma forma, de deixar não só para a academia, mas a todos que tiverem acesso a esse trabalho, a narrativa de uma história construída com lutas, desafios, resistência e muitas conquistas. É o que eu chamaria de uma justiça acadêmica, em meio a um mar de memórias curtas e esquecimento de figuras e ideias seminais.

Dalcy me mostrou, ao longo desses dois anos de intensa convivência, questões importantes que se misturam nos cenários que compõem a vida e a ciência. Fez-me enxergar a importância de constituir estratégias de sobrevivência dentro da academia, a necessidade de repensar os conceitos, que vão ganhando novos formatos com o tempo, a urgência da delicadeza no anúncio de verdades, que podem inclusive doer, o imperativo político de fazer militância por meio da educação para o bem viver, de intensificar o ato de viver diariamente, sem ter medo do que o futuro trará.

O que vem daqui por diante, em relação à produção dessa intelectual não se sabe, o que se sabe é que, proporcionar à sociedade ler Dalcy, seria dar acesso a um pensamento que mistura sonhos, poesia, militância, complexidade e resistência, características essas tão necessárias diante do tempo de agonia planetária que vivemos.

Não se encerra uma trajetória como a de Dalcy, se abre espaço para que novas pesquisas, novas leituras sobre a sua produção sejam realizadas, na certeza que o resultado sempre deixará marcas tatuadas no pesquisador e no leitor.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memórias, Narrativas e Pesquisa Autobiográfica. História da Educação** (UFPEL), Pelotas. 2003.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. **Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada, politização do pensamento.** Natal: EDUFRN, 2012.

_____. Entrevista concedida a Miriam Flávia Medeiros de Araújo em 15 de Ago. de 2016.

_____. **Narrativas de uma ciência da inteireza.** In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino.** Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

_____. OLIVEIRA, Josineide Silveira de; SOUZA, Louize Gabriela Silva de (Org.). **Palavras úmidas: homenagens, prefácios e outros escritos.** Natal: Coleção Baobá, 2014.

ALVES, Ana Karina da Silva. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres.** In: IV Seminário CETROS, 2013, Fortaleza. IV Seminário CETROS- anais, 2013

ALVES, Janicleide Martins de Moraes. **Memorial das Ligas Camponesas: preservação da memória e promoção dos direitos humanos.** Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

ANDRADE. Erasmo Costa. Entrevista concedida a Miriam Flávia Medeiros de Araújo em 14 de jul.2016.

ARAÚJO, Maria Paula; SANTOS, Desirree dos Reis, SILVA, Izabel Pimentel da (Org.). **'Ditadura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho.** Rio de Janeiro: ponteio, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1997.

BATISTA, Ozaias Antônio. Entrevista concedida a Miriam Flávia Medeiros de Araújo em 02 de Ago.de 2016.

BETTO, Frei. **O que é Comunidades Eclesiais de Base.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRIAN, Denis. **Einstein: a ciência da vida**. Tradução Vera Caputo. São Paulo: Ática, 1998.

BRUSCHINI, Cristina. **O Trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes**. Revista estudos feministas. pgs. 179 a 199. Fundação Universitária José Bonifácio. Rio de Janeiro. 1994

CATANI, Denice Bárbara. *Et al.* O que eu sei de mim: narrativas autobiográficas, história da educação e procedimentos de formação. **Educação & Linguagem**, São Paulo, v. 8, n. 11, p. 31-50, 2005.

CRUZ, Dalcy da Silva. **Memorial: quem sou eu**. Natal: [s. N.], AFIRSE, 2014.

_____. A participação da mulher no Brasil hoje. In: Seminário mulher e debate, 2000. Natal. In: A história oficial omite, eu conto: mulheres em luta no Rio Grande do Norte de 1980 a 2000/FERNANDES, Maria Rizolete. Natal/RN; EDUFRRN-Editora da UFRN, 2004.

_____. **Educação superior: mudanças e controvérsias**. In: Congresso Internacional da Afirse / V Colóquio Nacional, 2009, João Pessoa. Políticas Educacionais e Práticas Educativas. João pessoa: UFPB, 2009. V. 1. P. 1-1.

_____. Entrevista concedida a Miriam Flávia Medeiros de Araújo em 10 de Mar.2015^a,2015^b,2015^c,2015^d,2015^e,2015^f,2015^g,2015^h.

_____. Entrevista concedida a Miriam Flávia Medeiros de Araújo em 03 de Fev.2016^a,2016^b,2016^c.

_____. Entrevista concedida a Tarcísio Gurgel sobre sua trajetória de vida no Programa Memória Viva . (Programa de TV).Natal: TVU-RN, 11 de Out.2013.

_____. FERREIRA, Maria Salonilde; LOPES, Marlúcia Barros (Org.). **O ensino superior no Brasil: caminhos e descaminhos**. Fortaleza: Impreco, 2005.

_____. **Imagens planetárias**. In: Terceiro Seminário sobre Transdisciplinaridade e Complexidade: abraçando os saberes na educação, 2006, natal. Anais. Natal: GETC/CEFETRN/GRECOM/UFRN, 2006. V. I. P. 20-20.

_____. **Manuel de Barros: um poeta da natureza**. In: II Ciclo de Estudos em Ciências Sociais da UFRN, 2008, Natal. Anais. Natal: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFRN, 2008. V. UNICO.

_____. MIRANDA, Carmen Sueli Cavalcanti de . **Por uma pedagogia ética e cidadã**. In: XV seminário de pesquisa do CCSA/UFRN, 2009. Ciência e saúde coletiva (impresso). Natal: UFRN, 2009. V. 1. P. 1-12.

_____. MIRANDA, Carmen Sueli Cavalcanti de. **Por uma educação libertadora.** In: XIV Semana de Humanidades, 2006, Natal. Anais do XIV semana de humanidades. Natal: EDUFRN, 2006. V. I. P. 56-56.

_____. **O cientista Social: Qual o seu compromisso com realidade histórica?** In: Palestra proferida para o Curso de Ciências Sociais da UFRN, Natal, 1985.

_____. **Rosários sem contas.** Texto sobre a infância de Dalcy. Natal: [s. N.], 2014.

_____. SALLES, Rodrigo Viana; LIMA, José Glauco Smith de. **Paulo Freire: complexidade e pós-colonialismo.** In: XXVIII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia - ALAS, Recife, 2011.

_____. **Transformações sociais ocorridas na transição de uma economia de Base agrária, para uma economia de base industrial.** Monografia apresentada à banca do Departamento de Estudos Sociais para Concurso Público de Professor Assistente da UFRN. Natal: [s. n.], 1997

ELIAS, Norbert. **A solidão dos Moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer.** Tradução: Plínio Dentzien. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com lobos:** mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Tradução Wadéa Barcelos. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

_____. **A ciranda das mulheres sábias:** ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. São Paulo: Rocco, 2013.

_____. **O dom da história:** uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FARIAS, Genilson Azevedo. **Auta de Souza no espaço público da imprensa e da literatura brasileira oitocentista.** Caravela: Revista de Literatura Potiguar, Natal, 05 nov. 2015.

FERRET, Michelle Badiali. **Por uma poética na velhice asilar:** via memórias das casas oníricas de Gaston Bachelard. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Comunicação Docente. São Paulo:** Edições Loyola, 1975.

GASPARI, Leni Trentim. **Educação e Memória:** Imagens Femininas nas “Gêmeas do Iguazú” nos anos 40 e 50.. Dissertação (Mestrado em Educação)– Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2003.

GERMANO, José Willington. Entrevista concedida a Miriam Flávia Medeiros de Araújo em 20 de Jul. de 2016.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. **Auta de Souza**: a noiva do verso. Natal: EDUFRN, 2013.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HENRIQUE, Maria do Socorro Cruz. Entrevista concedida a Miriam Flávia Medeiros de Araújo em 12 de Fev.2016.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução Maria Luíza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LIMA. Ferreira Machado Hermano. Entrevista concedida a Miriam Flávia Medeiros de Araújo em 16 Jul.2016

LIMA. José Glauco Smith de. Entrevista concedida a Miriam Flávia Medeiros de Araújo em 26 de Ago. 2016.

LUCENA, Thiago Isaias Nóbrega de. **Feiras Livres**: cidades de um só dia, aprendizados para a vida inteira. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)– Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

_____. Entrevista concedida a Miriam Flávia Medeiros de Araújo em 17 de Jul.de 2016.

_____. **Escrever o movimento**: o cinema Itinerante como reinvenção de uma estética do viver. 2014. 156 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)– Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MARINHO, André Luiz Santana. **A praça, de novo, volta a ser do povo**: um estudo etnográfico do espaço e da prostituição na Praça Gentil Ferreira. Natal: UFRN, 2003.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. **Eu não vim fazer um discurso**. São Paulo: Record, 2003.

_____. **Viver para contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MIRANDA. Carmen Suely Cavalcanti. Entrevista concedida a Miriam Flávia Medeiros de Araújo em 28 de Jul.de 2016.

MORIN, Edgar. **Diário da Califórnia**. Tradução: Carmem Cacciaccaro. São Paulo: Edições SESC, 2012.

_____. **Meus demônios**. Tradução Leneide Duarte e Clarisse Meireles. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Meus filósofos**. Tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2013.

_____. MORAES, Maria Cândida; ALMEIDA, Maria da Conceição de (Org.). **Os sete saberes necessários à educação do presente: por uma educação transformadora** – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

_____. **O Método I: a natureza da natureza**. Tradução Ilana Heinberg. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **Para onde vai o mundo?** Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

_____. **Rumo ao abismo?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. VIVERET, Patrick. **Como viver em tempos de Crise?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. **Mobilidade psicossocial: a história de Nil na cidade vivida**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. **A cidade e a guerra: a visão das elites sobre as transformações do espaço da cidade do Natal na segunda guerra mundial**. Tese de Doutorado (Desenvolvimento Urbano). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

PEIXOTO, Marcus. **Extensão rural no Brasil: uma abordagem histórica da legislação**. Brasília: Consultoria Legislativa do Senado Federal, 2008.

PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, Razão e Paixão**. CARVALHO, Edgard de Assis, ALMEIDA, Maria da Conceição de. (Org.). 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. 341 p.

RAPÔSO, Maria da Conceição Brenha. **Movimento de Educação de Base-MEB: discurso e prática**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Instituto de estudos avançados em Educação. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1982.

ROGRIGUES, Valéria, Leoni. **A importância da mulher**. [2003] Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>. Acesso em: 19/02/2015.

SÁBATO, Ernesto. **A resistência**. Tradução: Sergio Molina. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SALLES, Rodrigo Viana. Entrevista concedida a Miriam Flávia Medeiros de Araújo em 18 de Ago.de 2016.

SILVA, Francinaide de Lima. **O Grupo Escolar modelo Augusto Severo (1908-1928): vinte anos de formação de professores**. 2010.159f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

SILVA, Francisco Lucas da. **A natureza me disse**. Natal: Flechado Tempo, 2007.

UFRN. CCHLA, Curso de Ciências Sociais. **Projeto Político Pedagógico de Ciências Sociais** (PPPCCS. UFRN), Natal. 2004.

WEBER, Max. **A política como vocação**, em GERTH, Hans Heinrich. e MILLS, Charles Wright, Org. Max Weber – Ensaios de Sociologia, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1967.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA: CATEGORIA: FAMÍLIA

- 1- Você lembra momentos da infância de Dalcy?
- 2- Como era o comportamento dela com a família?
- 3- Existiu algum momento delicado entre e você e Dalcy?
- 4- De que forma a família conduzia o lado de mulher independente de Dalcy?
- 5- Como você analisa a trajetória de Dalcy? 6 - Qual a sua opinião sobre o trabalho?

ROTEIRO DE ENTREVISTA: CATEGORIA: AMIGOS, COLEGAS DE TRABALHO

- 1 - Desde quando você conhece Dalcy ?
- 2 - Quando começa de fato sua relação com Dalcy?
- 3 - Qual a importância de Dalcy para a UFRN e o Departamento de Ciências Sociais?
- 4 - Existiu algum momento delicado entre e você e Dalcy?
- 5 - Você produziu intelectualmente com Dalcy?
- 6 - Você acha que Dalcy, de uma certa forma, foi silenciada na universidade?
- 7 - Qual a sua opinião sobre esse trabalho?

ROTEIRO DE ENTREVISTA: CATEGORIA: FILHOS INTELECTUAIS

- 1 - Desde quando você conhece Dalcy ?
- 2 - Quando começa de fato sua relação com Dalcy?
- 3 - Qual a importância de Dalcy para a UFRN e o Departamento de Ciências Sociais?
- 4 - Existiu algum momento delicado entre e você e Dalcy?
- 5 - Como se deu esse movimento de Dalcy orientar você em casa?
- 6 - Existe alguma característica de Dalcy professora em você?
- 7 - Qual a sua opinião sobre o trabalho?

CRONOLOGIA DA TRAJETÓRIA DE DALCY DA SILVA CRUZ

